

Memórias do Cotidiano IV

*Narrativas dos Servidores
Experiências em Gestão de Pessoas*



Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo
Coordenadoria de Recursos Humanos

Memórias do Cotidiano IV

Organizadores:

Alexandra Rodrigues de Lima

Daniela Cristina Manoel

Janete Lourenço Sgueglia

Marli Aparecida Correia Torres

Renan Matheus Predasoli

Renata de Barros Teixeira

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo

Secretário: Eleuses Paiva

Secretária Executiva: Priscila Perdicaris

Coordenadoria de Recursos Humanos

Avenida Dr. Arnaldo, 351 Pacaembu

São Paulo-SP - CEP 01246-000

Tel.(11) 3066-8717/8696

www.crh.saude.sp.gov.br

Coordenadora: Sandra Siqueira Lima

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pelo Centro de Documentação – Coordenadoria de Controle de Doenças/SES

©reprodução autorizada pelo autor, desde que citada a fonte

Memórias do cotidiano IV: narrativas dos servidores experiências em gestão de pessoas.

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo/Organização:
Coordenadoria de Recursos Humanos.- São Paulo: Type Brasil, 2024.
196f. : il.

Vários autores.

ISBN 978-85-58472-41-2

1. Memórias. 2. Recursos Humanos. 3. Pessoal de Saúde. 4. Narrativas Pessoais. I. Coordenadoria de Recursos Humanos.

SES/CCD/CD 117/24

NLM W 76

Elaborada por Renan Matheus Predasoli CRB 8/9275

Dedicatória

A realização de um sonho

Se eu pudesse resumir em uma palavra o que sinto à frente da Secretaria de Estado da Saúde essa palavra seria gratidão.

Gratidão ao governador do Estado, Tarcísio de Freitas, por acreditar que podemos fazer a diferença na vida de milhões de paulistas. Gratidão à equipe que acompanha os desafios que aceitamos ao longo desta jornada. Gratidão à minha família que, por muitas vezes, é privada da minha presença, mas tenho certeza, celebram as nossas conquistas. Gratidão aos profissionais de saúde que vivem pela vida do próximo. Sobre tudo, gratidão a cada um de vocês, colaboradores da SES, verdadeiros apaixonados e comprometidos em diariamente oferecer o melhor para a saúde da população.

Tudo vale a pena. Desde que me formei médico sempre tive contato com a realidade da saúde pública em nosso país. Tornei-me professor e, assim, pude passar aos meus alunos a importância da atenção qualificada e a responsabilidade que nos dão o jaleco e o estetoscópio.

Fui presidente na seccional rio-pretense da Associação Paulista de Medicina (APM) e também da Associação Médica Brasileira (AMB) o que me levou, naturalmente, ao engajamento na política brasileira. Como deputado federal, atuei em diversos projetos em defesa da medicina e da saúde

pública, procurando expressar a voz dos médicos no Congresso Nacional.

Transformar, fazer e inovar. Foi com essa missão que assumi a vice-prefeitura e a secretaria de saúde de São José do Rio Preto, trabalhando arduamente para estabelecer a parceria necessária com o Departamento Regional de Saúde (DRS) e a Coordenadoria de Regiões de Saúde (CRS).

Essa trajetória que me trouxe aqui. Secretário da Saúde de São Paulo posso dizer que trabalhamos com o superlativo. São Paulo é o estado com maior número absoluto de médicos do País. São mais de 166 mil médicos em atividade no estado; auxiliares, técnicos e enfermeiros, abrangem mais de 795 mil profissionais; e mais de 184 mil dentistas; e o mesmo acontece com os demais profissionais da saúde como nutricionistas, farmacêuticos, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, optometristas, educadores físicos, biomédicos, terapeutas ocupacionais, radiologistas, técnicos em enfermagem, técnicos em nutrição dietética, técnicos em prótese dentária, paramédicos, técnicos em análises clínicas, técnicos em radiologia, entre outras.

Somos responsáveis por 103 hospitais administrados por gestão direta, indireta ou por Organizações Sociais de Saúde (OSS). São 81 ambulatorios, sendo 63 Ambulatorios Médicos de Especialidades (AMES) e 46 AMES+. Além de 21 unidades da Rede Lucy Montoro. E temos mais em andamento: os hospitais Circuito da Fé, Rota dos Bandeirantes, Itapetininga e Birigui e na cidade de Presidente Prudente uma unidade da Rede Lucy Montoro.

O compromisso da gestão Tarcísio de Freitas logo quando assumimos a SES foi cumprido: mais de 2,4 mil leitos reabertos, o que representa 12 novos hospitais de médio porte para a população do estado. Implementamos a Tabela SUS Paulista, o Incentivo à Gestão Municipal (IGM SUS Paulista), a

Saúde Digital e rodamos os municípios dialogando e construindo uma rede de regionalização da saúde para trabalharmos minimizando as desigualdades e ofertando atendimento.

Com planejamento, coragem e ousadia estamos superando obstáculos, reorganizando e fortalecendo o Sistema Único de Saúde (SUS) para atender mais e melhor a nossa população.

Estamos batalhando juntos. Aqui na SES fui bem recebido em todos os setores. Deram-me a oportunidade para conhecê-los, ouvi-los e agradece-lhes pessoalmente por entregar-lhes à sociedade.

Temos ainda muito que aprender, fazer e entregar. Seguiremos, com a colaboração de todos, compartilhando o orgulho da nossa Secretaria e o cuidado da saúde de mais de 44 milhões de paulistas.

Muito obrigado.

Eleuses Vieira de Paiva
Secretário de Saúde do Estado de São Paulo

Agradecimentos

Nossos sinceros agradecimentos ao Sr. Secretário de Estado da Saúde de São Paulo, aos Coordenadores desta Secretaria e a todas as unidades que contribuíram para a construção desta edição, enviando fotos e dedicatórias dos servidores de suas respectivas unidades.

Agradecemos aos servidores em exercício, aposentados e aos demais, que trilharam um caminho nesta Secretaria e compartilharam histórias do seu cotidiano, emergidas da prática ou vivência enquanto complemento do processo de Gestão de Pessoas.

Agradecimento especial aos participantes da Banca examinadora das narrativas aqui escritas:

Ana Claudia Martins
Betty Boguchwal
Cecília Santos Silva Abdalla
Claudio Celso Monteiro Junior
Cristiane Naves dos Reis Loyolla
Cybele Regina Melo dos Santos
Denise Maria Bussoni Bertollo
Edlaine Faria de Moura Villela
Francisca Marcelina dos Santos
Gisele Novais dos Santos
Haino Burmester
Lais Tonetti Karepovs

Liliane Ventura de Souza Benevides
Luiz Vinicius do Prado Molitor
Maria Lúcia Siqueira
Monique Borba Cerqueira
Nádia Margareth Andrade Silva
Nayara de Fátima Mazini Ferrari
Raquel Florio da Cunha
Regina Garcia do Nascimento
Renata de Barros Teixeira
Rosangela Rodrigues
Rosimeire da Silva Eugênio

Sumário

1ª PARTE

Prefácio.....	11
A Biblioteca Mágica do Instituto Adolfo Lutz.....	13
A Imprescindível Capacitação Técnica-Profissional Realizada no Conjunto Hospitalar de Sorocaba.....	15
A Política de Humanização na Prática.....	18
A Secretaria da Saúde e o Uso Medicinal da Cannabis.....	21
Almoçoterapia.....	24
Aqui é a "NÓIS-QUIPE"	27
Buscando Novos Caminhos	31
Como Será o Amanhã.....	34
Construindo uma história dentro do SUS aos 60 anos.....	39
Da Saúde à Saúde, Me Apeguei.....	41
De Gestão de Pessoas na Secretaria para Gestão de Pessoas da minha empresa.....	45
Experiências Desafiadoras e Desenvolvimento Profissional.....	49
Lição para a vida toda.....	51
Mais um Capítulo da Minha História de Amor com o Pérola.....	54
Minha Experiência na Pandemia Covid-2019.....	57
Minha História na CRH: "Obrigada pelo dia de hoje"	59

Minha jornada na Secretaria da Saúde: Entrelaçando experiências e construindo um legado	64
Minha trajetória no CCI.....	68
Minha trajetória pelo SUS.....	71
Não era um sonho.....	74
O Poder da Acessibilidade.....	76
O Preço do Abandono.....	79
“Óia Nóis-Quipe Aqui Traveiz”	84
Servidor Público, por que não?.....	88
Trajetoária Profissional em Forma de Ciclo.....	91
Transformação de Fora para Dentro.....	95
Um Bom Começo faz Toda a Diferença.....	98
Um dia Controlando as Chamas.....	101
Um novo início, realidades diferentes.....	104
Uma experiência para toda a vida.....	107
Viagem no tempo 1º parte.....	113
Viagem no tempo 2º parte.....	114
Vivendo de Lembranças.....	118

2º PARTE

Dedicatórias aos servidores da Secretaria de Estado da Saúde	120
--	-----

3º PARTE

Memórias que não devem ser esquecidas.....	171
--	-----

Prefácio

O presente livro foi idealizado pelo Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto, da Coordenadoria de Serviços de Saúde da SES/SP denominado “Memórias do Cotidiano” teve como premissa, em sua primeira edição, publicada em 2017, o resgate da história do hospital através de narrativas de servidores que se encontravam em processo transitório para a aposentadoria, culminando em um riquíssimo acervo de recordações.

Em sua segunda edição, o livro apresenta histórias vividas pelos diversos servidores, de forma a relacionar vida pessoal e profissional em um movimento fluido e simultâneo, culminando para um olhar vivo da produção.

A terceira edição, em 2023 damos continuidade às experiências empíricas cotidianas do âmbito profissional com enfoque na relação dos servidores aos patrimônios imobiliários referentes às instalações das SES/SP, bem como o evidenciam sob a perspectiva histórica e arquitetônica.

Após todas as contribuições, que consolidaram as três edições anteriores, proporcionando uma identidade detalhada, em caráter estrutural, profissional e humano das SES/SP, nasce a quarta edição, o “Memórias do Cotidiano IV” cujo objeto é analisar os pressupostos básicos da Política de Gestão de Pessoas, da Secretaria de Estado da Saúde, onde os gestores, em primeira esfera de prioridades, tem a relação humana em âmbito profissional, desempenhando funções e executando processos, buscando,

a cada momento, o aperfeiçoamento e sucesso do SUS.

Tal projeto objetiva reunir, consolidar e disseminar o registro das vivências e memórias dos servidores, bem como, dos serviços relacionados diretamente às coordenadorias da SES/SP que, em sua linha temporal de prestações de serviço reconta a história destes sob a ótica das pessoas que os desenvolvem cotidianamente e que prezam pela excelência e sucesso do SUS.

Em suma o registro das histórias dos servidores tem como foco a valorização de suas contribuições e vivências empíricas em retribuição e reconhecimento à dedicação mediante os trabalhos por eles desempenhados.

Orgulho de ser SUS. Tenham uma boa leitura.

Sandra Siqueira Lima

Coordenadoria de Recursos Humanos

A Biblioteca Mágica do Instituto Adolfo Lutz

Frequentar a Biblioteca do Instituto Adolfo Lutz Central (IAL), foi uma experiência repleta de aprendizado e memórias. Essa biblioteca é um tesouro encantado, que ultrapassa as barreiras do tempo e do saber. Desde a sua entrada, o ambiente respira história, informação e sabedoria, possibilitando um refúgio intelectual único para aqueles que buscam ampliar seus conhecimentos. Lá, pude estudar, pesquisar e aumentar meus conhecimentos na área da Saúde e da pesquisa científica.

O prédio onde a biblioteca está localizada é um dos pavilhões remanescentes do primeiro Hospital de Isolamento da capital de São Paulo, onde o Dr. Emílio Ribas atendia seus pacientes, o que acrescenta à biblioteca um toque especial, carregado da História da Medicina, e que contribui para a atmosfera ímpar do local.

O prédio é tombado pelo Patrimônio Histórico, o que confere sua importância histórica. Sua arquitetura sempre me encantou e, ao adentrar as suas portas, após passar por um terraço charmoso, somos envolvidos por um clima tranquilo e acolhedor. É quase como se, nas suas paredes, ecoassem as descobertas e os avanços científicos da Saúde Pública e da Medicina. Seus corredores silenciosos e suas mesas de estudo proporcionam um ambiente adequado, permitindo a concentração.

Muitas e muitas vezes passei horas ali estudando, pesquisando, escrevendo minhas teses e artigos científicos. As memórias construídas ao estudar nesse espaço são tão valiosas e saudosas, quanto as informações contidas nos livros. Além do acervo bibliográfico, muito rico, a equipe que lá trabalha, sempre dedicada e experiente, está sempre pronta a nos auxiliar.

Frequentar a biblioteca do IAL não é simplesmente um ato de estudo, é uma experiência imersiva na História da Medicina no Brasil.

Para mim, a atmosfera da “Biblioteca Mágica”, como eu a chamo, é singular, envolta em uma aura de respeito pela tradição e paixão pelo conhecimento e o saber.

A “Biblioteca Mágica” do IAL, com seu caráter histórico, tornou-se para mim mais do que um local de estudo, foi um refúgio e abrigo para as horas em que a concentração e o foco para escrever se faziam necessários.

Maria Lúcia Siqueira

A Imprescindível Capacitação Técnica-Profissional Realizada no Conjunto Hospitalar de Sorocaba

Minha caminhada pelas veredas da Saúde Pública não seria mais a mesma após ser aprovado em concurso público de efetivação para o cargo de Cirurgião-Dentista do Núcleo de Gestão Assistencial 19 (NGA-19), em Itapetininga, no ano de 1993.

Tratava-se da implantação do Serviço de Cirurgia e Diagnóstico Bucal, que iniciaria em 1994, e se propunha a atender em nível secundário, os sete municípios abrangidos pelo Escritório Regional de Saúde de Itapetininga (ERSA-36).

Na ocasião, o gestor do ERS-36 era o Dr. Roberto Lima de Lara, um comprometido Cirurgião-Dentista Sanitarista, idealizador dessa proposta de importância primordial para a Odontologia Sanitária, o qual previu a necessidade de capacitar-me na área da Cirurgia Bucal por um serviço semelhante, ao que seria desenvolvido no NGA-19. Para tanto, ele não economizou esforços e mobilizou todas as facilidades de valorização de meus potenciais profissionais, reconhecendo minhas qualidades de estudioso da Ciência Odontológica e o meu interesse por Estomatologia e Patologia. O visionário gestor disponibilizou um ambiente adequado tecnologicamente, possibilitando, assim, que eu me sentisse acolhido e motivado para iniciar a nova empreitada profissional, expondo-me competentemente as diretrizes organizacionais da Secretaria Estadual da Saúde (SES), bem como todo o arcabouço normativo que nos norteava, em estreita consonância com o do Sistema Único de Saúde (SUS).

O ponto alto desse projeto foi o respeito ao meu profissionalismo, ao me

proporcionar a imprescindível capacitação técnica-profissional em Cirurgia e Diagnóstico Bucal, pelo Serviço de Assistência Odontológica do Conjunto Hospitalar de Sorocaba, comandado pelo Cirurgião Buco Maxilo Facial, Dr. Celso Machado de Araújo Filho. Capacitação essa que, por dois anos seguidos (1994 e 1995), me concedeu o privilégio de conviver e aprender com um experiente cirurgião, que me deu provas de sua eficiência profissional e singular personalidade ao atender, de forma serena, polida e competente os diversos pacientes que se direcionavam ao Hospital Leonor Mendes de Barros, para se submeterem às diversas intervenções cirúrgicas em âmbito ambulatorial. O sábio Dr. Celso utilizava de sua vasta experiência em antever o grau de dificuldade das intervenções, que eram seletivamente distribuídas aos estagiários; o expert cirurgião conhecia-nos pelos nossos avanços desenvolvidos.

Faz-se oportuno lembrar o currículo do Dr. Celso: nascido em março de 1939; graduou-se em Odontologia em 1963, pela Universidade Federal Fluminense; foi um dos responsáveis pela instalação da Unidade de Odontologia do Conjunto Hospitalar de Sorocaba e atuou como Professor Assistente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Na época em que estagiei com esse expoente profissional, testemunhei que Dr. Celso era muito admirado pela classe odontológica e também pelos estudantes de Medicina, pois era um exímio cirurgião, com vasto conhecimento em Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço, portanto, o interesse em entrecruzar Odontologia e Medicina era muito desejado por estudantes/estagiários dessas duas ciências, que frequentemente o rodeavam.

Infelizmente, Dr. Celso viria a falecer em 26 de junho de 2011, mas nos outorgou o legado de sua modelar dedicação profissional na Saúde Públi-

ca e seu notável exemplo humanitário.

Atualmente, o Conjunto Hospitalar de Sorocaba conta com o Programa de Aprimoramento, Ensino e Pesquisa na área da Odontologia Hospitalar, oferecido pela SES, em parceria com a Fundação do Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP), com 40 horas semanais, totalizando 3,9 mil horas.

Lamentavelmente, o Serviço de Cirurgia e Diagnóstico Bucal do NGA-19 de Itapetininga foi desativado em outubro de 1999 pela Diretoria Regional de Saúde de Sorocaba (DIR-XXIII).

Como reconfortante saudade, relembro esses quase cinco anos de atividades do importantíssimo serviço do NGA-19, pois se prestaram centenas e centenas de biópsias, incontáveis cirurgias de terceiros molares, inúmeras remoções de cistos, múltiplas frenectomias, uma infinidade de exames preventivos e diagnósticos de câncer bucal.

Externo, pois, toda minha gratidão e homenagem aos Cirurgiões-Dentistas: Dr. Roberto Lima de Lara, visionário sanitarista e competente gestor; e ao saudoso mestre, Dr. Celso Machado de Araújo Filho, pois tive a honra de ter sido discípulo de um diferenciado profissional e qualificado ser humano.

José Geraldo Fogaça de Almeida

A Política de Humanização na Prática

Em março de 2008, participei do Curso de Formação de Apoiadores da Política de Humanização da Atenção e da Gestão da Saúde, onde tive contato com os dispositivos da Humanização, como acolhimento com classificação de risco, sistemas de gestão participativa e cogestão, contratos de gestão, equipe de referência e de apoio matricial.

No Centro de Planejamento do Departamento Regional de Saúde III - Araraquara (DRS-III) observei, por várias vezes, as dificuldades dos gestores no encaminhamento dos seus municípios para atender às necessidades de internação. Este era um fato real e que me incomodava muito, fazendo com que eu me sentisse impotente diante daquela situação. Quando a Secretaria de Estado da Saúde (SES) lançou o Programa Pró-Santa Casa 2 e os objetivos que ele propunha, vislumbrei a oportunidade de utilizar alguns dispositivos da humanização na construção dos Planos Operativos (POs), que eram parte obrigatória para adesão ao Programa. E assim foi feito, porém de uma forma diferenciada, já que foram construídos de forma coletiva nas Comissões Intergestores Regionais (CIRs), com todos os gestores apontando as suas prioridades e construindo formas de enfrentamento junto aos prestadores em defesa dos direitos dos usuários.

Durante vários meses, esse tema foi exaustivamente debatido, diferenciando entre as Comissões, mas sempre com a mesma tônica: construir um PO que contemplasse as reais necessidades da população local que utiliza as Santas Casas. Todos os gestores trouxeram as dificuldades que tinham com relação à garantia da assistência prestada aos usuários, sendo que a maioria apontou filas imensas de cirurgia eletiva. Quando nos de-

bruçamos para escrever os Planos Operativos (POs), procuramos contemplar ações que, além de garantir o acesso do usuário, permitissem melhor qualidade ao serviço prestado. O foco principal sempre foi o usuário do Sistema Único de Saúde (SUS).

Após o esboço dos Planos Operativos (POs), as Comissões Intergestores Regionais (CIRs) convidaram os prestadores para negociar os indicadores construídos. Vários foram os embates, dentre eles, a negativa do prestador em proporcionar flexibilidade no horário de visita, alegando que a maioria dos pacientes já tinha direito a acompanhante (criança, gestante e idoso). Foi necessária a realização de várias reuniões até chegarmos a um consenso. Sofremos várias pressões técnicas e políticas, para que cedêssemos às Instituições. Os prestadores alegavam que o recurso do Programa era somente para compensar o 'rombo' provocado pelo subfinanciamento da tabela SUS. A postura adotada pelos Secretários Municipais de Saúde e pelo DRS era a de exigir das Santas Casas que atendessem às necessidades apontadas, conforme descritas nos POs, ou não seriam indicadas para participarem do Programa. Essa postura foi sustentada pelos gestores até a conclusão do processo. Após o encerramento das negociações, ficou determinado que a Comissão de Avaliação dos POs seria composta por todos os membros da Comissão e por mim, técnica responsável e referência pelo desencadeamento desse Programa na nossa área de abrangência.

Isso representou uma ação de empoderamento dos gestores, pois tomaram consciência da força que possuíam quando se mantinham unidos, originando uma cumplicidade entre eles, que se sentiram respeitados nas suas necessidades de gestão, com garantia dos direitos dos usuários. Foi um enorme avanço dado por essa gestão.

A postura de contemplar a necessidade dos usuários do SUS tornou-se

rotina em todos os processos desencadeados pelo DRS, sempre procurando inserir os dispositivos da humanização na construção dos instrumentos avaliativos das metas qualitativas que são parte integrante dos Convênios/Contratos com os prestadores. Visita aberta/ampliada, melhores acomodações, acolhimento, ambiência, pesquisa de satisfação do usuário... todos estes dispositivos tornaram-se uma forma de melhorar a assistência prestada no SUS e realmente transformá-lo no SUS que queremos e merecemos!

Sonia Regina De Souza

A Secretaria da Saúde e o Uso Medicinal da Cannabis

A Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES/SP) teve ativa participação na regulamentação da Lei nº 17.618/2023, que liberou a distribuição de medicamentos derivados da cannabis sativa pelas unidades de saúde pública e privada conveniadas ao SUS (Sistema Único de Saúde). Trata-se do fornecimento gratuito de medicamentos de derivado vegetal à base de canabidiol em associação com outras substâncias canabinoides, incluindo o tetrahidrocanabinol.

O tema, que há muito tempo gravita entre as autoridades da vigilância sanitária e os tribunais, vem sendo flexibilizado com permissões para a importação de remédios provenientes do canabidiol.

A Secretaria constituiu uma Comissão de Trabalho formada por 41 membros, com representantes de vários seguimentos da saúde e da sociedade, coordenada pelo Dr. José Luiz Gomes do Amaral, que resultou na edição da Lei nº 17.618/2023. Várias reuniões foram realizadas e a Comissão desmembrou-se em cinco subgrupos: neuropediatria, psiquiatria, dor/oncologia, gastroenterologia e oftalmologia, com a finalidade de indicar e definir as condições clínicas para as quais os derivados da cannabis poderiam ser indicados.

Finalmente, foram definidas três indicações clínicas: Síndrome de Dravet, Síndrome de Lennox-Gastaut e espasticidade associada à esclerose tuberosa. Não se trata de rol explicativo e sim exaustivo, uma vez que, as indicações resultam de estudos científicos que guardam evidências seguras.

A decisão governamental reflete rigorosamente a realidade científica atual, que visa encontrar drogas e tratamentos recomendáveis, compa-

tíveis e que carreguem benefícios para a humanidade. Percebe-se, após uma longa peregrinação, tanto pela via administrativa como judicial, que há uma tendência já exteriorizada para aprovar e liberar os produtos à base de cannabis para combater determinadas doenças.

A ciência, pelas suas regras investigativas e protocolos de pesquisas científicas, rigorosamente sérias e recomendadas, não só apontou os benefícios como também recomendou a continuidade dos estudos com o canabidiol, por ficar evidenciado o benefício para o paciente. Os estudos até então realizados e muitos ainda em fase de desenvolvimento, demonstram benefícios para crianças e adolescentes diagnosticados com epilepsia, além de doenças neurológicas em adultos, como Alzheimer, Parkinson, esclerose múltipla, convulsões, depressão, alguns tipos de câncer e outras.

Pode-se dizer, portanto, que o canabidiol tenha já atingido um patamar de segurança e tolerabilidade, com a recomendação de que sejam explorados outros avanços para a preservação da saúde humana. Nada mais justo do que acelerar o ritmo das pesquisas em busca de novas e melhores alternativas, com o intuito de aperfeiçoar a existente e proporcionar um plus, mesmo que seja de pouco ganho, mas para que possa abrir espaços para novas descobertas.

Pelos estudos científicos apresentados até o presente, tudo indica que a utilização dos medicamentos referidos vem conseguindo bons e satisfatórios resultados, necessitando, é claro, de pesquisas mais aprofundadas e que continuem demonstrando um imensurável ganho para a saúde humana.

A ciência da Bioética ostenta o princípio da beneficência, entendido como sendo aquele que, dentre as opções apresentadas, seja apontada a

que se traduz em maior ganho e benefício para o paciente. *Primum non nocere* significa que, em primeiro lugar, apresenta-se a proposta de cuidar bem, com zelo necessário, sem causar dano ao paciente; maximizar os benefícios e minimizar os prováveis danos. *Malum non facere* significa que antes e, acima de tudo, todo o esforço da ciência deve ser concentrado em proporcionar o bem para o paciente, garantindo-lhe a segurança e a eficácia de um novo medicamento.

Fica, portanto, registrada a importância da participação da Secretaria de Estado da Saúde, que busca, acima de tudo, novos e seguros caminhos em busca de uma saúde pública de referência.

Eudes Quintino de Oliveira Júnior

Ansiedade, transtornos psicológicos, angústia e depressão são temas abordados atualmente com frequência por diversos leigos e especialistas.

Quando o assunto é a nossa saúde mental, que nos proporciona as condições necessárias para exercermos as nossas atividades pessoais e profissionais com prudência, discernimento e bom humor, a ajuda de um profissional torna-se imprescindível. Porém, devido a circunstâncias diversas, nem sempre podemos ter acesso a esse acompanhamento. Nesse momento, é muito bom poder contar com um remédio infalível para o nosso bem-estar mental e, conseqüentemente, físico: uma amizade verdadeira.

Considerando dados estatísticos atuais, que revelam um elevado número de profissionais afastados de suas funções em decorrência de problemas psicológicos*, é de extrema importância que o nosso ambiente de trabalho seja também o nosso porto seguro e nos proporcione momentos de alegria e descontração, mas também possa nos oferecer a rede de apoio necessária, em nossos momentos de fragilidade emocional. E, é dentro deste contexto, que vou iniciar o meu relato.

A Unidade de Gestão Assistencial (UGA-IV) - Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, durante 34 longos anos, além de ter sido o meu local de trabalho e aprendizados pessoal e profissional, foi também a minha segunda casa, desde o meu ingresso no serviço público, ainda muito jovem, onde fiz bons amigos.

Aquele refeitório movimentado, no qual se ouvia, por volta do meio-dia, aquele burburinho de vozes simultâneas em diferentes tons, por inúmeras vezes, foi o meu “consultório sentimental”, no qual a minha grande amiga

Ângela Nerys foi a minha confidente e psicóloga de plantão. Embora, após a sua formação acadêmica, tenha se tornado uma competente Psicóloga, nunca pôde me atender profissionalmente, por questões clínicas e éticas. No entanto, a nossa hora do almoço era sagrada e, além de alimentar o corpo, arejava a mente e acalentava o coração.

Nos conhecemos aos 19 anos, ambas recém-admitidas e, de certa forma, devido à idade e à afinidade de interesses, os nossos laços de amizade foram se estreitando com o decorrer do tempo. E, entre uma garfada e outra, a conversa fluía, mesmo com o tempo limitado para concluirmos o almoço e retornarmos aos nossos setores, que sempre foram diferentes.

Os assuntos eram os mais variados: as paqueras, as decepções amorosas, fim de namoro e início de uma nova história de amor, o ingresso na faculdade, a expectativa de uma nova profissão, etc.

Com o passar do tempo, os assuntos foram sendo moldados pelas circunstâncias da vida e pelos diversos acontecimentos que davam início a novos ciclos: o falecimento do meu querido pai, quando a Ângela me deu muita força; o meu casamento, no qual ela foi a madrinha; as nossas gravidezes; o nascimento dos nossos filhos; a infância, o crescimento e a adolescência deles, com todos os conflitos próprios dessa fase; o falecimento dos pais dela; o nosso climatério; a chegada dos meus netos; o casamento da filha dela... Nossa! Quantos acontecimentos!

Assim, ao final de mais de três décadas, vivenciamos a chegada da nossa aposentadoria, que tornou os nossos encontros bem menos frequentes. Porém, a nossa amizade, construída com bases fortes, é eterna, independentemente da distância e do tempo. Sabemos que sempre estaremos prontas para celebrar as nossas conquistas e que permaneceremos

de mãos dadas para nos fortalecer nos momentos mais difíceis de nossas vidas.

Obrigada, Hospital Leonor, por ter sido por tanto tempo o meu local de trabalho e o palco dessa linda história de amizade e cumplicidade.

Obrigada, Ângela, pela sua sensibilidade, amizade e companheirismo.

Deus a abençoe hoje e sempre!

Adelina Assis da Cunha

*Fonte: Panorama do Observatório de Segurança e Saúde do Trabalho TRT-13, por Celi-na Modesto Assessoria de Comunicação Social do TRT-13, <https://www.trt13.jus.br/informe-se/noticias/transtornos-mentais-sao-a-terceira-maior-caoa-de-afastamento-do-trabalho-no-brasil>

Aqui é a “Nóis-Quipe”

“Presidente Prudente, 16 de maio de 2023.

Sejam todos bem-vindos à Oficina de Regionalização da Saúde - Macrorregional de Presidente Prudente. O principal objetivo do Programa de Regionalização da Saúde consiste, além de melhorar a eficiência do gasto público, em ampliar a oferta de serviços, reduzir as filas e, especialmente, garantir o acesso aos serviços de saúde de forma igualitária aos usuários, que hoje precisam se deslocar a municípios distantes em busca de atendimentos especializados. É esse o prélio que começamos a enfrentar aqui, nesse encontro!

Por isso, o Departamento Regional de Saúde de Presidente Prudente não pode deixar de agradecer, imensamente, a presença de cada um de vocês aqui, hoje. A você, que se sensibilizou com a iniciativa, apresentada pela Secretaria de Estado da Saúde, de desencadear esse Movimento de Regionalização que, agora, abre sua primeira oficina, para pensar e repensar a Saúde, com a finalidade precípua de impactar positivamente as ações desenvolvidas e os serviços prestados à população. Este Departamento Regional de Saúde externa seus agradecimentos, também, pela honraria concedida e pela confiança depositada para sediar a primeira etapa dessa caminhada.

E, para nos revestirmos de ânimo, coragem e determinação para realizar tão hercúlea tarefa, lembremos de Lao Zi: ‘Ao final de uma caminhada de dez mil léguas, é imprescindível reconhecer a fundamental importância do primeiro passo. E para os momentos em que as adversidades parecem insuperáveis - eles virão, inevitavelmente - o alento e o incentivo das

palavras de Agostinho de Hipona: “Faze o que podes e reza a Deus pelo que não podes, para que Ele permita que o possas. ‘Mais uma vez, o nosso muito obrigado a todos!’”

Essa foi a abertura do evento! Ficou “maneira”, né? Mas, para chegar até aí, foi preciso começar do nada! Presidente Prudente foi escolhida para sediar a primeira Oficina de Regionalização da Saúde e o Departamento Regional de Saúde XI, incumbido de planejar, elaborar, organizar, estruturar, desenvolver, executar e, enfim, fazer acontecer, simplesmente, tudo! Sem referência, sem modelo, sem nenhuma experiência antecedente, de forma exitosa ou nem tanto, para poder replicar ou para aprender e buscar alternativas. Pressão? Zero! Tensão? Zen! Só que não, né?

E pior: caminhando contra o tempo, sem lenço para enxugar as lágrimas! Fazer o quê, quando nem ao pranto é permitido transbordar? Engolir o choro, ué! Entrar em campo e jogar o jogo! E foi aí que o time do DRS XI fez a diferença!

Sabe aquela coisa de matar a bola no peito, colocar no chão e sair tocando para frente, com garra e categoria, enfrentando cada dificuldade, driblando cada imprevisto, superando cada obstáculo, agregando dons, vocações e habilidades individuais para formar um conjunto proativo, confiante, vencedor, imbatível? Pois é! Foi cada um e, ao mesmo tempo, todo mundo entregando nada menos do que cem por cento de seu potencial, fazendo o máximo para tudo dar certo!

Articuladores da Atenção Básica se desdobrando para movimentar prefeitos e gestores de saúde dos municípios, membros dos Comitês Intergestores Regionais no maior empenho para delinear os eixos a serem trabalhados, a “galera” do Centro de Gerenciamento Administrativo e do

Núcleo de Administração Patrimonial “moendo a farinha” para pensar e materializar, na velocidade da luz, toda a infraestrutura necessária para a Oficina acontecer efetivamente, o pessoal do Centro de Planejamento e Avaliação e do Centro de Credenciamento, Processamento e Monitoramento das Informações abraçando o cadastramento dos participantes, as meninas do Núcleo de Organização das Redes de Saúde e do Núcleo de Convênios de concierge das autoridades! Teve até “Zé-Cutivo” que virou Mestre de Cerimônia!

Falando do evento em si, é preciso respeitar e aplaudir em pé o trabalho impecável do Bonde do Cerimonial, formado pelas “divas” do Núcleo de Recursos Humanos, da Ouvidoria e do Centro de Desenvolvimento e Qualificação para o Sistema Único de Saúde (SUS). Fizeram “o Evento!”

Não é por nada, não! Mas, assim, na boa: já na estreia das oficinas, “deixamos o sarrafo lá na estratosfera” para as próximas! E o elogio veio lá do “alto” também: do Coordenador de Regiões de Saúde que, na véspera, tinha até nos dado o privilégio da tolerância em caso de eventuais lapsos e deslizes, justamente por se tratar da conferência inaugural. Modéstia à parte, nem precisamos nos valer da margem de erro! Irretocável: palavra que se repetiu nas devolutivas dos municípios e da própria Secretaria de Estado da Saúde, que virou música para nós! A melhor trilha sonora para retratar o sucesso da empreitada.

Qual sinfonia, que resulta em espetáculo perfeito somente quando se unem, para valer, os talentos de cada um dos artistas, de extrair de cada instrumento o som único e essencial para tornar pleno e realizado o conjunto da obra! Foi bem assim que performamos! E, claro, seguindo sempre a “batuta” da Diretoria Técnica de Saúde, que não perdeu oportunidade de expressar sua confiança, reconhecimento e gratidão à equipe! Equipe? Ah,

aqui é um pouco mais! Aqui é a “Nóis-Quipe”. É “nóis qui” pega firme no serviço todo santo dia para planejar, elaborar, organizar, estruturar, desenvolver, executar e fazer acontecer, simplesmente, a Saúde!

Pensando bem, no fim das contas, a Oficina de Regionalização serviu para nos fazer refletir, nos tirar do modo automático, dos “corres” que todo dia temos que desenrolar, dos incêndios que todo dia temos que apagar, que acabam fazendo com que percamos um pouco a noção do verdadeiro sentido do nosso trabalho.

A Oficina serviu também para demonstrar a relevância do que nós, como servidores públicos - e mais ainda, como servidores públicos da Saúde - fazemos: concentrar o melhor de cada um num esforço coletivo para atingir o objetivo comum de promover o bem de todos! A Oficina acabou se revelando “só” uma modalidade diferente dos desafios que encaramos cotidianamente e, justamente por se desviar da rotina, escancarou para nós mesmos o que vivemos e o que somos: nós somos “a cara do SUS!”, nós somos “os caras do SUS!”

Cidmar Berti Rosseti

Buscando Novos Caminhos

Quando eu soube da seleção de narrativas para a publicação de “Memórias do Cotidiano 2”, em 2020, eu pensei: “O que eu poderei apresentar?”

E, ao pegar o papel, tive muita vontade de escrever um desabafo sobre tudo o que me acometia e me sufocava naquele momento de pandemia que o mundo vivia. Descrever essas sensações e o que estávamos fazendo para amenizar os resultados, com o texto “Tempos Difíceis”, foi gratificante. Fiquei igualmente feliz quando fui selecionada para estar junto de tantos relatos construtivos e que eternizariam nossas histórias e jornadas.

Novamente, me encontro vivendo um momento especial, mas agora, totalmente diferente. Quero narrar uma experiência exitosa, porém feliz, da qual fiz parte e que foi realizada dentro do Instituto para os funcionários.

Aconteceu em 2023, quando a profissional de Educação, Mônica Cristina Brugnaro dos Santos, me convidou para participar de um projeto do Programa de Qualidade Vida da Coordenadoria de Recursos Humanos, que tinha o intuito de despertar, nos profissionais de Saúde, o desejo e a vontade de realizar atividades físicas e assim, saírem do sedentarismo e, consequentemente, melhorarem sua saúde e condição física.

Com esse olhar e a dedicação da profissional, visando cuidar de quem cuida, houve um divisor de águas para todos os participantes.

Para participarmos do Programa, tivemos que manifestar nosso interesse.

A seguir, foram realizadas mais três etapas:

1. Avaliação física, com realização de alguns exercícios e questionário de saúde;

2. Atividades físicas realizadas uma vez por semana, durante 30 minutos, com duração de cinco meses (alongamentos, fortalecimentos e relaxamento);

3. Reavaliação física, questionário da saúde e perguntas sobre os objetivos alcançados.

No início das aulas, achei que o tempo e a duração eram poucos, mas depois entendi o propósito do projeto, que era dar um start para a mudança comportamental e, então, saímos do sedentarismo.

Quis muito fazer parte deste momento.

Toda semana, era uma festa antes do início da aula, porque víamos nossos colegas e amigos de trabalho que, muitas vezes, pela correria do dia a dia, não podíamos encontrar diariamente. Durante todo o período, a professora trazia novos movimentos, músicas e desafios.

A mudança nos comportamentos foi se tornando nítida. As pessoas chegavam sorrindo e bem animadas. Havia interação e brincadeiras, nunca esquecendo de realizar os exercícios físicos propostos. Foram momentos alegres e inovadores, pois vários profissionais estavam muito sedentários e apresentando problemas de saúde, como hipertensão, estresse e desânimo. Mesmo com a descontração, as aulas foram levadas a sério e houve poucas desistências ou faltas.

Ao término do projeto, os dados obtidos foram planilhados e os resultados alcançados se apresentaram positivos. Eu, particularmente, fiquei bem animada. Ganhei resistência, busquei fazer caminhadas e até comecei a

fazer aulas de Pilates.

Isso aconteceu com a maioria dos participantes, que também iniciaram outras atividades físicas e perceberam mudanças em seus corpos e comportamentos, como: qualidade do sono, disposição no trabalho, postura, amplitude de movimentos, melhoria na circulação de sangue, humor, entre outras.

Essas iniciativas com custo zero, curto prazo de realização e disposição de profissionais que amam o que fazem, como nossa professora, são propulsores de melhoria nos serviços prestados nas Unidades de Saúde.

Para mim, em especial, trouxe muitos outros benefícios além dos citados, porque eu estava em processo de aposentadoria e, após a publicação, continuei no projeto até o final, o que foi fundamental para que, na adaptação desse novo momento de minha jornada, eu continuasse feliz e saudável.

Roseli Tadeu da Silva Castilho

Este ano, completei 30 anos de funcionalismo público, em 25 de maio. Quando iniciei na Secretaria de Estado da Saúde (SES), era solteira. Hoje, 30 anos depois, quantas mudanças eu passei: casei-me, tornei-me mãe em 2004, divorciei-me, mudei de cidade, graduei-me, especializei-me. Conheci pessoas, perdi outras. Amei a maioria, outras nem tanto.

Comecei como Oficial Administrativo, atuei como Chefe de Seção e hoje estou como Diretora do Núcleo de Recursos Humanos, do Departamento Regional de Saúde de Taubaté (DRS-XVII).

Sou Kátia Cilene Francisco, funcionária da Secretaria de Estado da Saúde (SES), do antigo Escritório Regional de Saúde de Cruzeiro (ERSA-31), que logo foi extinto e, então, juntamente com meus colegas, fui trabalhar na cidade de Taubaté, na Direção Regional de Saúde (DIR-XXIV).

A princípio houve muita luta, viajávamos 200 km todos os dias, sendo 100 km para irmos e outros 100 km para voltarmos. Teve muito choro, presenciemos muitos acidentes na Rodovia Presidente Dutra, que começava a ser reestruturada pelo Grupo Nova Dutra.

Eu desconhecia praticamente a dinâmica e a grandeza do meu trabalho. Filha de pessoas muito humildes, meu pai era marceneiro e minha mãe foi de tudo um pouco - dona de casa, doceira, diarista, doméstica, babá - o que a necessidade imperava no momento. Sou a terceira filha de um total de cinco filhos (três mulheres e dois homens, nesta sequência). Na época, havia concluído o segundo grau (atual ensino médio) e tinha sede de aprender, mas precisava ter condições para pagar os estudos. Ser concursada foi o que me possibilitou isso.

O fato de viajar constantemente, o cansaço, os desgastes físico e mental, fizeram com que meus planos fossem adiados até 2011, quando consegui concluir o curso de Tecnóloga em Gestão de Recursos Humanos e a minha vida mudou: comecei a receber mais oportunidades, fui convidada a assumir um cargo de direção do Núcleo de Recursos Humanos, após 15 anos de experiência no setor. Fiz diversos cursos, uns custeados por mim e outros pela SES, como minha pós-graduação em Gestão do Trabalho e Educação na Saúde, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Tenho muito orgulho do que faço, pois, para que os servidores possam exercer suas funções da melhor maneira possível, é necessário que tenham a vida funcional e financeira estruturadas. A financeira, independe do Recursos Humanos (RH), mas a vida funcional, com toda certeza. Cabe a nós informarmos os direitos e deveres e mantermos os benefícios atualizados para que nenhum servidor seja prejudicado.

Ao longo desta trajetória no RH, acompanhei muitas histórias e uma dor em particular me chamou atenção: a dificuldade que alguns passam na hora do desligamento, principalmente a aposentadoria. A necessidade de buscar novas formas de apoiar os servidores despertou meu interesse em me especializar em Planejamento Previdenciário; assim, poderia ajudar os funcionários a se prepararem financeiramente e psicologicamente para esse momento que, para mim, é mágico.

É conseguir vencer uma das maiores etapas da nossa vida adulta, que nos exige mais dedicação e tempo, pois muitas vezes, ficamos muito mais no trabalho do que em casa com a família. Há mudança de hábitos, rotinas, amigos, tempo, entre tantos outros fatores. Para mim, esta fase é para se redescobrir, buscando satisfação com sua própria existência, com seus sonhos perdidos ao longo da caminhada, com seu corpo transformado pelo

tempo e com a pessoa que você se tornou com toda a sua experiência.

Eu mesma, estou próxima de viver este momento e, portanto, me organizando para minha aposentadoria. Então, por hora, estou me sentindo uma borboleta no casulo, me preparando para voar. Para onde? Não sei, só o tempo, o espaço e as minhas escolhas dirão. Mas, com certeza, terei o maior prazer em viver essa nova empreitada da vida! E quando a minha vez chegar, poderei dizer: “Enfim, aposentada! Qual será o próximo capítulo?”

Kátia Cilene Francisco

Construindo uma História Dentro do SUS aos 60 Anos

Minha história no Sistema Único de Saúde (SUS) iniciou em 2010, quando prestei concurso para Auxiliar de Saúde no Centro de Atenção Integrada em Saúde Mental “Philippe Pinel” (CAISM Pinel), porém minha vaga foi alocada para o Complexo Hospitalar do Mandaqui. Minha jornada no SUS começou de uma forma diferente, pois prestei concurso com 60 anos de idade e fui convocado aos 64 anos, em 2013.

Minha idade nunca foi um empecilho para realizar meu trabalho e contribuir para uma boa funcionalidade no setor em que estava inserido. No início, encontrei dificuldades como em qualquer outro ambiente de trabalho. O processo de adaptação e de aprender o serviço foram desafiadores, porém sempre tive a certeza de que eu poderia contribuir com o setor, desde que houvesse dedicação e esforço.

Nos primeiros anos de serviço, me dediquei a cumprir com excelência a função de Arquivista, sempre disposto a aprender, bem como disponível para ajudar os que estavam chegando. Auxiliei as pessoas que eram encaminhadas para cumprirem pena de serviço comunitário, dando todo o suporte que precisavam.

Com o passar do tempo, os desafios continuavam a chegar. Comecei a trabalhar fazendo cópias dos prontuários e, com isso, foi necessário aprender também a usar o computador, uma ferramenta com a qual não estava familiarizado. Com muito empenho, aprendi a utilizá-lo e, logo em seguida, comecei a auxiliar minha chefe com a digitação das listas, que facilitariam o serviço no dia seguinte. Para isso, eu organizava meu trabalho na parte da manhã e, no período da tarde, digitava o que era necessário.

Sou grato por ter tido a oportunidade de cumprir, não somente o que me era designado, mas também, auxiliar meus colegas de trabalho, bem como, ajudar os pacientes que, vez ou outra, necessitavam de ajuda. Vale ressaltar que muitos não acreditavam que eu poderia contribuir com o SUS por conta da minha idade, contudo, ao olhar para trás, posso me orgulhar da trajetória que trilhei dentro do SUS, pelo olhar sensível e por todas as memórias que posso compartilhar com carinho por todos esses anos de dedicação.

Gostaria de destacar algo pessoal que me aconteceu durante esse período: fiquei enfermo e, diante disto, fez-se necessário um pedido de afastamento para uma Unidade mais próxima de minha casa, onde pude desenvolver as mesmas atividades que realizava no Complexo Hospitalar do Mandaqui. Porém, com o agravamento da enfermidade, precisei ficar de licença-saúde por tempo indeterminado. Mesmo diante desse cenário, e chegando o ano da aposentadoria compulsória, estou feliz por encerrar minha jornada no SUS. Acredito que a minha contribuição foi válida e isso é motivo de muita alegria para mim.

Cleto Goulart da Silveira

Da Saúde à Saúde, Me Apeguei

Janeiro de 1977. Cheguei em São Paulo. Já estava há três anos trabalhando na Secretaria de Estado da Saúde (SES). Havia prestado vestibular na única faculdade que, então, existia na minha cidade, porém almejava outra coisa.

Na época, os processos de transferência seguiam um ritual semelhante a um processo seletivo. Em data estabelecida pela Administração, publicava-se um Edital de Abertura de Inscrição, mediante o qual, os interessados se inscreviam com a devida justificativa e indicando a unidade ou órgão onde pretendiam prestar serviços. O processo tramitava pelas áreas afins, ouvindo-se as autoridades competentes, finalizando com deferimento ou indeferimento do pedido.

O meu caso foi diferente: fiquei sabendo que um colega queria ser transferido para a unidade de Registro. Dirigi-me a São Paulo para uma entrevista com ele e, juntos, protocolamos nosso pedido de transferência. A área em que ele atuava era a então Divisão de Epidemiologia, vinculada ao extinto Departamento Técnico Normativo (DTN).

As “normas” já me perseguiram. Por se tratar de transferência mediante permuta, o processo foi mais célere e, assim, fui parar em São Paulo. O prédio era o Palácio da Saúde, sito na avenida São Luiz, 99, onde se instalava também o Gabinete do Secretário, o Departamento de Administração da Secretaria e a então Coordenadoria de Saúde da Comunidade (CSC), responsável pela orientação e gestão de todas as regionais de saúde. O Secretário, à época, era o Professor Walter Sidney Pereira Leser. Cheguei e fui direto para lá conhecer o local, para só depois buscar uma acomodação.

A encarregada da área que me recebeu entendeu que, no meu caso, não havia “trânsito” (período de 8 dias concedido ao servidor para consolidar a sua transferência de domicílio, por tratar-se de municípios diferentes). Já que eu não tinha o tal “trânsito”, encostei minha mala em um canto e já comecei a trabalhar. Morar... tinha uns amigos que possuíam uma casa na Vila Itororó, no Bairro da Bela Vista (Bixiga), onde fui acolhido.

Como estava totalmente desambientado, na primeira oportunidade, requeri minhas férias: Um mês, o que ocorreu em junho ou julho daquele ano, não me recordo ao certo. Terminadas as férias, retornei animado para retomar o trabalho, quando fui informado que fomos transferidos dali. O novo endereço era a Avenida Doutor Arnaldo, 351 - 6º andar. Não tinha a menor noção de onde ficava isso, porém fui me informando e lá cheguei.

A Divisão de Epidemiologia não existia mais. Agora era o Centro de Informações de Saúde (CIS), com equipe formada por médicos sanitaristas, sociólogos, estatísticos, enfermeiros, além dos auxiliares - escriturários, auxiliares de técnicos de Administração, auxiliares de planejamento e auxiliares de estatístico. Foi naquela época que criaram uma nova classe, que foi denominada “Codificador de Causas de Morte”. Essa classe não durou muito, contudo, como já contava com cargos providos, teve a denominação alterada para “Auxiliar de Saúde”.

Foi no CIS que se iniciou um processo mais estruturado de Vigilância Epidemiológica e Controle de Doenças Transmissíveis. A Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo (PRODESP) já entrava timidamente no cenário, assessorando na criação de um sistema de controle de medicamentos.

Todo o processo já foi sendo sistematizado. Usava-se fichas coloridas

para identificar cada doença. Semanalmente, as unidades encaminhavam ao CIS as fichas coloridas indicando a incidência de patologias, que eram compiladas, trabalhadas pelos técnicos que planilhavam, colocando os dados em condições de serem remetidos ao Ministério da Saúde. Periodicamente, equipes do Ministério da Saúde se reuniam no Gabinete do Secretário para discutir esses dados.

Quando essas reuniões aconteciam, nossos trabalhos se multiplicavam. As reuniões aconteciam às segundas-feiras e nós, escriturários, tínhamos de nos desdobrar na datilografia daquelas planilhas (não era digitação, era datilografia mesmo), gráficos (os quais não podiam conter erros, nem rasuras) e reprodução por xerox para organizar as pastas, que deveriam estar, invariavelmente, às 8 horas na mesa de reunião do Gabinete do Secretário.

Nesse período, já tínhamos como Secretário da Saúde o Professor Adib Jatene que, pelo carisma, educação e valorização dos seus auxiliares, tornava o nosso trabalho prazeroso. Nas sextas-feiras que precediam tais reuniões, estendíamos tranquilamente nossos expedientes até as 21 ou 22 horas, retornando, quando necessário, nos sábados, de modo que tudo estivesse pronto em tempo hábil para o evento.

Importante ressaltar que, quando o superior tem uma relação saudável e de confiança com seus colaboradores, estes não medem esforços para garantir o sucesso da equipe. O Professor Adib era uma figura indescritível. A singularidade do seu caráter o tornava único. Na sua posição, podia valer-se dos seus assessores ou assistentes para determinadas ações, ou pesquisas, mas não se importava em deixar o seu Gabinete, que ficava no 5.º andar, para dirigir-se ao CIS, no 6.º andar, para colher os dados de que precisava. Pedia unicamente que indicassem o armário ou fichário onde ele mesmo fazia a busca do documento almejado. Senti-me na obrigação

de incluir essa parte no relato, em face do comportamento austero e - por que não dizer? - arrogante de determinados gerentes que ignoram o real sentido de Gestão de Pessoas.

Mas, retomando o real propósito desta narrativa: naquela época, desenvolveu-se um trabalho intenso na elaboração do que acredito ter sido o primeiro "Manual de Vigilância Epidemiológica" da SES. A natureza multidisciplinar da equipe do então CIS foi fundamental na conjugação de conhecimentos técnicos e perícia para a realização desse feito.

Sempre me encantei com o conhecimento, e a convivência com esses abnegados profissionais me rendeu grandes aprendizados e consolidação de valores.

Mas a vida não se constitui de quimeras. Surgiu a oportunidade de alcançar um cargo um pouco melhor. Eu era escriturário e tive a possibilidade de me tornar auxiliar de técnico de Administração. O concurso foi promovido pela extinta Coordenadoria de Recursos Humanos do Estado (CRHE), da também extinta Secretaria da Administração. Não confundir com a Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH), da SES. A CRHE era um Órgão Central, e a CRH é Setorial.

Inscrivi-me para o tal concurso, porém, tão logo me veio a dúvida. Já contava com oito anos na Secretaria da Saúde, e o vício já se instalara. Decidi não fazer a prova. Na véspera da prova, fui para a balada, dancei muito e cheguei tarde em casa. Ironicamente, a despeito da irreverência, acordei cedo. Ora, e por que não? Tomei um banho e dirigi-me ao local da prova. Pasmem: fui aprovado!

Ocorreu a primeira chamada, porém, a minha classificação não me garantiu vaga naquela Secretaria. Contudo, foram disponibilizados cargos de

outras Secretarias, podendo eu, se assim quisesse, assumir uma vaga da Secretaria da Segurança. Declinei.

Segundo as regras, eu não era obrigado a aceitar vagas de outras secretarias, situação na qual eu permaneceria na lista de classificados para eventual nova chamada. Não demorou muito e essa chamada aconteceu. Anuir a um cargo na CRHE gritava muito alto dentro de mim, o que me levou a procurar o então Secretário da Saúde, Professor João Yunes que, carinhosamente, acolheu o meu pedido. Determinou que se elaborasse um ofício dirigido ao Secretário da Administração solicitando a transferência do meu cargo para a SES.

O processo tramitou durante nove meses (uma gestação). Condicionaram a minha transferência à permuta com um cargo vago de igual denominação. Por sorte, havia um único cargo vago em uma unidade do interior que, por ser único, não valeria o ônus de um concurso público. Problema resolvido.

Desconfio de que aquele povo não ia muito com a minha cara pois, no dia que publicou a transferência do meu cargo no Diário Oficial, já providenciaram o Ofício de Apresentação e desligamento, me chamaram no Órgão de Pessoal e me entregaram meu prontuário, dizendo que eu deveria me apresentar, naquela mesma data, na SES. Nem uma lágrima. Deprimiu, sabia? Brincadeira! Tive uma breve convivência com aqueles profissionais, porém, muito carinhosa e enriquecedora.

Apresentei-me na Divisão de Pessoal do extinto Departamento de Administração da Secretaria - ainda não havia DRHU nem CRH - e fui encaminhado à Seção de Apoio à Seleção. Meu primeiro contato com Recursos Humanos.

Naveguei por várias áreas da SES - Material e Patrimônio, Compras, Epidemiologia - e, por fim, Gestão de Pessoas.

Gratidão a Deus por todas estas oportunidades, pelos aprendizados e crescimento profissional, humano e Espiritual. DEUS SALVE!

Nivaldo Damaceno Teixeira

De Gestão de Pessoas na Secretaria para Gestão de Pessoas da Minha Empresa

Olá! Eu sou a Fanny, tenho 40 anos e trabalhei durante 15 anos na Secretaria de Estado da Saúde (SES).

Mas, se não estou mais na SES, por que estou escrevendo essa história? Porque a SES, mais especificamente a Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH), teve um papel muito importante na minha vida profissional e acredito que, talvez, mostre que tudo pelo qual passamos, ou quase tudo, pode ser levado para a vida.

Ingressei na SES entre 2006 e 2007, de forma temporária, para trabalhar no Complexo Hospitalar do Mandaqui, na área de faturamento, com o cargo de Oficial Administrativo. Depois, em 2008, retornei para trabalhar na CRH, no Grupo de Apoio ao Desenvolvimento Institucional (GADI), no Núcleo de Cargos e Funções, também como Oficial Administrativo. Na época, eu tinha somente o Ensino Médio completo. Acho essas informações pertinentes para o entendimento da minha evolução.

Trabalhei durante quatro anos no GADI e, em 2012, surgiu uma oportunidade: o processo seletivo de Assistente I para trabalhar no Centro de Metodologia de Ensino em Saúde (CMES) do Centro de Formação de Recursos Humanos para o Sistema Único de Saúde (CEFOP/SUS). Constava no edital que era necessário o conhecimento na plataforma Moodle, pois teria uma prova prática sobre o assunto. Moodle? O que é Moodle? Eu não fazia a menor ideia do que era, mas queria algo a mais para minha vida; então decidi estudar, pesquisar, assistir tutoriais, vídeos... e, então participei do processo, com a cara e a coragem, mais cara que coragem!

Fui aprovada nas provas teórica e prática, mas ainda teria a entrevista. Porém, as pessoas que me entrevistaram, procuraram se informar mais a meu respeito e, graças a Deus, ouviram só coisas boas! Aqui, cabe compartilhar uma lição que aprendi na SES: “Quando você acha que ninguém está te olhando, sempre tem alguém olhando”. Foi assim que fui trabalhar no CEFOR, no bairro da Vila Mariana, e considero que esse foi um marco muito importante na minha carreira pois, a partir daí, ocorreram muitas mudanças.

Eu não tinha faculdade e, lá no CMES, trabalhando com uma plataforma de cursos à distância, me interessei pela área de Tecnologia da Informação e cursei Tecnólogo de Sistemas para Internet. No último semestre da faculdade, foram abertas inscrições para a pós-graduação em Especialização em Gestão do Trabalho e Ensino em Saúde. Consegui ingressar e, dessa forma, em um semestre terminei a faculdade e, no próximo, já terminei a pós-graduação.

Desse modo, aprendi mais uma lição na SES: a importância das conexões, das amizades, das parcerias e do apoio da família. Isso é essencial, pois não vivemos em um mundo isolado, precisamos uns dos outros para evoluir e não conseguimos fazer praticamente nada sozinhos. Mesmo com o nosso esforço, ter pessoas que nos apoiam, nos incentivam e nos indicam o melhor caminho, é muito bom!

Assim, procurei sempre me aperfeiçoar, pois sempre gostei de estudar, aprender, conhecer e, então, percebi que não havia outra área na qual eu gostaria de estar: Desenvolvimento de Pessoas, Gestão de Pessoas. Construir cursos que proporcionem o entendimento da importância do “Humano” no “Recurso” e ver seus resultados, era muito gratificante. De alguma forma, eu sentia que estava contribuindo para o fortalecimento do SUS/SP.

De Assistente I, passei para Assessor Técnico em Saúde Pública I, evoluindo para II e, em um curto período, fui Diretora Técnica em Saúde II. Minha ideia aqui, não é destrinchar meu currículo e falar dos cursos que fiz, mas que tudo o que aprendi na SES me levou para outro estágio na minha vida.

Em 2023, saí da SES para desenvolver um projeto pessoal com o meu marido.

Então, o que eu trouxe de aprendizado da SES, da CRH e do CMES?

- Que um bom processo seletivo é essencial para conseguir funcionários de qualidade;
- Que a realização de *onboarding*¹ é importante para que o funcionário conheça a empresa em que está entrando;
- Que elaborar uma cartilha com direitos e deveres proporciona clareza a respeito do que se espera do funcionário;
- Que *feedbacks* periódicos são necessários para resolver os problemas e não deixar tudo acumular;
- Que qualidade de vida é fundamental, assim como a celebração das conquistas;
- Que treinamento em liderança é extremamente importante (nunca esquecerei da aula sobre este tema de um certo professor!);
- Que, para um resultado final de excelência, é preciso ter os processos bem desenhados e compreendidos por todos;
- Que o adulto só aprende aquilo que faz sentido para ele, portanto os treinamentos e dinâmicas devem estar de acordo;
- Que é importante ouvir o cliente e entender sua jornada, para saber o que pode ser feito para melhorar;

- Que é necessário rodar o PDCA² o tempo todo: planejar, organizar, colocar em prática, priorizar, avaliar, reavaliar, planejar de novo...;
- Que é importante implementar a gestão da mudança na empresa, pois é preciso estar em constante evolução; não é fácil, já que as pessoas não gostam muito de mudar. Mas aprendi a “montanha-russa da mudança” e entendi o que podemos fazer para que ela seja constante sem gerar sofrimento no processo;
- Além disso, aprendi a gravar videoaulas e a dar treinamentos, o que tem sido muito gratificante em minha nova fase profissional.

Enfim, são tantas coisas, fora aquelas das quais não me lembro no momento, mas, posso dizer que aprendi e pratiquei tudo isso enquanto eu estava na SES. Serei eternamente grata pois, apesar de não ter sido uma jornada fácil, é muito prazeroso colocar em prática e colher os frutos!

Ao infinito e além!

Quero agradecer à SES e a todos que, de alguma forma, contribuíram para minha jornada. Não citarei nomes para não ser injusta com ninguém, porém somente dois devem ser citados: Deus, pois Ele me sustenta e me dá sabedoria para prosseguir; e Renan, meu marido, que sempre me apoiou para que, hoje, estejamos juntos construindo uma nova trajetória.

Até a próxima!

Fanny de Moura Ferraz

¹Processo de integração dos novos colaboradores a uma empresa. Fonte: Sólides

²PDCA: iniciais, em inglês de Plan (planejar), Do (fazer) Check (checar/verificar) e Action/Act (ação/agir). Fonte: Sólides

Experiências Desafiadoras e Desenvolvimento Profissional

Me chamo Robson e sou formado em Ciências Econômicas. A minha primeira experiência profissional foi na Coordenadoria de Recursos Humanos da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (CRH/SES-SP), na qual fui lotado no Núcleo de Apoio Administrativo, cujas atividades se assemelhavam às do Protocolo.

A equipe era bastante diversa quanto à formação acadêmica e experiência de vida, o que me permitiu aprender sob diversos pontos de vista acerca dos temas que norteavam a Saúde e ganhar traquejo nas atividades públicas. O trabalho viabilizou o contato com as demais instituições pertencentes ao Estado e também de outros poderes, me possibilitando fazer parte de um grupo de colegas bastante heterogêneo. Estive também à frente de uma pesquisa estatística sobre o tempo de permanência de processos nos setores.

No período que eu trabalhei no Núcleo de Apoio Administrativo, aproximadamente por três anos, assumi algumas responsabilidades que favoreceram o desenvolvimento das minhas habilidades de gestão, além de participar do Curso de Desenvolvimento Gerencial em Serviços de Saúde - CDGESS da SES/SP no Centro de Formação de Recursos Humanos para o Sistema Único de Saúde (CEFOR/SUS), na Vila Mariana, onde aprendi ferramentas de gestão de pessoas que me proporcionaram conhecimentos fundamentais para os desafios que viriam, como: liderança, processos, planejamento, informação e conhecimento, sociedade usuária do SUS e resultados.

Em busca de novos desafios e de participar de atividades que pudessem resultar em melhorias aos trabalhadores, sendo aproximadamente 41 mil na SES/SP, passei a integrar a equipe do Núcleo de Melhoria da Qualidade de Vida, por um período aproximado de dois anos, onde tive contato com desenvolvimento de projetos, atividades relacionadas ao Serviço Especializado de Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT) e políticas do bem-estar.

A equipe contribuiu de forma significativa ao enfrentamento da Covid-19, destacando-se a habilidade administrativa e o cuidado da então Coordenadora, Sra. Maria Aparecida Novaes. Participamos da organização e execução de atividades relacionadas à testagem rápida de todos os servidores da sede da SES, totalizando cinco prédios e dois anexos que, no início, eram realizadas na própria sede e, posteriormente, no Instituto Butantan. Mesmo estando em um período em que não havia vacinas disponíveis, não nos ausentamos da responsabilidade de fazer parte das medidas preventivas e de lidar com o público.

Participar de tais tarefas era desafiador, porque lidávamos com a angústia e a incerteza. O setor se tornou mais unido, nos apoiávamos nas atividades rotineiras e nas novas atribuições, o que fez com que esta fase fosse mais leve.

Com a chegada da vacina, nos mobilizamos para organizar a aplicação das dosagens nos trabalhadores da sede da SES, o que envolvia a parceria com um posto de saúde. Fazíamos o controle do número de doses aplicadas, ordenávamos o espaço onde as tarefas ocorreriam e mantínhamos os colaboradores informados sobre outras tarefas. Posteriormente, foi realizada uma parceria com o posto da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). O trabalho demandou esforço de toda a equipe

e os conhecimentos adquiridos anteriormente foram postos em prática. Me sinto orgulhoso por ter feito parte desta iniciativa.

Assumi, ainda, a responsabilidade de fazer as pesquisas estatísticas sobre os colaboradores infectados e os casos que evoluíram a óbito, mediante dados recebidos dos hospitais do Estado e dos Departamentos Regionais de Saúde (DRSs), tendo como parâmetro para tomada de decisões o atendimento às solicitações do Tribunal de Contas, além do compartilhamento com a imprensa, a fim de garantir a transparência. Foi um trabalho que exigiu bastante dedicação de todos os envolvidos.

Aproveito a oportunidade para parabenizar os colegas da CRH e os demais colaboradores do Estado, pelo compromisso assumido em proporcionar uma qualidade de vida melhor, não só aos trabalhadores, mas à população em geral.

Robson Nascimento Cameirão

Num passado não muito distante ainda estávamos fazendo planos, sonhos e expectativas para um ano novo e em 11 de março a covid-19, foi caracterizada como pandemia e, naqueles dias, nada sabíamos sobre o vírus. Foram dias difíceis para todos.

O Governo de São Paulo determinou quarentena nos 645 municípios, durante 15 dias, impondo o fechamento do comércio, exceto serviços essenciais.

Nós, servidores do SUS/Secretaria de Estado da Saúde, não tivemos tempo para chorar e nem lamentar as perdas, uma vez, que o trabalho era incessante e árduo, a população precisava ainda mais do nosso apoio.

Acredito que a preocupação com a saúde física e mental dos servidores, foi um grande desafio na questão da gestão durante a pandemia, os servidores de RH precisaram encontrar formas de incentivar os colegas e clientes, tivemos um papel fundamental nos atendimentos a estes profissionais que nos procuravam, ora com problemas de trabalho, frequências, faltas, e também problemas pessoais, dávamos apoio e até muitas vezes ultrapassavam a linha do “profissional”, víamos amigos e orientadores, uma vez que muitos passavam por episódios de ansiedade, depressão e tristeza, seja por luto ou pela situação que a pandemia causou.

Neste contexto foi de extrema necessidade a gestão de pessoas ainda mais efetiva, mais próxima, a fim de interagir e desenvolver métodos mais humanizados nos atendimentos aos clientes, enfim...passou, hoje a gestão a pessoas continua sendo uma realidade na nossa Unidade de Recursos Humanos.

Um vírus e milhões de sonhos cancelados e famílias destruídas, expectativas trancadas em casas, entendemos que os planos de Deus são diferentes dos nossos e a importância do agradecer... Sempre.

Que a importância de dizer eu te amo, e de pedir perdão quando ofendemos alguém, é gratificante, entendemos ainda que a cor da pele, a discriminação em geral, não fazem sentido algum, quando o importante é viver bem, com saúde e ao lado de quem amamos. E o quanto é importante os momentos com nossos filhos, família, amigos e colegas de trabalho e a expectativa é tempo de reflexão, aprendizado, esperança e gratidão.

Nilda Rosa dos Santos

Mais um Capítulo da Minha História de Amor com o Pérola

Meados dos anos 2000, nova chefia, novas metas e novos desafios.

Elisabete Fouto, minha diretora à época, em uma reunião que tivemos, me fez um desafio: “Por que você não faz uma solicitação de implantação do Programa de Aprimoramento Profissional (PAP) aqui na Nutrição do Pérola? Você já tem estagiárias, por que não um programa mais aprofundado?”

A princípio, a olhei meio assustada, meio ressabiada, e respondi: “Não conheço o programa, mas vou a alguma Unidade captar todas as informações, fazer o projeto e encaminhá-lo para apreciação. Será um desafio, mas vamos em frente. Posso?” “Sim!!!” Foi a resposta!

Fui até o Hospital Antônio Cândido de Camargo (A.C. Camargo), onde fui calorosamente recebida pela nutricionista responsável, que me explicou em detalhes como funcionava o programa lá. Munida dessas informações, me pus a escrever o programa, com objetivos, metas, cronograma e vagas. Ao término, enviei à minha diretora e recebi o sinal verde para disparar para análise da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap) e da Secretaria de Estado da Saúde (SES).

Após um tempo, já estava ansiosa por receber logo o resultado e, para minha alegria, fomos aceitos para implantar o programa na Unidade! A partir daí, estava dado o pontapé inicial do PAP em Nutrição Hospitalar no Pérola, com duas vagas, período de um ano, para profissionais recém-formadas, preferencialmente, na área de nutrição.

Agora, a segunda parte desse desafio: elaborar a prova, realizar entre-

vistas e análises de currículos. Tivemos muitas inscrições e muito trabalho, mas ao mesmo tempo, foi gratificante. Findo todo esse processo, finalmente faríamos a palestra inaugural do programa na Unidade.

Demos as boas-vindas aos novos membros da equipe e, a partir daí, tivemos a oportunidade de compartilhar novas experiências e participar do crescimento e aprimoramento profissional das novas nutricionistas que por ali passassem.

E sabem o que mais nos deixava felizes? Que a maioria de nossas estagiárias participava do processo seletivo no intuito de dar continuidade à sua formação conosco. Sensação de profundo reconhecimento de nosso trabalho, pois sempre tratávamos as estagiárias como parte integrante da equipe, como profissionais que estavam ali para somar e fazer o melhor para cumprir com a nossa missão na Unidade: o bem-estar das pacientes.

Foram muitos anos do PAP, até que foi descontinuado pela Secretaria e, posteriormente, transformado em Programa de Residência Profissional. Este, não tivemos a oportunidade de implantar, visto que nossa Unidade estava sendo adaptada a uma parceria público-privada e, infelizmente, não pudemos dar continuidade ao processo. No decorrer do PAP, contribuimos com a formação de excelência de muitas nutricionistas que, após a experiência profissional que obtiveram conosco, deram entrada no mercado e hoje são profissionais de ponta em seus referidos locais de trabalho.

Que orgulho maior pode ter uma profissional do Sistema Único de Saúde (SUS) que, diariamente, enfrenta desafios para que tudo aconteça em seus devidos processos, protocolos e humanização do atendimento?

Tenho certeza de que eu e minha equipe (profissionais que foram essenciais no desenvolvimento do programa como supervisoras, como meus

braços direito e esquerdo) conseguimos transformar a vida dessas profissionais de maneira engrandecedora, sempre respeitando os processos de forma ética, responsável e colocando o SUS no patamar onde ele sempre deve estar; de que, apesar dos desafios, sempre damos o nosso melhor para que nossos objetivos sejam atingidos, ou seja, contribuir para o tratamento e recuperação das pacientes de forma humanizada, com o devido acolhimento e respeito às boas práticas de saúde.

Tenho orgulho da profissional que sou, da equipe que me acompanhou durante esses 32 anos de história de amor e de todos os profissionais que levaram uma parte de nós com eles para que pudessem estar onde estão hoje: cuidando, acolhendo e recuperando a saúde de nossos pacientes.

À equipe que sonhou junto comigo, que encarou o desafio: Vocês são nota mil!!

Um agradecimento especial a todas as pacientes que nos permitiram cuidar de sua saúde e, com isso, transformar nosso serviço em uma referência no tratamento à saúde da mulher.

Carmelina Amadei

Minha Experiência na Pandemia Covid-2019

Vou contar em poucas linhas como foi a minha experiência trabalhando na área da Saúde durante a pandemia da covid-19.

Em novembro de 2019, ouvia-se, muito vagamente, falar sobre o vírus que estava adoecendo e matando pessoas na China. Dizia-se que ele tinha aparecido em um mercado na cidade de Wuhan e que, provavelmente, era transmitido por animais silvestres. Nada era certo.

O ano de 2020 chegou e, com ele, veio a pandemia. O vírus, que já tinha o nome de covid-19, se propagou de maneira espantosa pelo mundo e até as cidades mais remotas do planeta já contavam com grandes índices de infecção.

Senti que as coisas iriam piorar quando soube que o Hospital das Clínicas tinha fechado e isolado um andar inteiro e o seu estacionamento tinha tendas para triagem de pacientes com sintomas de gripe.

Decretos foram editados, o comércio fechou as portas, as pessoas se recolheram por causa da quarentena e eu me senti sozinha. Sozinha porque, trabalhando em hospital, não me foi permitido entrar em quarentena também.

Saía de manhã para trabalhar e as ruas estavam completamente desertas, porém o transporte público continuava lotado. Me perguntava: “como eu iria me proteger se ficava dentro do ônibus com tantas pessoas ao meu redor?” Comecei a usar luvas e máscaras descartáveis, além de cobrir meu celular com plástico filme de PVC; sentia que essas ações me passavam alguma segurança.

No meio de tanta apreensão, vi a bondade manifestando-se em forma de doações. Empresas e lojistas nos enviavam álcool em gel e máscaras descartáveis. Recebemos até doação de pãezinhos de uma escola que ministrava aulas de panificação. Com essas ações, senti acolhimento e reconhecimento do trabalho dos servidores da linha de frente perante a sociedade.

A pandemia acelerou as mudanças dentro das organizações, como: implantação de teletrabalho, telemedicina, aumento de aulas online. O Sistema Único de Saúde (SUS) também teve a sua grande participação no atendimento e tratamento dos infectados, pois a maioria dos atendimentos foram realizados pelo SUS. Hospitais de Quarentena foram erguidos para conter a superlotação.

Após dois anos de incertezas e medos, sigo trabalhando e me protegendo. A pandemia terminou, mas o vírus continua agindo.

Zenalva de Freitas Ribeiro

Minha História na CRH: “Obrigada pelo Dia de Hoje”

Oi, gente! Eu sou a Tania Lisboa do Nascimento e, em 31 de janeiro de 1992, ingressei no serviço público estadual de São Paulo, como Escriturária, na Rua Rego Freitas, próximo à Praça da República, já na Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH) que, no final do ano de 1995, mudou para a Av. Dr. Arnaldo. Lá, assumi uma chefia e, posteriormente, uma diretoria na Lavratura de Atos. Hoje, me encontro afastada para tratamento médico, evoluindo bem.

Ao receber o convite da Daniela, Assessora Técnica em Saúde Pública II, me senti muito honrada, e logo pensei de que forma poderia contribuir com minha história no enfoque “Gestão de Pessoas”.

Para começar a contar a minha história, como lido com a competência de gerir pessoas, é preciso dizer de onde herdei essa habilidade: ela vem de outro funcionário público, o Roque, meu pai e da dona de casa e cabeleireira Jiucelia, minha mãe, que me educaram e me ensinaram que todas as pessoas devem ser tratadas com respeito, o qual também devo exigir, e que podem ser verdadeiros presentes nas nossas vidas. Meu pai trabalhava no Hospital do Servidor Público Estadual desde 1974 e lá deixou, com seu falecimento em 2021, muitos amigos e técnicas cirúrgicas. Ele transformava, com sua simplicidade e vasto conhecimento, tudo aquilo que era complexo, em fácil.

Quando meu pai chegava no serviço pela manhã, fazia a seguinte oração: “Senhor meu Deus, que todas as pessoas que chegarem até mim hoje, sintam a tua presença”. Antes de trabalhar, as pessoas costumavam ir até o setor dele e o abraçar, buscando fé, equilíbrio, sabedoria, harmonia e co-

nexão com Deus! Eu ainda não estou nessa fase da evolução, mas procuro fazer o meu melhor a cada ser humano que Deus coloca na minha vida e em relação aos desafios da gestão, nos quais aprendemos, transformamos e, juntos e com o mesmo objetivo, executamos e finalizamos o trabalho com conhecimento, responsabilidade e satisfação. O ambiente de trabalho deve ser um lugar leve, calmo e promissor. Viver e dar conta de tudo não é fácil.

Existem situações que, aos nossos olhos, podem parecer sem importância, mas para o outro, podem significar muito.

Aproximadamente em meados de 2001, havia um colega na Secretaria de Estado da Saúde que trabalhava tramitando documentos, entre outras coisas e, sempre que entrava em nossa sala, o cumprimentávamos. Com muito esforço, ele fazia o curso de Direito e formou-se. Certo dia, de forma inesperada e surpreendente, esse rapaz entrou em nossa sala, vestido de paletó e gravata e, quando o vi, pensei: “Ele arrumou outro emprego e vai embora, (risos)”, mas para nossa surpresa, esse rapaz veio nos agradecer pelo “bom dia” com o qual o saudávamos e por ter sido sempre bem tratado quando entrava em nossa sala. Ele, agora um bacharel em Direito, se apresentava diante de nós, grato pela forma como o tratávamos! Eu fiquei muito feliz por ele, agradecida e reflexiva sobre como o tratamento que damos ao outro pode ter um impacto positivo ou negativo em sua vida.

Em 2021, não sei precisar o mês, o Centro de Qualidade de Vida nos trouxe profissionais para fazer exercícios laborais no corredor, com todas as áreas, e isso foi muito satisfatório e positivo. Minha equipe começou a fazer 15 minutos por dia de exercícios laborais. No começo, confesso que eu não queria sair da frente do computador!

Deixe-me contar uma coisa: se eu estiver concentrada, pode passar pela minha frente o Denzel Washington, de quem sou fã, que não vou desfocar minha atenção (risos), porém os exercícios me fizeram muito bem, melhorou a minha condição física, assim como de toda a minha equipe. Houve uma verdadeira evolução entre nós.

Às vezes, a diretoria também participava dos exercícios, propiciando maior integração; alguns colegas da Assistência e de outros Núcleos também participavam das atividades. Como era bom e especial aqueles momentos pois, com os exercícios, passamos a nos comunicar sem perder o foco no trabalho! Chegamos em um nível tão elevado de conhecimento, que discutíamos a rotina de uma forma casual, um trocando com o outro seu ponto de vista. Que coisa boa! E quando tinha dúvida, buscava ajuda junto à minha equipe, à Assistência, ao Centro de Controle, à Diretoria, aos Núcleos, ao Afastamento, à Seleção, ao Centro de Gerenciamento de Dados, ao Centro de Pessoal ou a qualquer área da Coordenadoria, e ficava muito orgulhosa e grata. Não somos os donos do conhecimento, mas juntos fazemos parte dele.

Havia uma colega que trabalhava conosco e estudava Psicologia. Ela nos trouxe, sabiamente, diferentes perspectivas e uma simples ação que interferiu também positivamente na área. Eu, particularmente sou muito ansiosa; se houvesse uma demanda urgente no dia, já me alterava, mas essa colega de trabalho passou a perguntar a todos: “como foi sua noite?”, “como você está hoje?”. No começo, achávamos engraçada essa preocupação, mas, depois, percebemos um efeito positivo entre nós. Era incrível como uma simples pergunta mudava a atmosfera do ambiente de trabalho! Com isso, eu tinha a possibilidade de perceber o clima da sala e, previamente, organizar, planejar e decidir as melhores estratégias junto com

a equipe. Às vezes, se algum colega de trabalho tinha algo intransferível a resolver, ou se não tivesse se sentindo bem, já mudávamos a rotina. Foi um momento fantástico, gostaria que todos pudessem viver essa experiência! A minha força de trabalho era constituída de personalidades diversas, que se completavam mutuamente.

Gostaria de brincar um pouco e, através das frases das músicas, passar a minha mensagem, só para matar um pouco da saudade da minha equipe e de todos os amigos com quem convivi diariamente, pois usava muito esse artifício. Acredito que toda gestão tem que ter uma pouco de Roberto Carlos: “Como vai você?”; de Fabio Junior: “Senta Aquil!”; de Lulu Santos: “Gente Fina, Elegante e Sincera”; e se errar? Ludmilla: “Pega na Mão e Assume”; como ficamos com os erros? “Mais Sábios”; como diz a Ana Carolina: “É Isso Aí!”; o Jota Quest: “Daqui Só Se Leva O Amor”; já o Legião Urbana: “Temos Nosso Próprio Tempo”; e, como dizia Elis Regina “O Novo Sempre Vem”; portanto, façamos todos sempre o melhor.

E mais, se sentirem que seu superior está muito impactado por uma demanda urgente, ou pela responsabilidade de manter a rotina em dia, façam como o banco Santander: “O que posso fazer por você hoje?”. Colabore, faça o seu melhor, o apoie e acredite: todos ganharão e assim juntos terão promovido uma gestão formadora de líderes. Vivi muito isso com minha equipe, a quem sou muito grata e da qual tenho muito orgulho; desta forma, trabalhamos com excelência e profissionalismo.

Fica aqui registrada minha gratidão: a todos a quem tive o prazer de conhecer e conviver; à minha equipe que, na minha presença ou ausência, trabalham com excelência; a todos que têm apoiado a mim e à minha equipe; à Coordenadoria, Diretoria, Assistência, Núcleos e a todos os meus amigos da CRH e da Secretaria de Estado da Saúde, que fizeram parte do

meu crescimento, como profissional e ser humano.

Término com a frase que gostava muito de falar ao término do meu dia à equipe e aos amigos: "Obrigada pelo dia de hoje!"

Tania Lisboa do Nascimento

Minha Jornada na Secretaria da Saúde: Entrelaçando Experiências e Construindo um Legado

Minha história na Secretaria da Saúde se entrelaça com a minha paixão pela educação e pelo cuidado com as crianças. Formada em Pedagogia, dediquei-me 12 anos à gestão de uma escola particular de Educação Infantil.

Em 2012, buscando novos desafios, ingressei na Secretaria de Estado da Saúde (SES) por meio de um concurso público. Iniciei minha jornada no Grupo de Apoio ao Desenvolvimento Institucional (GADI), onde tive a oportunidade de aprimorar minhas habilidades e ampliar meus conhecimentos na área administrativa e, posteriormente, no Gabinete do Coordenador da Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH), um ambiente hospitaleiro, de aprendizado constante, repleto de desafios e de oportunidades de crescimento profissional.

Em 2015, com incentivo e apoio da CRH, tive a oportunidade de participar de um curso de especialização em “Gestão de Recursos Humanos em Saúde”, oferecido pela Universidade de São Paulo (USP), um programa que me proporcionou conhecimentos e ferramentas valiosos para contribuir de forma ainda mais significativa para a SES.

Nesse mesmo ano, o Centro de Convivência Infantil (CCI), até então administrado pelo Instituto Adolfo Lutz, passou a ser gerido pela CRH. O Coordenador à época, Haino Burmester, e sua assessora, Cida Novaes, abraçaram o CCI e, conhecendo minha experiência, me confiaram essa missão me indicando para o cargo de diretora, convite que aceitei com entusiasmo.

Quando assumi o cargo, em 2016, ainda pude fazer mais um curso de especialização pela Faculdade de Enfermagem da USP: “Promoção do Desenvolvimento Infantil”. Os conhecimentos e instrumentos adquiridos nesse curso foram fundamentais para aprimorar meu trabalho no CCI. Através

da implementação de boas práticas, como a criação de ambientes estimulantes, a elaboração de atividades pedagógicas adequadas à faixa etária e a promoção da interação entre as crianças, pode contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos acolhidos pela instituição.

O curso também me proporcionou a oportunidade de trocar experiências com outros profissionais da área, ampliar meu network e fortalecer minha paixão pelo trabalho com a infância.

O CCI é uma creche que abriga filhos de servidores da SES na faixa etária de seis meses a três anos e onze meses. Nossa missão vai além de cuidar: educamos com amor e responsabilidade, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor, oferecemos alimentação nutritiva e material pedagógico adequado. Desde o início, trabalhamos arduamente para transformar o CCI em um ambiente ainda mais acolhedor e educativo. Também em 2016, com o apoio da CRH e parceria com a Coordenadoria de Controle de Doenças (CCD), o CCI passou por significativas transformações. Foi realizada uma reforma predial completa, adequando os espaços às normas de segurança e às necessidades específicas das faixas etárias atendidas.

Ao assumir a direção, tive a honra de liderar uma equipe de profissionais talentosas, experientes e comprometidas, que dedicaram entre 10 e 20 anos ao cuidado das crianças. Juntas, implementamos diversos projetos, revitalizamos a estrutura física do Centro e conquistamos a confiança das famílias.

Lembro-me dos desafios iniciais: as mudanças provocaram certa resistência por parte das funcionárias, pois tinham vasta experiência e tempo de serviço na creche. Mas, através do diálogo, respeito mútuo e reconhecimento da expertise de cada colaboradora, conquistamos a confiança e o engajamento da equipe, harmonizando as experiências com a necessidade de inovação. Com o tempo, as mudanças se consolidaram e, atualmente, as famílias reconhecem e apreciam o cuidado dedicado às crianças.

Em 2019, movidas pelo desejo de incentivar e apoiar a amamentação, idealizamos e implantamos uma Sala de Apoio à Amamentação no CCI. A sala foi cuidadosamente projetada para oferecer um ambiente receptivo, confortável e seguro para as mães amamentarem seus filhos, respeitando todas as legislações e especificações vigentes.

Nosso compromisso com a amamentação foi reconhecido em 2020, quando a Sala de Apoio à Amamentação do CCI recebeu o certificado do Ministério da Saúde. Essa conquista representa a concretização do nosso trabalho e nos motiva a continuar buscando soluções para garantir o bem-estar das mães e dos bebês.

No entanto, novos desafios surgiram. A aposentadoria de algumas funcionárias e a dificuldade em repor o quadro de pessoal ameaçaram a qualidade do serviço prestado. Foi então que, em 2020, com o apoio da então coordenadora da CRH, Cida Novaes, que sempre incentivou e teve uma participação ativa no CCI, buscamos inspiração em outras Secretarias e firmamos a contratação de um colégio para garantir a continuidade dos serviços prestados.

Ao longo de oito anos à frente do CCI, novas adequações foram necessárias, assim como novas parcerias foram surgindo e, nessas ocasiões, pude sempre contar com o apoio, cuidado e zelo de uma equipe que se dedica a proporcionar um ambiente caloroso e seguro para as crianças, desde a organização pedagógica até a seleção cuidadosa dos materiais utilizados.

São tantos os motivos para agradecer e reconhecer o trabalho exemplar da equipe que fica difícil mencionar todos.

Mas, é importante destacar que o sucesso dessa iniciativa só é possível graças ao apoio e à parceria de todos os envolvidos. Desde a equipe de limpeza, que garante um ambiente impecável, até os profissionais que cuidam das crianças com carinho e atenção, passando pela equipe administrativa,

que gerencia os recursos com responsabilidade, todos contribuem para que o CCI seja um ambiente agradável, de alegria e desenvolvimento para as crianças.

Agradecemos também às famílias que confiam seu bem mais precioso aos nossos cuidados e que nos incentivam a buscar sempre o melhor.

Minha trajetória na SES é marcada por aprendizados, desafios e conquistas. Nesta jornada, aprendi que:

A mudança, embora desafiante, é essencial para a evolução;

A experiência e a inovação podem coexistir e se fortalecer mutuamente;

A colaboração e o respeito são a chave para o sucesso de qualquer projeto.

Luciana Aparecida de Oliveira Bispo

Minha Trajetória no Centro de Convivência Infantil

Eu não me lembro em que ano comecei a trabalhar no Centro de Convivência Infantil (CCI), mas não tem importância. O que de fato é importante para mim, é como eu estava feliz em ir para lá.

Depois de trabalhar tantos anos no Hospital Emílio Ribas, eu fui para a creche para cuidar das crianças, filhas dos funcionários do Emílio Ribas, do complexo do Hospital das Clínicas (HC) e da Secretaria de Estado da Saúde (SES). Os anos em que trabalhei com essas crianças foram maravilhosos. Trabalhei para elas, com elas, por elas, mas acima de tudo, eu trabalhei para mim e por mim. Eu estava sentindo muita falta de trabalhar com crianças, porque acho muito fácil lidar com elas.

Criança é energia, é vida, é alegria, é movimento, é sinceridade. Houve momentos incríveis, muitas brincadeiras, muitos aprendizados. Quando eu falo em aprendizado, me lembro de uma coordenadora ma-ra-vi-lho-sa, Ana Cristina. O CCI trabalhava com Construtivismo e eu nem sabia o que era isso, então me ensinaram e eu passei a entender e a respeitar muito esse sistema. Eu vinha de uma cultura de E.V.A. (Etil Vinil Acetato), em que tudo é comprado pronto, mas lá não era assim: era preciso criar, fazer, envolver as crianças. Era muito bacana e elas aprendiam.

Eu trabalhava com crianças na faixa etária de 2 a 3 aninhos, que são muito curiosas, se desafiam. É realmente lindo vê-las querendo criar, montar, fazer as coisas. Chegavam a entortar a mãozinha para acertar o jeito de pegar a tesoura, por falta de coordenação motora, mas é justamente para isso que a gente estava lá, para ajudá-las em sua evolução. Também era lindo vê-las pintando, cortando, colando e toda aquela algazarra dentro da sala, em que uma grita e a outra também.

Tive vários, vários momentos bons. Com elas, eu tinha paz. Sou uma

peessoa muito acelerada e elas gostavam, né! Porque criança gosta de movimento. Quer ver uma criança feliz? Dê um brinquedo e não precisa ser caro. Nada precisa ser caro para crianças, um brinquedo colorido, que faça barulho, se for grande melhor ainda, dentro de uma caixa. Criança ama isso. Então, a gente inventava muitas coisas, além daquilo que estava no programa anual, que a Ana Cristina propunha para a gente.

Eu levei muitas brincadeiras da minha infância para elas. E no verão? Ah, no verão - nossa senhora! - era um tal de brincar lá fora, pois tem um espaço externo com parquinho, balanços, escorregador, essas coisas. Ah, mas no verão, no calorzão, era banho de mangueira. As mães levavam toalha, roupa quentinha e eu pedia para copeira já deixar uma bebida quentinha para depois desse banho, que inclusive eu tomava também. Elas adoravam me molhar porque eu fazia todo um barulho: “não me molha, não me molha” e pronto, elas vinham: “vamos molhar chuchu”, “vamos molhar Sherli”, “vamos molhar Chueli”... Cada uma falava de um jeito, coisinha mais linda desse mundo! Então, no verão, era essa folia toda: rolavam na água, jogavam água no outro e depois iam para o banho quentinho, para não ficarem gripadinhas.

Em compensação, no inverno, na hora do soninho, eu criei o hábito de fechar a janela, colocar uma música bem baixinha, instrumental. Ah, elas já estavam até acostumadas. Ficavam uma pertinho da outra, uma para cima, outra para baixo, para não ficarem nariz com nariz por causa de respiração, mas bem juntinhas, uma esquentando a outra. Quando acordavam, uma já começava a cantar bem baixinho, outra continuava, sempre uma musiquinha que elas conheciam. Iam acordando, chamando o amiguinho e cantando muito gostoso.

No dia dos aniversariantes, tinha bolo, a gente preparava a mesinha, decorava e eu colocava todas elas para ajudar na decoração, porque era importante participar, principalmente o aniversariante. Ajudava a montar a

mesa, forrar, colocar as coisas, escrever: “o que você quer que escreva?”, então, cada uma falava uma palavra boa, bonita e ficava tudo muito lindo.

Às vezes, uma chorava por algum motivo, pois criança é intensa, uma batia na outra, uma queria o brinquedo da outra, uma mordida a outra, faziam as pazes. Havia a que consolava o amiguinho que estava chorando, a que tirava satisfação com quem mordida, e era assim. Foram anos incríveis!

Já faz muitos anos que eu estou afastada, mas trago essa experiência comigo até hoje e vou levá-la para o resto da minha vida. Sempre tive muita paciência com criança, sempre gostei de criança e, graças a Deus, as crianças também sempre gostaram de mim. Acredito que não existe criança difícil, porém, para trabalhar com criança, não pode ter dor na coluna, não pode ter preguiça, não pode ter mau humor. É preciso estar sempre de bem com a vida, ser leve, deixar fluir nossa criança interior. Sim, podemos ter tamanho de adulto, mas precisamos “ser criança”!

Sueli Aparecida do Nascimento

Minha Trajetória pelo SUS

A minha inserção no serviço público deu-se por meio de concurso para Oficial Administrativo no Hospital Geral Estadual Vila Nova Cachoeirinha, em 1992. À época, nunca havia ouvido falar em Sistema Único de Saúde (SUS). Trabalhava no Serviço de Arquivamento Médico e Estatístico (SAME), no setor de internação. Desempenhava minha função com presteza e dedicação, sempre cumprindo o que me era designado.

Com a abertura das enfermarias, fui para a ala da Maternidade para realizar atividades administrativas, tais como: alta hospitalar, organização de prontuários, censo etc. Durante os anos em que lá trabalhei, fui criando vários vínculos de amizade e confiança. Muitas pessoas gostavam do meu jeito de trabalhar e, por isso, me foi oferecida a oportunidade de realizar o curso de Auxiliar de Enfermagem, mediante bolsa de estudo cedida ao hospital, com custo zero. No início fiquei receosa, já que achava que não tinha perfil para a assistência direta ao paciente, mas, como todas as variáveis e obstáculos que coloquei como empecilho não se concretizaram, percebi que Deus estava dizendo que eu teria que entrar para esta área. Como sou uma pessoa crente nas oportunidades, entendo que a vida nos leva a um único caminho que, com certeza, é o caminho que devemos traçar. Então, mergulhei de cabeça no curso, percebi que tinha sim vocação e encontrei nesta área o verdadeiro sentido na vida: o cuidado com o próximo!

Após me formar como Auxiliar de Enfermagem, fiz concurso público e entrei no Hospital Geral Estadual de Vila Penteado, para trabalhar no setor de Queimados. Foi um período duro, difícil, mas de muita aprendizagem! Compartilhar a dor e conseguir contribuir com meu trabalho para amenizar o sofrimento destes pacientes, me dava um retorno no coração que não tem como descrever! Era imensurável! Indescritível! Foram anos que me fizeram crescer enquanto pessoa e ser humano, que me permitiram enxergar a importância de me doar sem esperar nada em troca, mas a gra-

tidão que eu via no olhar do paciente me fazia sair do plantão revigorada e acreditando que os desgastes emocional e físico valeram muito a pena!

Como a vida dá voltas, acabei indo morar em São Carlos e pedindo transferência para o Departamento Regional de Saúde III (DRS-III) de Araquara, em 2001. Foi lá que conheci essa grande máquina que é o SUS. Foi uma época muito difícil porque, no início, não conseguia encontrar sentido no meu trabalho, já que só mexia com papel, não conseguia saber como estava contribuindo com a saúde das pessoas lidando somente com documentos. A partir de 2005, a direção da Regional resolveu apostar em mim e me deu a oportunidade de participar de cursos, palestras e atividades educacionais, todas ofertadas pela Secretaria de Estado da Saúde (SES). Foi um período de descobertas e crescimento, pois abriram-se as cortinas e, finalmente, consegui me identificar com o meu trabalho. Além disso, o mais importante é amar o que faço.

Nesse meio tempo, cursei faculdade de Administração de Empresas e Especialização em Gestão Pública. Dentre as experiências vividas, decidi compartilhar algumas por meio da escrita de alguns trabalhos, que acabaram sendo premiados no I Seminário Internacional da SES e Prêmio Mário Covas 2008, com a primeira colocação. Ver nosso trabalho reconhecido em todo o Estado de São Paulo me deu ainda mais motivação!

Nesse cenário, em que ocorreram várias mudanças, o que sou hoje é consequência desse processo: exerci inúmeras funções de gestão nos últimos 22 anos de DRS-III e também colaborei na formação dos profissionais que ingressaram, transferindo conhecimento e incentivando a visão crítica.

Na pandemia de covid-19, entendo que minha atuação priorizou a articulação em rede na organização da assistência regional, instituindo fóruns de discussão que agregaram gestores da saúde, do município e técnicos regionais e municipais na formatação de estratégias para enfrentamento do problema. A articulação intra e extra território do DRS-III, seja pessoalmente buscando leitos em outras regiões de saúde, seja negociando com

os municípios, o transporte oportuno e priorização dos pacientes - nas ocasiões em que houve esgotamento de leitos - foi decisiva para a redução dos óbitos.

No DRS-III, meu legado se caracterizou pela importância dada à horizontalidade das relações, ao conhecimento técnico e à humanização da assistência, colocando o paciente acima de qualquer limite territorial e/ou político.

Por motivos pessoais, pedi transferência para o DRS-IV da Baixada Santista. Hoje não tenho nenhum cargo, mas continuo desempenhando meu trabalho na gestão com mesmo empenho e dedicação, afinal, o conhecimento adquirido no decorrer dos anos não pode ficar adormecido, precisa ser colocado em prática em prol de uma Saúde melhor. Continuo firme e forte, crendo que o SUS é a maior conquista do cidadão brasileiro e reconhecendo que cabe a cada um de nós, trabalhadores de saúde, efetivá-lo conforme ele foi idealizado e sempre com o objetivo de que ele seja o SUS que queremos e que todos merecemos!

Sonia Regina De Souza

Ser Servidor Público Estadual foi algo que simplesmente me aconteceu, pois Glória, uma amiga querida que trabalhava na Secretaria da Fazenda, me entregou um papel dobrado: era o Diário Oficial do Estado, de março de 1991, constando o concurso de Oficial Administrativo, do Centro de Referência e Treinamento Aids, atualmente Centro de Referência e Treinamento DST/Aids (CRT-DST/Aids).

Assim, tem início uma nova etapa na minha vida, em 28 de abril de 1992, aos 25 anos. Já estreei levando uma bronca da chefe por ter tomado posse do cargo no último dia, no Departamento de Pessoal, atualmente Núcleo de Pessoal.

No começo foi difícil, pois não sabia nada de legislação, contagem, a maneira de dar encaminhamento era diferente, remessa, protocolo, tudo novo. Nosso trabalho era feito na máquina de escrever manual, também teve a época da folha de ponto no mimeógrafo, o uso do carbonô, as laudas, os vales-transportes de papel. Quando chegaram as máquinas elétricas, que maravilha! Por fim, chegaram os computadores, novas descobertas, cursos de informática, digitação, tudo para melhorar o nosso trabalho.

Em 1994, passei a responder como Chefe de Seção e a minha responsabilidade aumentou. Então, quando não sabia sobre algum assunto, juntava dúvidas e documentos e partia, junto com minha amiga Ivone, para o Centro de Legislação de Pessoal (CLP) da Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH), onde éramos recebidas pela Maria do Socorro, uma pessoa muito querida por nós e que, às vezes, nos dava um puxão de orelhas. Não posso deixar de citar os queridos Nivaldo e Cecília, sou muito grata a todos

por suas orientações.

Também trabalhei na Secretaria da Fazenda por um breve período, de setembro de 1996 a fevereiro de 1997, onde tive uma experiência muito enriquecedora. Agradeço a todos pelo carinho que tiveram comigo.

Como o bom filho à casa retorna, recomecei a minha jornada no CRT/DST/Aids, no mesmo Núcleo. Fui indicada para assumir o cargo de Diretor I do Núcleo de Pessoal no ano 1998, no qual permaneci até 2008.

Núcleo de Pessoal é um turbilhão de emoções, seja com as mudanças das Leis, com seus impactos na vida funcional e financeira dos servidores, seja com os acontecimentos do dia a dia, que proporcionam tanto alegrias e conquistas - como o nascimento de um filho ou neto, um casamento - quanto, às vezes, tristeza e saudades, como pela perda de um amigo querido. São histórias que vão deixando sua marca em cada um de nós que trabalhamos na Unidade.

Eu posso dizer que ser Servidora Pública não era o meu sonho, mas saí realizada por tudo o que conquistei, pois o CRT/DST/Aids era como uma família para mim. Sempre procurei fazer o meu trabalho com muito amor, dedicação, dando o meu melhor, tendo empatia com o próximo, procurando acolher e orientar da melhor maneira. Para mim, Recursos Humanos/Núcleo Pessoal é assim.

Agradeço a todos que trabalharam comigo desde 1992, pois foram e ainda são muito importantes na minha trajetória até 04 de agosto de 2022. Aposentadoria em 05 de agosto de 2022. Agradeço, também, pelo tempo trabalhado com minha amiga Sandrinha (in memoriam).

Marisa Vicente Monteiro

Ingressei no serviço público em 2007, como Oficial Administrativo. De lá para cá, muita coisa aconteceu. Desde eu ter me formado Bióloga até ser, atualmente, pós-graduanda em Tradução, Interpretação e Docência em Libras, a Língua Brasileira de Sinais.

Dentre os vários cursos que fiz, um em especial me deixou maravilhada. Nele, havia o módulo de Libras Tátil e Comunicação Háptica*. Em poucas palavras, define quais são as opções de comunicação com uma pessoa surdocega.

Hoje em dia, exerço minhas funções na Unidade de Gestão Assistencial II (UGA-II) - Hospital Ipiranga, e foi aqui que tive a minha primeira experiência em uma função que pretendo levar para a vida. Ela me mostrou o poder e a importância da acessibilidade linguística nas instituições de saúde.

Em um belo dia de 2023, o telefone do setor toca:

- Vanessa, chegou uma paciente surda, você pode vir interpretar para ela?

- Claro, já estou descendo.

Ao iniciar os cumprimentos: “Boa tarde, meu nome é V-A-N-E-S-S-A (sofrito com o alfabeto manual), meu sinal é este (e faço meu sinal - ele nos é dado como forma de batismo na comunidade surda)”. Ali, eu já sabia que a próxima a precisar de atendimento talvez fosse eu mesma, tamanho meu nervosismo.

Na sala da triagem, teve bronca sinalizada para todo mundo: “Vocês precisam aprender a se comunicar com os surdos”. Eu, então, interpretei,

sem tirar nem colocar uma palavra, que não fosse a expressão da dor pela exclusão daquela pessoa. Ela já havia se dirigido a outro hospital e tinha em mãos uma lista de remédios que deveria ter comprado, mas não comprou. Sua explicação para mim foi: “Eu não comprei porque não entendi direito, nem o que eu tinha, nem o que eu precisava fazer. Não tinha intérprete lá.”

Expliquei a ela que minha comunicação não era profissional e recebi o maior elogio que poderia naquele momento: ela disse que minha sinalização era muito boa e clara. “Ebaaaaa!”

A partir dessa experiência, tomei para mim, a incumbência de divulgar, incentivar e inserir os profissionais da assistência nesse idioma tão maravilhoso e garantido por Lei, em território brasileiro, a seus usuários.

Desde então, já foram ministradas duas oficinas direcionadas aos profissionais da Enfermagem, com o título “Recebi um Paciente Surdo, e Agora? – O Atendimento ao Paciente Surdo Sinalizante” e garanto que foi incrivelmente satisfatório ver o interesse dos funcionários. Foram perguntas, dúvidas, risadas, aprendizado, uma sementinha plantada no íntimo de cada um. A sementinha da EMPATIA (um dos meus sinais preferidos, inclusive: “eu sou capaz de sentir o que você sente”).

Apesar de não ter em minhas mãos os instrumentos da Gestão de Pessoas, pois não trabalho no setor de Recursos Humanos (porém, trabalhei assim que entrei no serviço público), tampouco exerço funções de gerência ou chefia, entendo que tudo que possa ser feito para o desenvolvimento profissional e pessoal do colaborador, não deva ser ignorado.

O servidor motivado é o principal defensor do seu ambiente de trabalho.

Chamo para raciocinarmos: Quais estratégias as equipes de Gestão de Pessoas no serviço público podem utilizar para manter esses profissionais

motivados e interessados, em seu quadro? É a parte HUMANA dos Recursos.

E se o próprio servidor for a Pessoa com Deficiência, usuário do idioma, quem estará apto a recebê-lo?

Atualmente, está em tramitação, um Projeto de Lei que define o domínio de Libras como critério para desempate em concursos públicos, nada definido ainda, mas já é um passo.

Eu costumo dizer: “Se um paciente surdo chegar aqui e quiser atendimento em Libras, o problema não é dele... É NOSSO!”.

Vanessa Carvalho

*Relativo ao tato.

O Preço do Abandono

Atualmente, sou a Enfermeira com mais tempo de serviço, com 30 anos completados em 2023 no Centro de Reabilitação de Casa Branca, um hospital psiquiátrico de longa permanência, que vem passando por mais uma mudança positiva com novos serviços: Cuidados Paliativos/Prolongados e Dependência Química.

Mas nem sempre foi assim. Ao fechar os olhos, por alguns instantes, me recordo do primeiro dia em que pisei no hospital e que ficou para sempre marcado em minha memória: 28 de dezembro de 1993, quinta-feira. Uma quantidade absurda de pacientes (1.200, sendo somente homens), internados por comprometimentos mentais e comportamentais, morando em prédios coletivos e casas distribuídas pelo hospital, com alambrados separando as unidades e restringindo o direito de ir e vir; uniformes separados por cores, de acordo com cada setor; cabelos cortados como recrutas; pontas dos dedos queimadas e escuras pelas bitucas dos cigarros; embora carregando pertences, muitas vezes, vistos como lixo; descalços por décadas (a grande maioria); dependentes e solicitantes por cigarros e um gole de café; vários na condição de ignorados pela ausência de certidão de nascimento; e, uma porcentagem significativa, alienada em tempo e espaço. Além da presença, no corredor central, nos prédios e no gramado, de montinhos de fezes e urina.

Uma colega do trabalho me disse que seria melhor eu comprar um sapatão, porque sapatinho não daria para utilizar naquele ambiente. Confesso que fiquei chocada, não pelo uso do sapatão, mas pela maneira como a situação foi tratada, como se aquilo fosse normal frente a uma realidade

imutável, então, melhor que eu trocasse o meu sapato.

De 1993 a 1999, vivemos nesse cenário marcante, repetitivo e de difícil aceitação pela condição tão sub-humana oferecida e pobre de ações humanizadas: acordar os pacientes nos prédios, logo no início da manhã, cheios de fumaça de cigarros, sujos de fezes, urina e secreções; acompanhar os pacientes correndo em “mutirão” (como se fossem animais em bando) até o balneário (distante vários metros) para o banho coletivo e sem privacidade (quase sempre frio e com escassez de toalhas); observar os pacientes no refeitório, que tinha odor ruim decorrente da soma da absorção da umidade presente nas inúmeras rachaduras dos pisos e paredes porosos aos restos de comida e água da limpeza mal feita, exalando um odor azedo e extremamente enjoativo; e ainda, em certas ocasiões, acompanhar os pacientes nas sessões de eletrochoque sem qualquer tipo de preparo, como popularmente dito: “a sangue frio”, uma cena aterrorizante.

Da mesma forma em que os pacientes ficavam dispersos da realidade cruel como forma de fuga e libertação do sofrimento gerado pelo sub-mundo disponível, os funcionários também se adaptavam ao não questionamento desse tipo de assistência disponibilizada pelo sistema, como se aquilo prestado fosse o suficiente, não se indignando ou, simplesmente, observando o cenário superficialmente, como forma de poupar a mente e de se abster de um olhar crítico.

De 1999 a 2001, ocorreu a intervenção nacional nos hospitais psiquiátricos, com a Lei Federal 10.216 e o processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil, viabilizando os direitos das pessoas com transtornos mentais, com anos de reclusão e sequelas institucionais. Parecia que o hospital, vivendo em catatonia há anos, tinha acordado em gigante euforia. Iniciou-se a reclassificação dos pacientes de acordo com perfis; a busca pelos registros

de nascimento para a recuperação da identidade tardia dos ignorados; o resgate dos vínculos familiares; o levantamento das sequelas institucionais adquiridas ao longo dos anos de internação, como o hábito de juntar “coisas” (os únicos objetos que se podia dizer que eram dele realmente), o uso do banheiro, os cuidados com a aparência (já que o paciente permaneceu anos sem se “ver”) e o andar descalço.

Eu trabalhava na antiga Unidade III e lá iniciamos o “Projeto dos Calçados”, uma ideia que surgiu ao olhar para aqueles pés com rachaduras extensas e profundas, grossos como lixas duras, por enfrentar calor, umidade, sujeira e frio, fato que me incomodava sensivelmente. Enquanto Enfermeira da unidade, fiz a pergunta: “Por que mantê-los assim? Como fazer o paciente usar um calçado depois de tantos anos sem olhar e sentir seus pés verdadeiramente? Como fazer o paciente usar um calçado nesse pé abandonado e tão dolorido emocionalmente?” Pedicure! Esse seria o segredo. À primeira vista, tive os mais diversos tipos de olhares quando fiz a proposta, mas minha motivação era tanta que consegui, de imediato, a adesão de alguns colegas da equipe. Fizemos vários kits individuais com bacias, lixas, cortadores de unhas, hidratantes, toalhas e escolhemos os calçados (papetes, chinelos, tênis etc., o que estava disponível naquele momento). Um trabalho cauteloso, realizado passo a passo, dia a dia, tentando criar um ambiente agradável, saudável e produtivo àquele procedimento, bem como lidar com parte da equipe que não aprovava o fato de ter que se submeter àquela prática diária, alegando que não daria certo, que o paciente jogava os calçados sobre o telhado pouco tempo depois da realização do procedimento, que isso não era função dos funcionários, que eles estavam descalços há anos... uma série de desculpas para a resistência. Isso sem contar que outros projetos estavam sendo construídos, paralela-

mente. Parecia uma corrida contra o tempo perdido.

Discutindo a história com uma colega de trabalho, Maria Zélia da Silva, que participou desse projeto, lembramos que, pela manhã, após o banho e o café, nós da Unidade III conduzíamos os pacientes do refeitório até a sala de curativos. Como a unidade era composta por mais de 120 pacientes, iniciamos com cerca de 10 de uma só vez e uma equipe de quatro a cinco Auxiliares de Enfermagem. Como não cabiam todos na sala de curativos, utilizávamos também a sala multiuso, localizada na entrada da unidade. Colocávamos cada paciente em uma cadeira com o seu kit e, sentados em cadeiras ou banquinhos, iniciávamos o procedimento, que durava de 20 a 30 minutos cada, aproximadamente. O trabalho era realizado em dias alternados para cada grupo de pacientes, sendo que o ato se resumia a imergir os pés em bacias de água morna com sabonete, lavar, massagear, lixar, secar, cortar as unhas, hidratar e, por fim, calçar. Além dessa conduta, tínhamos que buscar o paciente que não queria aderir, conversar para que entendesse o que seria feito ali e fazer todo o processo novamente. Paciência e dedicação. Observar aquele paciente que cochilava por instantes, quando os pés estavam submersos na água morna, percebendo o quanto aquilo lhe fazia bem, era o estímulo necessário para que nossa equipe perdurasse nessas ações.

Conseguimos encaminhamento para confecção de calçados especiais para os que tinham os pés muito deformados e estavam com dificuldade de utilizar os calçados tradicionais disponíveis. Cada membro da equipe tinha sua responsabilidade: os que buscavam o paciente, os que realizavam a pedicure, os que faziam outras atividades da rotina da unidade; todos focados e comprometidos com aquele trabalho. Fazíamos reuniões semanais/quinzenais para proporcionar proximidade entre a equipe e identi-

car as dificuldades enfrentadas, as estratégias possíveis, bem como elogiar, agradecer as conquistas e perceber a necessidade de fortalecimento nos dias em que a equipe se enfraquecia mediante as dificuldades de adesão por parte de vários pacientes. E, assim, se passaram quase 365 dias: um ano nessa rotina de pedicure diária para, então, poder se dizer que, finalmente, calçamos todos ali: uns mais rápidos e outros com muita lentidão, mas cada um ao seu tempo!

Hoje, ninguém mais anda descalço: os pés continuam exercendo a função de base sólida e estável para o corpo, mas agora visíveis e saudáveis. Apesar de não ter sido uma tarefa fácil, tanto para os pacientes aceitarem os calçados, quanto para os funcionários ao exercerem algo cansativo, longo e que exigia persistência, para nós, enquanto equipe, significou o resgate desse bem-estar, pois, finalmente, acabamos com a nudez e o abandono dos pés.

Natália Fioratti Verotti

“Ói a Nós-Quipe Aqui Traveiz”

“Presidente Prudente, 27 de fevereiro de 2024.

Sejam todos bem-vindos à 2ª Oficina de Regionalização da Saúde - Macrorregional de Presidente Prudente. O Departamento Regional de Saúde de Presidente Prudente expressa seu profundo agradecimento a todos que, mais uma vez, atenderam ao chamado para mais essa etapa do Projeto de Regionalização da Saúde, de iniciativa da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.”

Pois é! “Rolou” continuação! E a gente teve que planejar, elaborar, organizar, estruturar, desenvolver, executar e, enfim, fazer acontecer, simplesmente, tudo de novo! “Bora lá” botar a “nóis-quipe” em campo mais uma vez! Está certo que a gente já tinha na bagagem a experiência da primeira oficina, mas o frio na barriga é o mesmo! Pior é que não foi só tudo de novo: foi tudo e mais um pouco! Então, se de repente “pinta” algum “B.O” *, “toca” acionar o Protocolo Solução Técnica Alternativa (STA), porque ninguém aqui “passa recibo de que teve que apelar para gambiarra para desenrolar os perrengues”.

É que, dessa vez, a formatação do evento teve algumas alterações por conta da celebração entre o Governo do Estado e os 45 municípios que constituem a Rede Regional de Assistência à Saúde de Presidente Prudente (RRAS 11) do Termo de Acordo e Compromisso de Gestão Regional da Saúde, com objetivo de formalizar a cooperação técnica entre as partes - Estado e Municípios - visando organizar e integrar as ações e serviços de saúde na rede regionalizada e hierarquizada para garantir, à população, a integralidade da assistência à saúde, em consonância com os princípios constitucionais do Sistema Único de Saúde (SUS).

Bonito, né! Mas, de que precisa para sair do papel, para o acordo e o compromisso se materializarem, virarem saúde de verdade lá na Unidade Básica de Saúde (UBS)? Essa foi a parte boa do combinado, porque ficou

registrado pelo Governo do Estado, nesse mesmo documento, o aporte de recursos adicionais ao custeio das ações de assistência à saúde de, aproximadamente, três bilhões de reais, investidos em dois programas: Incentivo à Gestão Municipal (IGM-SUS Paulista) e Tabela SUS Paulista. Opa, iniciativa válida demais! Mais que necessária! Providencial! Confortadora! Principalmente para os Gestores Municipais de Saúde, que tiveram a oportunidade de dar seus testemunhos do que vivenciam todo santo dia!

Em cidades pequenas, todo mundo é parente ou conhece os Secretários de Saúde desde sempre, sabe onde eles moram e tem seus números de telefone! Esses “caras” não têm um segundo de descanso na vida! Para eles não existe horário de entrada e saída da Secretaria! Seu expediente é ininterrupto, pois sempre tem alguém passando mal, precisando de atendimento de urgência e emergência, em risco de morte, precisando de transferência imediata para o hospital, precisando de vaga etc.

Vivem o tempo todo a angústia de não poderem contar com recursos humanos e materiais suficientes para dar soluções eficientes, eficazes e dignas para situações que não admitem soluções que não sejam assim! Aí, quando aparece uma iniciativa que cria uma expectativa de transformação dessa realidade desoladora, eles confiam! “Pulam de ponta”! E a gente também! A gente não perde a esperança nunca.

A Providência está sempre agindo, dando um jeito de não nos deixar esmorecer! E dessa vez foi de imediato pois, em plena sessão-desabafo, em meio a toda aquela “sofrência”, teve declaração que tocou nosso coração: todos os Secretários de Saúde fizeram questão de expressar a importância do suporte do DRS XI toda vez que a “coisa entorta de vez e a única saída é juntar as forças para matar o leão”! Então, para mostrar que o DRS XI está sempre fechado com eles, preparamos uma singela homenagem, de surpresa, na retomada para os trabalhos do período da tarde, para sentirem que seu idealismo, esforço e dedicação – dos quais todos nós, servidores da saúde, compartilhamos – não estão sendo em vão.

“Boa tarde a todos! Esperamos que todos tenham tido um excelente almoço e estejam bem-dispostos para o prosseguimento das atividades! Segundo o Protocolo da Oficina, o próximo tema a ser abordado é o Processo de Pactuação nas Comissões Intergestores Regionais e a Implantação do Comitê Executivo de Governança da Rede de Atenção à Saúde.

Aproveitamos para admoestar, aos diletos participantes deste insigne evento, que recostar-se nos braços de Morfeu denota a eiva dos langorosos! No popular, dormir é para os fracos! E aqui não tem ninguém fraco porque todo mundo aqui é Trabalhador-SUS! E, falando em Trabalhador-SUS, a gente gostaria de compartilhar um caso acontecido na Primeira Oficina de Regionalização da Saúde, realizada em maio do ano passado. Só que não pode cochilar no meio da narrativa, senão a gente chora!

Foi na hora do almoço! O Aristeo, nosso Articulador da Atenção Básica, encontrou um cartão de banco e veio trazer para a gente fazer o serviço de utilidade pública: devolver a paz ao coraçãozinho da pessoa que o havia perdido. Mas, o pior é que já não tinha mais ninguém no Auditório! Todo mundo já tinha saído para o almoço! E aí é que veio a tentação: o tal do anjinho do mal que se senta no ombro da gente e começa a cochichar no ouvido, bem mansinho, bem danadinho, bem ‘foleirinho’:

- Um cartão de banco, rapaz! E o TI** aí do seu lado! E o TI é bom, hein? O TI é fera! ‘Vâmo’ fazer uma conta rápida aqui: cartão perdido + TI ninja = ‘bora hackear’ essa conta! ‘Bora’ ver o que tem lá! Vai que...

Mas aí vem o anjinho do bem, senta-se no outro ombro, aconselha a gente a ser solidário com o próximo, apela para a magnanimidade da gente, lembra da necessidade do exercício da empatia:

- Meu querido, a moça é servidora da Saúde! Acordou cedo - cinco da manhã e, se veio de município distante, pulou bem antes - deixou os incêndios se espalhando a milhão lá na Unidade dela para vir para a Oficina de Regionalização, para dar a contribuição dela, para assentar o tijolinho dela na construção de uma Saúde melhor para a população! E você, com essas

ideias? 'Hackear' o cartão de uma Trabalhadora-SUS? Uma servidora igual a você! Não tem vergonha não, rapaz? E se fosse você que tivesse perdido seu cartão?

Fazer o quê, né? Esperamos todo mundo voltar e anunciamos o encontro do precioso cartão! Bom, quase nem deu tempo de terminar de falar porque a cidadã veio tão na velocidade da luz que, quando a gente se deu conta, já estava ela no palco, do lado da gente, com aquele sorriso de fora a fora! E recebeu de volta seu cartão intacto, sem nenhuma violação!

Será? Não falei que o TI era 'o cara'?

Brincadeira à parte, a gente resolveu trazer esse relato só para enaltecer a importância da presença de cada um de vocês aqui, nessa segunda etapa desse verdadeiro movimento de regionalização da saúde! O Departamento Regional de Saúde de Presidente Prudente reconhece e agradece a disponibilidade e o esforço de cada um para se deslocar e vir participar de mais uma jornada, dar mais um passo na longa e árdua caminhada de fazer e proporcionar saúde de qualidade à comunidade. E, para revigorar o denodo naquelas horas em que as tribulações parecem intermináveis, parafraseamos o bordão de uma sapientíssima e queridíssima peixinha azul, do famoso desenho animado: 'Continue a remar, continue a remar, continue a remar...'

E, para finalizar, gostaria de pedir que todos se levanten - por gentileza, fiquem em pé, Senhoras e Senhores - e expressem o reconhecimento de vocês, com uma calorosa salva de palmas, a vocês mesmos! Vocês são 'a Cara do SUS'! Vocês são 'os Caras' do SUS!"

Vocês e a gente! Aqui é tudo SUS! Aqui é a "nóis-quipe"!

Cidmar Berti Rosseti

*Boletim de Ocorrência, utilizado em sentido figurado.

**Tecnologia da Informação.

Servidor Público, por que Não?

Era início de 1994, quando resolvi me inscrever para o concurso público de Oficial Administrativo da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES/SP). Eu estava desempregado há alguns meses e esta foi somente mais uma opção dentre as quais aceitavam meu currículo.

Em outubro deste mesmo ano, recebi um telegrama com a informação de que eu havia sido aprovado na prova escrita e deveria retornar para a prova de Datilografia. Alguns dias depois, foi publicada minha aprovação para ingresso no serviço público, obtendo uma nota que me classificou no 4º lugar da listagem. Como eu continuava desempregado, sem pretensão alguma ou outra opção para o momento, assinei minha anuência em 04 de outubro de 1994. Eu não tinha intenção de continuar neste serviço, pois não tinha boa impressão de funcionários públicos.

Ingressei na Unidade de Avaliação e Controle (UAC), na sede do Núcleo 3, em Itaquera. No ano seguinte, houve a transferência de todos para um prédio na Av. São Miguel, bairro da Penha. No período de 1995 a 1999, desempenhei minhas atividades neste setor onde, aos poucos, fui conhecendo o serviço público e sua importância para a sociedade. Ao começar a usar computadores, criei uma ferramenta que facilitou a impressão de documentos que eram, até então, datilografados: Autorizações de Internação Hospitalar (AIH) de hospitais conveniados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e sob supervisão deste Núcleo regulador.

Entre 1999 e 2001, participei da comissão de criação do Centro de Referência do Idoso (CRI) em São Miguel Paulista, um projeto inovador, que levaria à população idosa acima de 60 anos, assistência médica e multiprofissional, em parceria com várias secretarias e serviços públicos, além de outros benefícios. A Unidade não possuía cargos em sua estrutura e grande parte dos funcionários eram contratados pela Lei 733. Inicialmente, fui responsável pelo Serviço de Arquivo Médico e Estatística (SAME), com

uma equipe formada por funcionários que já eram do serviço público e outros, na maioria bem jovens, contratados conforme citei acima.

Alguns meses depois, mediante a avaliação positiva da diretora do CRI, Dra. Rosa Maria Barros, assumi o cargo de Chefe I cedido por outra unidade (como eu disse anteriormente, naquele momento não havia estrutura de cargos na Unidade). Nesse período, a Dra. Rosa Maria me indicou para participar de um processo seletivo na Universidade Federal Paulista (UNIFESP) para um curso superior em Gestão em Saúde, cuja realização exigiu bastante esforço de minha parte e me proporcionou embasamento teórico que, aliado à prática adquirida nos últimos anos, me motivou a aprofundar meus conhecimentos no serviço público. Concluí esse curso em 2005 e, com a formação em Gestor em Saúde, reuni materiais e me inscrevi no Prêmio Mario Covas, que incentivava boas práticas no Serviço Público do Estado de São Paulo. Tive a honra de ser um dos finalistas nessa premiação.

Em 2008, fui convidado para assumir o cargo de Diretor Técnico de Saúde I, no Hospital Infantil Cândido Fontoura (HICF), cuja diretora na época era a Dra. Ana Maria Chaddad, que também me ofereceu grandes oportunidades de aprendizado profissional. Enquanto exercia esse cargo, por meio de uma parceria entre a SES e a Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap), realizei uma pós-graduação em Serviços de Saúde. Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi baseado no Contrato Programa, do qual eu participava ativamente, junto à equipe do HICF, considerando que o serviço que eu gerenciava dispunha de todos os indicadores e dados necessários para gestão e levantamento de metas deste contrato. Mais uma vez, tive a Dra. Ana Maria como minha “tutora”, me incentivando e apoiando minhas buscas. Após concluir esse curso, ainda trabalhando no HICF, fiz também o de Tecnologia em Serviços Públicos, pela Universidade do Centro Universitário de Maringá (UniCesumar) e, mais recentemente, o Master Business Administration* (MBA) em Gestão Pública, numa parceria entre o HICF e a Faculdade São Camilo.

Diante do exposto, concluo que uma profissão na qual ingressei visando apenas uma passagem rápida entre um emprego privado e outro, mudou minha visão do Servidor Público, me fazendo enxergar que o serviço prestado deve ser sério e eficaz. Tive a sorte de ter tido, em minha trajetória, gestores que acreditaram em mim e no meu potencial. Creio que viram em mim um profissional que almejava ser mais do que um auxiliar na administração, com capacidade para se tornar um gestor com grandes responsabilidades. Agora, próximo da aposentadoria, tenho a certeza de ter feito o meu melhor.

Gratidão à Dra. Rosa Maria Barros, à Dra. Ana Maria Chaddad, aos demais gestores de pessoas que me acolheram e aos colegas que me acompanharam e acompanham até hoje.

Jose Luiz da Silva Filho

*Mestre em Administração de Empresas, em tradução literal.

Trajetória Profissional em Forma de Ciclo

Minha trajetória profissional parece uma sequência de coincidências, mas eu chamo de destino. Terminei o colegial (atual Ensino Médio) e duas colegas me chamaram para procurar emprego. Uma delas tinha falado de um concurso público de um órgão chamado Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN); não tínhamos noção do que era, mas parecia ser uma boa oportunidade.

No dia de fazer a inscrição - que naquela época era presencial, pois quase não existia computador - uma das colegas desistiu, então fomos só em duas. No meio do caminho, a outra decidiu que iria para a casa do namorado e também desistiu, assim, acabei indo sozinha.

Cheguei ao local indicado para fazer a inscrição e me informaram que não era lá, logo, pensei que não era para ser. Então, já decidida a retornar para casa sem alcançar meu objetivo, passou na minha frente o ônibus com o itinerário do local da inscrição e não pensei duas vezes: quando vi, já estava no ônibus a caminho da sede do Órgão que passaria, depois de um tempo, a chamar de meu trabalho.

Fiz a inscrição, passei pelo processo seletivo e demorou quase dois anos para que fosse chamada. Neste intervalo, trabalhei como operadora de caixa em um hipermercado por 11 meses, até que pedi para sair, pois queria fazer cursinho para prestar o vestibular e, com a jornada de trabalho que tinha, não dava tempo.

Procurei emprego por um bom tempo. Cansada de sair com uma pasta cheia de cópia de currículos, um dia me lembrei do concurso que passei e pelo qual ainda não havia sido chamada. Como já estava cansada de ir

em escola pedir para ler o Diário Oficial, liguei para a SUCEN e, para minha surpresa, fui informada de que haviam me enviado um telegrama para a escolha de vaga e que eu deveria me apresentar amanhã. Este telegrama nunca chegou à minha casa. No dia seguinte, fui até a SUCEN e escolhi a vaga, porém, a analista insistiu para que eu escolhesse a da regional de Pinheiros, onde havia ido antes para fazer a inscrição. Não quis ir para lá, pois me identifiquei com o perfil da sede.

Comecei a trabalhar no dia 11 de setembro de 1995, como Oficial Administrativo, na Seção de Expediente do Gabinete da Superintendência. Aprendi a rotina administrativa e, depois de dois anos e meio, fui convidada para trabalhar na Procuradoria Jurídica, que ficava no mesmo andar. Neste meio tempo, já estava fazendo cursinho e tinha interesse em prestar o vestibular para cursar Direito. Aprendi a rotina dos andamentos processuais, a inscrever na dívida ativa e a fazer cálculos de correção monetária, pois foi justamente na época em que teve a transição de moeda do cruzeiro para o real. Trabalhei sete anos e meio na Procuradoria Jurídica e, depois que me formei, fui convidada para assumir a chefia da Folha de Pagamento de Pessoal, na Administração de Serviço de Pessoal. Neste período, passei a compreender um pouco mais sobre as relações humanas e a necessidade de aprender a gerir os trabalhos, então participei de todos os cursos de Desenvolvimento Gerencial que eram ministrados pela Fundação do Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP), onde aprendi demais.

Em 2008, cursei Especialização em Recursos Humanos na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), onde tive o privilégio de ter aulas com o Professor Volnei Gonçalves Pedroso e com a Professora Maria Aparecida Novaes. Esta última foi e é uma inspiração para mim pois, além de professora, foi também minha orientadora no Trabalho de

Conclusão de Curso (TCC), a pessoa que me incentivou a não desistir e me mostrou o potencial que eu mesma não enxergava por causa das críticas, o que me fortaleceu profissionalmente.

Nesta época, me apaixonei ainda mais por Recursos Humanos e não parei por aí: continuei participando de todos os cursos oferecidos pela Unidade Central de Recursos Humanos (UCRH) e pela Secretaria de Estado da Saúde (SES) e, principalmente, dos saudosos Congressos de Gestão de Pessoas.

Em 2018, fiz uma especialização em Gestão Pública pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em que meu TCC foi sobre Qualidade de Vida no Trabalho e fui privilegiada com sua publicação no Boletim Epidemiológico Paulista (BEPA).

Após 16 anos trabalhando na Folha de Pagamento de Pessoal, em 24 de janeiro de 2020, recebi o honroso convite para assumir a Chefia de Gabinete da SUCEN. Nesta ocasião, percebi que meu ciclo, iniciado no Gabinete em 1995 como Oficial Administrativo, estava sendo concluído com meu retorno ao Gabinete da Superintendência, desta vez como Oficial Administrativo designada Chefe de Gabinete. Naquele momento, passou um filme de 26 anos de SUCEN em minha cabeça e percebi o quanto aprendi nesta instituição, agora extinta.

Se desse para resumir esses 26 anos de trajetória profissional, eu diria que tive força de vontade, dedicação, confiança nos meus superiores e muita fé para não desistir no meio do caminho.

Em abril de 2022, a SUCEN foi extinta e fomos sub-rogados para a Coordenadoria de Controle de Doenças (CCD). Voltei ao meu cargo de origem e, com a autorização dos meus superiores, me inscrevi para o curso de

Especialização de Gestão de Pessoas em Saúde, do Centro Formador de Pessoal para Saúde de São Paulo (CEFOR-SP) que, mesmo sendo on-line, me proporcionou mais uma oportunidade e ficará registrado neste livro de memórias.

Rosana Machado de Alcantara

Transformação de Fora para Dentro

Este relato se passa no Hospital Psiquiátrico “Centro de Reabilitação de Casa Branca”, nos primeiros anos após a sua fundação, no início dos anos 80. Nessa época, o Hospital abrigava cerca de 1500 pacientes advindos do Juquery. A equipe era reduzida e, em sua maioria, não tinha um preparo prévio para cuidar dos pacientes psiquiátricos. Tentávamos fazer o melhor, mas a situação era bastante crítica. Eu tinha trinta e poucos anos e trabalhava como Atendente.

Naquela época, muitas fugas ocorriam pelo Cachimbão, fazenda que era divisa com o Centro de Reabilitação, de propriedade dos holandeses. Certa vez, um dos pacientes em fuga, indo buscar bebida em Itobi (cidade vizinha à Casa Branca), foi interceptado pela Tini, dona da fazenda. Esta, curiosa com a reincidência das fugas e pela possibilidade de algum até morrer no caminho, resolveu reconduzi-lo ao Centro de Reabilitação. Chegando aqui, sentiu a necessidade de conhecer onde o paciente morava, pediu permissão para entrar e, depois de muita demora, teve liberada sua entrada. A cada passo sua curiosidade aumentava.

Gritos, pacientes correndo em sua direção, apertados na grade do alambrado pedindo cigarro. Um cheiro que incomodava. Pacientes pelados deitados pelo chão. Não contente, ela resolveu conhecer o Diretor vizinho, que ainda não conhecia. Depois da visita, conseguiu a permissão de continuar visitando o hospital, sempre que quisesse.

Tini, então, traçou uma estratégia para entender e tentar colaborar. Visitava o hospital na hora do banho, do almoço, do atendimento médico, sempre com olhar crítico, sem acusação, mas buscando soluções.

Essas visitas começaram a incomodar a todos nós e os comentários aconteciam: “Lá vem aquela holandesa encher o saco!”. Certamente, ela sentia nossa repulsa à sua presença, mas devido à sua perseverança, espírito de solidariedade, compaixão, respeito àquelas criaturas e, ainda, muita coragem, continuou com seu objetivo, implantando ações de como o ser humano deveria ser tratado. Passou a ir aos pátios, dando atenção a todos, acolhendo, olhando nos olhos, ouvindo suas histórias, querendo saber o nome e o porquê de alguns serem chamados de “ignorados”.

No Natal seguinte, de surpresa, ela chegou com uma peruca lotada de embornais com pentes, espelhos, cigarros, muito do que ela colhia nas conversas sobre os desejos que os pacientes tinham. Nenhum ficou sem o embornal.

Como fazia parte da cooperativa que promove a Expoflora, na cidade de Holambra, ela alugava anualmente dois ou mais ônibus, lotava de pacientes e íamos, daqui até lá, cantando. E ela, Tini, sentada no meio deles. Lá chegando, uma equipe nos esperava para o café, depois começava o passeio com tudo pago, as danças com as bandas... O almoço era servido e, na volta, cada um recebia um vaso para colocar na sua cama.

Em relação a nós, funcionários, ela sentiu que deveria convidar, um de cada setor inicialmente, para receber um curso de liderança social, desde o servente até a diretoria, assim, fomos chamados a perceber como a atitude positiva muda qualquer ação negativa. As mudanças começaram a acontecer, gerando melhoria no serviço prestado aos pacientes e o ambiente tornou-se mais humano, saudável, ameno.

As festas começaram a ter a colaboração mútua, com o objetivo de melhorar o atendimento ao paciente. As nossas quadrilhas nas festas juni-

nas eram memoráveis. No cinema, eram encenadas peças de teatro com texto que ela trazia da Rede Globo - lembro de todas, principalmente do "Pagador de Promessas" - coisa mais linda! Todo mundo participava, era ressaltado o talento de muitos que nem sabiam que tinham. Os corais, escola de samba, os cantores que animavam a rádio. Até filme foi feito com o protagonismo dos pacientes.

Sou eternamente grato a Tini, que foi agente transformador meu, tanto humano como profissional. Aprendi a respeitar, cuidar, ouvir, a ter empatia, acolher, promover o direito à felicidade, apesar das limitações e debilidades de quem quer que seja. E assim, um olhar de fora, possibilitou grandes e profundas transformações nas relações humanas entre gestão, equipe e pacientes.

Ricardo de Campos Filho (Cadinho)

Um Bom Começo faz Toda a Diferença

Iniciei no serviço público no momento da tão esperada Virada do Milênio, mais precisamente em dezembro de 1999, em uma Unidade de Saúde Mental, localizada em um município da região metropolitana de São Paulo.

Eu tinha um pouco mais de duas décadas de vida e algumas experiências profissionais no serviço privado. Não fazia ideia de como funcionava o serviço público, apesar de muito ouvir falar.

Mas, o que eu ouvia falar?

Antigamente, ouvia-se que era motivo de orgulho passar em concurso e fazer parte dessa grande empresa pública. Ao longo dos tempos, essa imagem foi sendo um tanto deturpada, devido a diversos fatores que não cabe aqui discutir, no entanto, foi necessário mencionar essa parte para o entendimento da história.

Voltando aos fatos, o que aconteceu nos próximos dias após o meu início naquela Unidade, aos meus olhos, teve relevância e conseguiu descaracterizar a “má” impressão que eu tinha a respeito do serviço público.

Me inscrevi no concurso de Oficial Administrativo, com a certeza de que trabalharia na Unidade hospitalar próxima à minha casa, recém-inaugurada na zona norte de São Paulo. No momento da escolha de vagas, eu e os demais candidatos fomos informados de que o local de trabalho seria em outra Unidade hospitalar e, caso não aceitássemos, a vaga seria disponibilizada para outro candidato. Bem, eu estava desempregada há quase um ano e realmente não poderia me dar ao luxo de recusar aquela vaga.

Dessa forma, eu e outros candidatos assinamos os documentos ne-

cessários e recebemos as orientações de como chegar ao município de Franco da Rocha. Confesso que foi uma grande experiência, pois eu nunca havia andado de trem e não sabia onde ficava essa Unidade.

No primeiro dia de trabalho, eu e mais nove colegas, todos moradores de São Paulo, iniciamos juntos. Fomos, então, direcionados a realizar os exames admissionais e o preenchimento da documentação padrão. O que veio em seguida é exatamente o que quero dar destaque.

Tivemos uma semana inteira de preparativos, com acompanhamento da equipe de Recursos Humanos, realização de dinâmicas, entrevista com Psicóloga e com os diretores das áreas que nos receberiam. Também tivemos algumas explicações sobre os serviços prestados naquele local. Praticamente um ritual de início.

Passada essa semana, fomos encaixados em áreas que, segundo a análise da Psicóloga, se aproximavam do perfil profissional de cada um de nós. No decorrer dos anos, ousou dizer que aquele estudo inicial foi providencial e certo, pois realmente trabalhamos em áreas que tínhamos sintonia e afinidade, o que tornou o laboro um tanto mais agradável.

Guardei esse registro, pois me marcou de forma positiva. Penso que é possível fazer muito com pouco, desde que haja cuidado, dedicação e suporte. Concluindo a história, permaneci alguns anos naquela Unidade e, até hoje, ainda tenho contato com alguns daqueles colegas.

Como experiência pessoal, digo que iniciar no serviço público em uma Unidade de Saúde Mental na região metropolitana, me fez admirar os profissionais que se dedicam com amor e respeito aos cuidados dos pacientes psiquiátricos. Também me fez valorizar a alegria dos momentos próximos a alguns pacientes, sentir as tristezas relacionadas aos quadros clínicos,

os desafios diários, a potência de uma Plenária Municipal, a grandeza e as limitações do Serviço Único de Saúde (SUS) de uma forma geral.

Não posso deixar de mencionar também que, nesse período, realizei alguns cursos que me auxiliaram nas demandas e na liderança de equipe, com quem pude aprender muito mais do que o inverso. Tive acertos, erros e aprendizados que guardo até hoje.

Ao longo do tempo, conhecendo diversos personagens, cenários e estudando Gestão de Pessoas, passei a entender que todos os dias fazemos escolhas nas quais os serviços podem continuar sendo feitos da forma como sempre foram ou podem ser realizados com excelência, fazendo a diferença e deixando registros positivos na vida dos trabalhadores e trabalhadoras do serviço público.

Vivi e ainda tenho pequenas recordações de como era o serviço de saúde antes de 1988, portanto, sou admiradora do SUS e de todo seu potencial.

Janete Lourenço Sgueglia

Um dia Controlando as Chamas

Nossa, gente! O tempo está passando rápido demais, e já chegamos à 4ª edição do livro Memórias do Cotidiano, um projeto de importante relevância para o resgate e compartilhamento de nossas memórias construídas ao longo da nossa trajetória profissional.

Após uma sucessão de acontecimentos inusitados nas dependências da Unidade de Gestão Assistencial IV - Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros (UGA-IV), desta vez, vou narrar uma das experiências mais incríveis que esta instituição me proporcionou, ainda que em um diferente cenário.

Recordo-me de que, em meados de fevereiro do ano de 2014, durante o expediente no Setor de Comunicações e Protocolo, nós funcionários, fomos informados que a seção de Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (SEESMT), organizaria a participação dos funcionários no curso de “Prevenção e Combate ao Princípio de Incêndio, Abandono de Área e Primeiros Socorros” junto ao Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, que seria realizado na Rochácara Ecofire (Centro de Treinamento de Brigada de Incêndio).

Desde a minha inscrição até o dia do evento, fiquei muito animada com a expectativa de uma nova experiência e, mais empolgada ainda, ao saber que havia sido escalada no mesmo grupo da minha querida amiga Genilza Fernandes. Um ser humano superespecial, com quem, há quase dez anos, eu já compartilhava a rotina de trabalho e a estadia dos nossos filhos no CCI (Centro de Convivência Infantil), estreitando, a cada dia, os nossos laços de amizade, cumplicidade e companheirismo.

Enfim, chegou o dia do referido curso, em 26 de março de 2014, um

confortável ônibus de viagem, contratado pelos organizadores do evento, nos aguardava próximo ao Leonor naquela manhã, para nos levar ao nosso destino e dar início à nossa aventura.

A primeira impressão do local foi surpreendente: uma paisagem encantadora e pitoresca, apresentando uma grande área arborizada, com piscina e uma estrutura bem projetada para as atividades às quais se destina.

O dia estava ensolarado, apesar do clima um pouco frio. Genilza e eu aproveitamos aquele belo cenário para fazermos algumas fotos.

Antes do início do treinamento, fomos recepcionados com um delicioso café da manhã completo, que nos deu energia para desempenhar as atividades que estariam por vir. Ao final do café da manhã, fomos encaminhados a um vestiário para trocarmos as nossas roupas por um conjunto de calça e blusa largos, em sarja, na cor cinza claro, parecido com os uniformes utilizados pelos bombeiros no desempenho de suas funções.

Na primeira etapa do curso, tivemos uma aula teórica, ministrada pelo competente instrutor Rodolfo Alves Ferreira, que nos forneceu informações muito importantes de como proceder em situações em que se faça necessário conter um foco de incêndio. Nos informou também, sobre os diferentes tipos de extintores e em que materiais cada um deles deveria ser utilizado.

Dando continuidade à aula teórica, fomos orientados também em relação aos primeiros socorros em casos de emergência, inclusive de acidentes domésticos, e sobre a importância de manter a calma nessas situações, para prestar um melhor atendimento à vítima.

Recordo-me ainda de que, na etapa da aula prática, aprendemos a desativar um botijão de gás em chamas, de forma segura. Porém, o ápice do treinamento ocorreu quando participamos de uma simulação na qual

tivemos que entrar em uma casa escura de dois andares, com uma escada lateral, em que havia um foco de incêndio que causava uma intensa nuvem de fumaça.

Foram formados vários grupos de participantes e a dinâmica consistia em adentrarmos no local mencionado de mãos dadas, durante todo o trajeto preestabelecido da rota de fuga, incluindo a escada, até a saída triunfal. Nessa hora, me senti um dublê participando de um filme de aventura.

Ao final do treinamento, chegou o momento de formarmos uma fila para que todos tivessem a oportunidade de aprender a técnica de segurar a mangueira profissional, utilizada pelo Corpo de Bombeiros, para apagar uma imensa labareda, acesa estrategicamente no pátio da chácara.

Foi incrível! E talvez, o fato de sabermos que todas as situações às quais nos submetemos eram simuladas e, portanto, sem riscos eminentes, nos proporcionou uma experiência divertida, ainda que conscientes da seriedade da proposta, considerando que o conteúdo abordado e os conhecimentos adquiridos por todos nós, participantes, podem valer uma vida.

Na minha opinião, todos os funcionários públicos ou da iniciativa privada, deveriam fazer esse curso, de extrema importância para a segurança dos trabalhadores e de suas respectivas instituições.

E foi assim que, ao final daquele dia, todos nós, participantes, nos tornamos brigadistas e que a nossa UGA-IV, mais uma vez, demonstrou o seu compromisso com a segurança e responsabilidade social.

Quanto a mim, posso afirmar que amei a experiência, mas sinceramente espero nunca precisar colocar meus conhecimentos em prática. De qualquer forma, é sempre melhor prevenir, que remediar.

Adelina Assis Da Cunha

Um Novo Início, Realidades Diferentes

De repente, 2024...

Como passou rápido! 2020 e, de repente, 2024? Será que vivemos esses últimos anos? Aos poucos, o mundo voltando à aparente normalidade, mas adoecido no quesito mental: suicídios, feminicídios, violência em todos os cantos, muitas vezes por motivos banais.

E a saúde? Presente em todos os aspectos da vida humana, com ou sem pandemia, independentemente de tempos de guerra, paz, conflitos, está sempre presente.

Enquanto isso, sim vivemos. Vivemos em busca de fazer o Sistema Único de Saúde (SUS) ainda melhor, para que ele cumpra a sua missão na integralidade da gestão de saúde ao usuário e, mesmo diante dos percalços políticos, vislumbramos profissionais de saúde comprometidos no avanço da implementação do atendimento às diversas patologias já existentes e que vêm surgindo a cada novo dia, muitas delas, fruto da negligência com alimentação, estilo de vida, prevenção e controle da saúde de cada indivíduo.

A constituição séria de Redes de Oncologia, Cardiologia, Neurologia, Saúde Mental e muitas outras com a mesma relevância, é discutida sistematicamente para sua ampliação a todos os usuários do SUS e isso é sempre uma constância, porque sua prioridade e seu maior objetivo é o cuidar e, sempre indistintamente, tentar restituir qualidade de vida e saúde aos cidadãos. Servidores do Estado de São Paulo se unem para habilitar serviços tão importantes e fundamentais para a perfeita funcionalidade desse

sistema, visando zerar filas nos atendimentos ambulatoriais, hospitalares e na realização de exames para diagnósticos diversos.

Apesar de “esquecidos” após a pandemia, a atuação dos profissionais de saúde permanece plena para que milhares de usuários do SUS sejam contemplados com um atendimento de qualidade e integral. Ser “taxado” de funcionário público no sentido pejorativo é ignorar, ousar dizer, que somos agraciados com o maior e melhor plano de saúde totalmente gratuito de todo o planeta, cabendo a nós, profissionais de saúde, sermos gerentes de cada parte desse sistema. A realidade brasileira, no quesito saúde, deveria sim ser referência para o mundo, inclusive para países com alto poder econômico e que sequer proporcionam aos seus cidadãos uma política básica de saúde.

É o velho ditado: “só damos valor às coisas quando as perdemos”; temo por isso e, não exclusivamente por ser uma servidora da área, mas porque grande parte da população seria totalmente comprometida em saúde com a sua inexistência e também porque todos nós, indubitavelmente, somos seus usuários justamente pelo seu maior objetivo constitucional da universalidade, equidade, integralidade, descentralização e participação social, assegurado como um direito de todos e dever do Estado; e não porque as palavras ou uma lei o digam, mas porque, seus gestores se empenham constantemente em tornar real essa determinação legal.

Engana-se quem restringe o SUS exclusivamente ao atendimento ambulatorial e hospitalar dos pacientes, ele é a água que bebemos, o restaurante em que almoçamos, o medicamento que utilizamos, as vacinas que são aplicadas, as pesquisas visando novas tecnologias, um imenso universo de complexidade que abrange grandes partes de nossa sociedade e que a favorece visando uma saúde de qualidade a todos os brasileiros.

Saber que nosso tempo, disposição e atenção, são revertidos em qualidade de vida e saúde aos cidadãos de nosso tão grandioso país é de extrema relevância e, melhor ainda, um motivo de regozijo mútuo pois, por outro lado, recebemos o carinho de quem está sob nossos cuidados, mesmo que, muitas vezes, não estejamos próximos desses pacientes, mas sabemos dos benefícios que nosso trabalho proporcionará a muitos deles.

Ser designado como parte do SUS é um privilégio, independentemente do reconhecimento dos usuários, embora essa também seja uma grande realidade em muitas situações corriqueiras, porque somos revestidos de uma missão valorosa de salvar vidas; é o nosso desígnio, nossa escolha, comprometimento e juramento perante o bem maior da Vida.

Magda Maria Lessa Sene Mariano

Uma Experiência para Toda a Vida

Sempre tive questões relacionadas às áreas de Gestão de Pessoas, dos diversos lugares em que trabalhei, antes de migrar para a Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH) da Secretaria de Estado da Saúde (SES), em meados de 2019.

Eu era servidor em outra Secretaria e mantinha contato regular com a então diretora do Grupo de Gestão de Pessoas, Maria Sônia da Silva, para tratar das reestruturações administrativas da Saúde. Num momento de turbulência no ambiente profissional, Maria Sônia percebeu que as coisas não estavam boas e me chamou para trabalhar em sua equipe: “Não tenho nada a oferecer, mas garanto que você estará melhor aqui!”, afirmou.

Relutei bastante, pois sempre fugi da área de Gestão de Pessoas. Convidei-me, fui muito bem recebido e, chegando à CRH, me deparei com servidoras e servidores engajados, apesar de toda restrição e falta de estímulo que têm pautado a Administração Pública nos últimos tempos.

Infelizmente, a pandemia de Covid-19 interrompeu a continuidade de meus projetos, como a reorganização da estrutura dos hospitais da Administração Direta, e antecipou a saída da Maria Sônia, que optou pela merecida aposentadoria. Naquele momento, a então Coordenadora de Recursos Humanos, Maria Aparecida Novaes, me fez um convite para que eu permanecesse na sua Assistência Técnica. Novamente, aceitei o desafio, apesar de não dominar muitos dos temas de Gestão de Pessoas e das especificidades da área da Saúde.

Olhando em retrospecto, posso afirmar que o breve período em que atuei na CRH, de meados de 2019 a janeiro de 2022, foi decisivo para meu

amadurecimento humano e profissional. Tive a oportunidade de trabalhar com pessoas excepcionais e de testemunhar o comprometimento geral com o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), mesmo diante de tantas adversidades. Por diversas vezes, fui provocado pela Cida Novaes a sair da minha zona de conforto. Sou muito grato a ela pela confiança em mim e pela parceria no tempo em que trabalhamos juntos.

Na minha trajetória até aqui, existe um profissional antes, e outro, muito melhor, depois da minha passagem pela Coordenadoria de Recursos Humanos da Secretaria da Saúde.

José Augusto Souza e Silva Bianchini

Viagem no Tempo - 1º parte

Depois de um longo período de reflexão, resolvi escrever sobre alguns fatos que fazem parte da minha carreira profissional. Sou Executivo Público, graduado em Ciências Administrativas, Especialista em Saúde Pública, lotado no Departamento Regional de Saúde (DRS XV) de São José do Rio Preto, com 74 anos de idade e 54 anos de serviço público, dos quais 53 dedicados à Secretaria de Estado da Saúde (SES), prestes a completar o 11º adicional por tempo de serviço. A ansiedade já bate firme no meu peito, eis que 2025 se aproxima, ano da inevitável aposentadoria compulsória.

Em 1969, iniciei profissionalmente no magistério, como Professor Primário (atual Ensino Fundamental I) e servidor público municipal e, em 22 de janeiro de 1971, por concurso público, assumi o cargo de Escriurário, na Divisão Regional de Saúde de Araçatuba (DRS-9), para desempenhar a função na Seção de Pessoal.

No primeiro dia, fui apresentado à Sra. Maria Augusta, Chefe de Seção que, prontamente, me passou as tarefas de controle das Folhas de Frequência, elaboração do Mapa Mensal de Frequência, que era datilografado (não tinha computador), com carro gigante de 70 cm, em três vias com uso de papel carbono. Por várias vezes, também auxiliei na elaboração do Orçamento Programa Anual (finanças), em que utilizávamos, para fechar o orçamento, o mesmo tipo de máquina de escrever, com enormes quadros financeiros nos quais não eram aceitos rasuras e muito menos erros, nas quatro vias do quadro.

Como bem disse a Elza Bízio Leal, no livro *Memórias do Cotidiano 3*, na página 141: “errorex para correção? Nem pensar! Se houvesse erros,

tínhamos que refazer o trabalho”. Para tanto, passávamos dia e noite na sede da Coordenadoria de Saúde da Comunidade, na Av. São Luiz, 99, local conhecido como Palácio da Saúde.

Atualmente, nas Regionais de Saúde, com o uso de computadores com aplicativos de pacotes Office (Word, Excel, pasta de arquivos) esse trabalho é planejado, elaborado e concluído em poucas horas de trabalho. Outra tarefa que recebi na Seção de Pessoal era a de ler diariamente o Diário Oficial do Estado, marcar as matérias de interesse, repassar para as áreas e arquivá-las. Como eu lia todas as matérias, essa atividade tornou-se um hábito para mim e me possibilitou ganho de experiência para interpretação de leis, decretos, resoluções, portarias e outros atos institucionais.

Com o desejo de construir uma carreira no funcionalismo público, me inscrevi e fui selecionado para o 4º Curso Livre de Preparação de Inspetores de Saneamento, na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (1972-1973). Para poder frequentar o curso regularmente, aluguei, junto com colegas, uma casa na Rua Capote Valente, na Capital. Após as aulas de Controle de Qualidade da Água, resolvi inspecionar a caixa d’água que ficava no telhado do imóvel: não tinha tampa (primeira irregularidade) e, para minha surpresa, encontrei um pássaro morto já em decomposição no interior da caixa. Chegou a hora de aplicar o aprendizado: esgotamento, lavagem com produto químico, desinfecção e providenciar uma tampa. Alerta: jamais deixe a caixa d’água sem tampa, ela pode se tornar cemitério de passarinho e criadouro do mosquito transmissor da dengue.

Com a realização do concurso público, fui nomeado, em 15 de julho de 1975, para o cargo de Inspetor de Saneamento, na própria DRS-9. Foi um período em que adquiri muita experiência profissional. Devo destacar que, com 25 anos de idade, comandava uma equipe de Fiscais Sanitários, cuja

maioria tinha idade para ser meu pai. Com conhecimento da legislação sanitária, muito trabalho e dedicação, conquistei a confiança e o respeito de todos.

Cabe destacar que, na década de 70, mais precisamente entre 1971 e 1976, o Brasil enfrentou uma de suas mais graves crises de saúde pública do século XX: a epidemia de meningite meningocócica, doença de alta letalidade, que causou milhares de mortes no Estado de São Paulo. Em 1975, o Brasil dava início à Campanha Nacional de Vacinação contra a Meningite Meningocócica, conhecida nacionalmente como CAMEN. A vacinação, na época, era feita por uma espécie de pistola de ar comprimido. A situação exigia agilidade e rapidez para vacinar o maior número de pessoas em menor tempo possível, método hoje condenado. Fui convocado e inserido na campanha para auxiliar na área de transportes, atividade de apoio que deveria cadastrar motoristas e veículos, organizar roteiros, providenciar abastecimento de combustível e substituição dos veículos com problemas. O setor de transportes deveria estar ativo por 24 horas e, como o pessoal era escasso, eu trabalhava durante o dia e a noite, pernoitando na sala de comando, geralmente em uma escola. Toda a campanha era planejada, organizada e executada com a participação do Exército, Tiro de Guerra, Polícias Civil e Militar, Prefeitura Municipal e Profissionais de Saúde, uma verdadeira operação militar para imunizar as pessoas.

O Médico Sanitarista, João Dantas Romero Filho (in memoriam), então Diretor Regional da Divisão Regional de Saúde do Litoral(DRS-2), em Santos. Em julho de 1975, recebi dele o convite para ser o Diretor Administrativo daquele DRS. Por contar, naquela época, com apenas quatro anos de experiência na Saúde, fiquei muito surpreso e temeroso em assumir tamanha responsabilidade, porém, devido à vontade de vencer na vida e

enfrentar novos desafios, aceitei o convite. Em 26 de agosto de 1975, cheguei à cidade de Santos. A sede do DRS-2 funcionava em um edifício remanescente do Parque Balneário, na Praça Rotary, 01, no Bairro Gonzaga, que foi construído no final da década de 50, com arquitetura no estilo colonial, muito mármore e peças importadas de países como Inglaterra, Bélgica e Itália. Atualmente, o prédio encontra-se tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Arquitetônico de Santos (Condepasa).

Vale relatar um fato marcante acontecido nos meus primeiros dias de trabalho: bate na porta da minha sala um senhor que diz: “Com licença Dr. Ricardo (era assim que ele se dirigia a mim), sou a pessoa responsável pelo café, me chamo João Ramos do Nascimento, mas todos me conhecem por Dondinho. Vim lhe servir o café”. Fiquei surpreso, não acreditando, pois era o pai do famoso Pelé, rei do futebol, me servindo café na sala. Ele era funcionário da Secretaria de Estado da Saúde, muito educado, discreto, sóbrio na maneira de se vestir e tratava a todos com a mesma elegância. Detalhe: ele dava carona, diariamente, para alguns funcionários em seu automóvel Opala Comodoro, presente do filho Pelé. Dondinho faleceu em 16 de novembro de 1996.

Outro fato inusitado aconteceu na ocasião em que foi determinado que o ambulatório de Dermatologia Sanitária, localizado na Praça dos Andradas, deveria ser fechado e todos os servidores, móveis e equipamentos, além dos pacientes (hansenianos), deveriam ser transferidos para outro local, integrando-se às instalações do Centro de Saúde, conforme preconizava a Reforma Sanitária. No entanto, o profissional responsável pela área quanto os pacientes apresentavam resistência à integração das especialidades. No dia determinado para a realização da transferência, fomos surpreendidos com a presença de vários pacientes, convocados pelo médico,

todos postados na porta de entrada do prédio, impedindo qualquer ação dos funcionários do DRS. Diante da situação, com os ânimos exaltados pelas partes, foi necessário acionar a Polícia Militar para garantir a segurança no local e, após muito diálogo com o inspetor da área e com os pacientes, chegamos a um consenso favorável para ambas as partes, e então pudemos realizar a mudança e fechar o ambulatório. Os pacientes passaram a receber atendimento no Centro de Saúde: integração concluída com sucesso, com atenção humanizada aos pacientes que eram acometidos por essa doença.

Finalmente, após sete anos, chegou ao fim a minha passagem pela DRS-2 de Santos. Em julho de 1982, cheguei na cidade de São José do Rio Preto. A seguir, passo a narrar a segunda parte da minha história.

Ricardo Toshio Konda

Em 8 de julho de 1982, iniciei mais uma etapa da minha história, agora na sede da Divisão Regional de Saúde de São José do Rio Preto (DRS-8), onde fui recebido pelo então Diretor Regional, Dr. Wilson Henrique (in memoriam), que me incumbiu de elaborar um manual de instruções destinado ao pessoal de apoio administrativo das unidades de Saúde da região.

Constatei que os servidores das unidades de Saúde, principalmente aqueles que exerciam a função de chefia administrativa, nos 91 Centros de Saúde e nos cinco Distritos Sanitários, enfrentavam muitas dificuldades na interpretação de leis, decretos, resoluções e portarias e, portanto, careciam de orientações sobre a elaboração dos mais diversos documentos técnicos e administrativos.

Minha equipe de trabalho: eu sozinho. Comecei os trabalhos com a busca de subsídios que serviriam de base para a elaboração do manual, como: pesquisa de coletâneas de leis, decretos, resoluções e instruções. Encontrei algumas dificuldades na coleta do material, pois o “Dr. Google” nem existia nessa época. O trabalho de digitação e impressão era executado com a utilização do estêncil para mimeógrafo à tinta, que consistia em um filme de polímero muito fino. Dessa forma, o estêncil era colocado na máquina de escrever, com fita deslocada; após a batida na tecla, o tipo cortava o revestimento e, folha por folha, era levado ao mimeógrafo e, então, a tinta passava pelo filme e marcava a folha de sulfite.

Depois de alguns meses de muito trabalho, em novembro de 1982, o manual foi concluído, com 166 páginas. Nesse processo, foram utilizados, aproximadamente, 200 folhas de estêncil, 17 mil folhas de papel sulfite,

além de vários tubos de tinta . O manual recebeu o título de “Coletânea de Procedimentos Gerais e Administrativos”. Na Introdução, o Diretor Regional escreveu: “Só se faz bem feito aquilo que se conhece. Conhece-se bem um assunto pelo aprendizado, pela experiência continuada ou pela consulta sistemática à fonte informativa”. Alguns itens que constam da coletânea: Noções de Direito Administrativo e de Administração Pública e Hierarquia das Leis; Estrutura da Divisão Regional de Saúde, Distrito Sanitário e Centro de Saúde; Atribuições, Deveres e Responsabilidades do Chefe de Seção e Encarregado de Setor Administrativo; Atividades de Comunicação, Pessoal, Material e Patrimônio; Transportes, Orçamento e Finanças; Modelos e Instruções para Elaboração de documentos oficiais.

Foram realizadas várias reuniões para a divulgação e implantação da coletânea, socialização e capacitação dos servidores envolvidos. Conforme avaliação executada pós-implantação, observou-se a elevação do nível de eficiência e qualidade dos trabalhos.

Em junho de 1995, assumi o cargo de Diretor de Divisão, da Divisão de Apoio Administrativo, da Direção Regional de Saúde de São José do Rio Preto (DIRXXII). Em minha gestão como Diretor Administrativo, alguns fatos merecem destaque, como as tentativas para mudança da sede da DRS para outro imóvel, pois estávamos instalados em um prédio residencial antigo com 12 andares, em que ocupávamos o subsolo - onde ficava o almoxarifado e a subfrota - o térreo, o mezanino e o primeiro andar. Este último era tomado por infiltração de água proveniente do andar superior (área particular/residencial), tornando o local insalubre, por colocar em risco a saúde dos funcionários. A rede hidráulica e elétrica apresentava inúmeros problemas, em decorrência do desgaste natural, tornando a realização de manutenções preventiva e corretiva insuficientes para sanar as irregulari-

dades. O que mais me preocupava era um enorme transformador de voltagem, desses que ficam na via pública, pendurados nos postes de energia elétrica, por ser muito antigo e estar instalado no interior do almoxarifado, existia o risco de explosão. Finalmente, em janeiro de 2014, a sede do DRS foi transferida para outro imóvel, em melhores condições estruturais e ambientais, localizado na Rua Dr. Jânio Quadros, 150, no Distrito Industrial.

Fatos marcantes ocorreram após a publicação do Decreto nº 40.083/95, que organizou as Direções Regionais de Saúde (DRS) e extinguiu 41 Escritórios Regionais de Saúde (ERSA) no Estado de São Paulo, sendo cinco na região administrativa de São José do Rio Preto. Todo o acervo das unidades extintas foi agregado na DIR-XXII; concomitantemente, foram extintos, aproximadamente, cem cargos em comissão e função de confiança; com a publicização dos atos de exoneração de seus respectivos ocupantes, foi criado um ambiente de instabilidade emocional e mental dentre os servidores que perderam os cargos. Assim, a Diretoria Administrativa tornou-se um local de reclamações e lamentações dos servidores, muitos, por serem arrimo de família, previam a iminente crise social e financeira. Com o passar do tempo, tudo foi se normalizando, principalmente as questões pertinentes à área de recursos humanos.

Mesmo após alguns anos, os ensinamentos e conhecimentos que adquirei no Curso de Aprimoramento em Desenvolvimento de Recursos Humanos - CADRHU (1988), do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, foram fundamentais para o enfrentamento dessas questões de maneira equilibrada e satisfatória.

Para finalizar, relaciono os cargos efetivos que exerci na Secretaria da Saúde: Escrivão (1971), Inspetor de Saneamento (1975), Técnico de Administração (1976), Agente do Serviço Civil (1978) e Executivo Público

(1993); e os cargos em comissão: Diretor Técnico de Serviço Nível II (1975), Assistente Técnico de Direção II (1980 e 1984), Assistente Técnico (1991), Assistente Técnico de Planejamento de Ações de Saúde II (1992 e 2012), Diretor de Divisão de Apoio Administrativo (1995) e Diretor Técnico de Serviço (2001).

Com muito orgulho, concluo esta história com a frase dita pela Rejane Ferreira Silva Soares, no livro *Memórias do Cotidiano 3*, página 145: “Se eu tivesse que nascer de novo, com certeza seria um servidor público.”

Ricardo Toshio Konda

Nunca gostei de redação. Na escola, era um sacrifício pôr os pensamentos no papel, mas quando nosso hospital recebeu um convite para participar do livro “Memórias do Cotidiano II”, de iniciativa do Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto, resolvi escrever algumas histórias vividas nestes 29 anos na Instituição em que trabalho. Escrevi apenas algumas lembranças, pois se fosse escrever mais, daria um livro.

Minha história, com o título “Bodas de Prata”, foi escolhida e está registrada neste livro, juntamente com outras muitas histórias de outros funcionários que, por sinal, são uma mais bonita que a outra, mas cada qual com sua importância, sua realidade.

Este ano, completo 29 anos de trabalho neste hospital e, embora já tenha me aposentado, continuo trabalhando, por gostar muito do que faço e dos meus amigos pois, querendo ou não, somos uma família, já que convivemos quase mais tempo no serviço do que em casa.

Em tantos anos de trabalho dentro da mesma Instituição e de convivência com os pacientes, vamos nos apegando a eles, uns mais que outros. Nos dias de hoje, devido à desinstitucionalização, nossos pacientes estão indo embora para outras cidades, para conviver com outras pessoas em Residências Terapêuticas; é como se nossa família estivesse se separando, cada um indo para um lugar distante e deixando saudades.

Lembro-me de quando fui transferida do extinto Escritório Regional de Saúde 55 (ERSA-55), em 1995, e comecei a trabalhar no Centro de Reabilitação de Casa Branca, no Serviço Social. Nessa época, tínhamos muitos pacientes psiquiátricos internados e, todo ano, no Natal, realizávamos

uma grandiosa festa para eles. Alguns deles tinham família e, para estas, nós encaminhávamos convite pelo correio e muitas vinham de longe para participar. A alegria estampada em cada rostinho daqueles pacientes era visível. Os que não recebiam visitas porque não tinham família, acabavam adotando a do amigo e, por algum tempo, não cansavam de ficar falando que receberam a visita da família no dia da festa. Nós, então, dávamos atenção a eles, deixando que nos contassem suas histórias.

Hoje, continuamos a realizar festas de Natal para nossos pacientes, mas já não são tantos como eram há alguns anos. Neste ano que se passou, fui presenciar essa festa, realizada aqui dentro do Hospital. Tudo estava muito lindo, bem-organizado e perfeito, mas nossa clientela já não era mais a mesma, nossos pacientes eram outros. Fiquei num canto, sentada e recordando as festas passadas. Nesse momento, bateram uma saudade e uma tristeza muito grandes, principalmente daqueles pacientes dos quais eu era mais próxima, ou porque já faleceram ou porque foram embora para outros lugares, deixando boas lembranças.

Mas, como tudo na vida passa e sempre tem suas mudanças, temos que nos adaptar a elas e continuarmos a conviver somente com as lembranças.

Rosana Aparecida Pisso

Dedicatória

Esta segunda parte do livro “Memórias do Cotidiano IV” compõem dedicatórias a todos que fazem parte da história da Secretaria de Estado da Saúde - São Paulo, cujas contribuições, dedicação e empenho ao longo dos anos foram essenciais para o fortalecimento e sucesso desta instituição.

Que cada esforço seja sempre reconhecido e lembrado como parte fundamental dessa trajetória de cuidado e compromisso com a saúde da população.

Assessoria - Centro de Qualidade de Vida

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo Coordenadoria de Recursos Humanos



Prezados Servidores da Administração Superior e da Sede.

"O sucesso é a soma de pequenos esforços, repetidos dia após dia"
por Robert Collier.

A citação de Robert Collier destaca uma verdade fundamental: o sucesso é realmente construído sobre a soma de esforços consistentes, contínuos e nem sempre tão pequenos. Para os servidores públicos da Secretaria de Estado da Saúde, essa ideia é particularmente relevante: o trabalho realizado, desde as funções administrativas até as campanhas de vacinação

e outras iniciativas de saúde, exige um compromisso profundo e uma dedicação incansável.

Cada tarefa, por menor que possa parecer, desempenha um papel crucial na promoção e manutenção da saúde pública do Estado. Reconhecer o valor e a magnitude desses esforços é essencial para compreender o impacto real que vocês têm na vida da população.

O esforço diário e a determinação que vocês demonstram são verdadeiramente notáveis e fazem uma diferença significativa. O sucesso que alcançam não é apenas o resultado de grandes ações, mas também da persistência e do trabalho constante que vocês colocam em cada atividade.

Continuem a realizar esse trabalho importante com orgulho e dedicação; a saúde e o bem-estar da população dependem do esforço coletivo de todos vocês.

Grupo de Gestão de Pessoas/CRH

Centro de Atenção Integral à Saúde de Santa Rita - CAIS SR



"Humanização, Compromisso Social e Responsabilidade, são os valores essenciais que destacamos na equipe CAIS Santa Rita, valores que qualificam nossa equipe e preservam nossa história!"

Centro de Atenção Integrada em Saúde Mental da Água Funda - “Dr. David Capistrano da Costa Filho”



“A todos os colaboradores, nosso sincero agradecimento pela dedicação, comprometimento e trabalho em equipe no atendimento aos pacientes e no cumprimento da missão do CAISM.”

Centro de Atenção Integrada em Saúde Mental “Philippe Pinel”



“Aos estimados funcionários do CAISM Philippe Pinel, expressamos nossa mais profunda gratidão pelo compromisso e dedicação na promoção da saúde mental. Seu incansável trabalho é fundamental na transformação de vidas e no oferecimento de esperança. Que a sua força e compaixão continuem a guiar e iluminar os caminhos daqueles que necessitam. Muito obrigado por compartilhar conosco o seu conhecimento!”

Centro de Atenção Integral a Saúde “Clemente Ferreira” - em Lins



“Em nome de toda diretoria técnica do CAIS “Clemente Ferreira” em Lins, agradecemos pelo empenho e dedicação que vocês oferecem diariamente no desempenho de suas funções, prezando sempre pelo cuidado integral e humanizado, transformando cada atendimento em um gesto de amor e esperança aos nossos usuários.”

**Centro de Atenção Integral em Saúde
“Prof. Cantídio de Moura Campos” - Botucatu**



“Aos servidores do CAIS Professor Cantídio, cuja dedicação, cuidado e compromisso transformam cada dia em uma nova oportunidade de aprendizado e crescimento. Este livro celebra o trabalho árduo e as memórias construídas em conjunto, refletindo a essência de uma equipe dedicada à missão de cuidar e servir. Que cada página seja um lembrete do valor do esforço coletivo e da importância de cada um no fortalecimento desta unidade.

Com gratidão.”

Centro de Reabilitação de Casa Branca

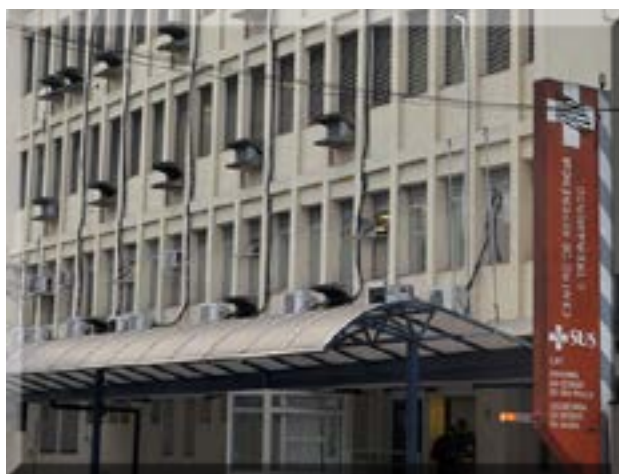


"Acreditar em um sonho já é um enorme passo para a evolução e para o novo. Acreditem, se vocês podem sonhar, vocês podem realizar."

Centro de Referência da Saúde da Mulher



Centro de Referência e Treinamento CRT/AIDS



“O Centro de Referência e Treinamento - DST AIDS, é formado por pessoas especiais, profissionais com imensa dedicação, compromisso, atenção qualificada, capacidade técnica e incansável espírito de cooperação, fundamentais para a manutenção e qualidade da assistência e demais serviços prestados. Estes servidores traduzem a verdadeira face dos trabalhadores (as) do Sistema Único de Saúde. O espírito solidário de cada um reafirmou que a união faz a força e que todos representam o coração do CRT e o verdadeiro espírito do SUS!”

*Centro Especializado em Reabilitação
"Dr. Arnaldo Pezzuti Cavalcanti", CERAPC.*



"Um hospital precisa de pessoas para existir, pessoas que buscam e pessoas que ofertam, pessoas que precisam e pessoas que cuidam, pessoas que sofrem e pessoas que acolhem!

Porque o que fazemos é tão importante quanto como fazemos!

Aos servidores deste CERAPC, obrigado por existirem e dividirem o que existe de mais precioso em vocês, seu tempo e sua dedicação!"

Complexo Hospitalar do Juquery - Franco da Rocha

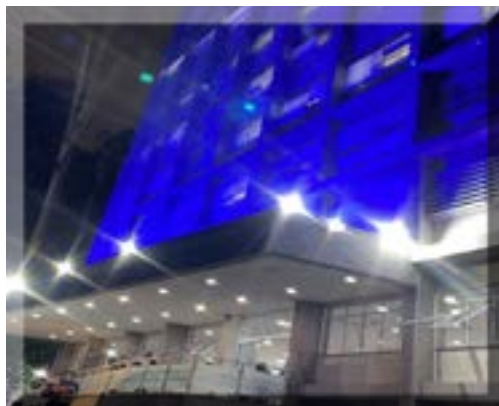


“O tempo passa como uma flecha que se move sem se notar. Aqui o tempo contempla o espaço mesclando o passado e o futuro, vislumbrando no presente o nascimento de uma nova era para o Juquery, por todos e para todos que por aqui passaram”

Complexo Hospitalar Padre Bento em Guarulhos



Conjunto Hospitalar do Mandaqui



"O Conjunto Hospitalar do Mandaqui agradece a todos os profissionais que contribuem e os que contribuíram para o crescimento da unidade. São pessoas cuidando de outras pessoas com técnica, amor e dedicação, a fim de preservar o bem maior: A Vida! Gratidão!"

Departamento de Gerenciamento Ambulatorial da Capital - DGAC



*Centro de Saúde I “Dr. Victor Araújo
Homem de Mello” Pinheiros*



“Na hora de colher os frutos do longo trabalho, é importante olhar para todos que sempre trabalharam e estiveram disponíveis para enfrentar os obstáculos do caminho. O sucesso é feito da união de pessoas, que a torna um verdadeiro time em ação.

Um profundo agradecimento ao empenho daqueles que estão presentes e por todos que aqui passaram, sempre empenhados no encontro de soluções, dedicação e esforço. Obrigado por compartilhar conhecimentos e experiências.”

*Departamento Regional de Saúde
da Grande São Paulo - DRS I*



Departamento de Regional de Saúde III - Araraquara



“A vocês, servidores públicos do DRS III Araraquara, nossa admiração e respeito pelo papel essencial que desempenham na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Expressamos nossa gratidão a todos que, com dedicação e comprometimento, tornam possível a realização do bem comum.

A vocês, nosso agradecimento. Vocês fazem do mundo um lugar melhor”.

*Departamento Regional de Saúde
da Baixada Santista - DRS IV*



*Departamento Regional de Saúde
de Barretos - DRS V*



*Departamento Regional de Saúde de Campinas
DRS VII*



*Departamento Regional de Saúde de Marília
DRS IX*



Departamento Regional de Saúde XI Presidente Prudente



Departamento Regional de Saúde XII - Registro



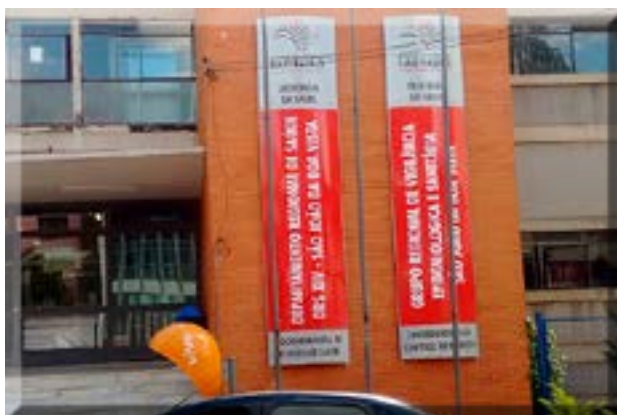
“Este não é simplesmente um prédio, aqui é a nossa segunda casa. É um pedaço de nós e de todos aqueles que por aqui passaram e doaram um pouco de si, consciente ou inconscientemente, na construção de uma Saúde da População do Vale do Ribeira melhor. Doemos a nossa dedicação e o nosso Amor, estendidos aos que aqui vêm, na busca de esclarecimentos e soluções.”

*Departamento Regional de Saúde
DRS XIII de Ribeirão Preto*



“Agradecemos aos servidores públicos do Departamento Regional de Saúde de Ribeirão Preto-DRS XIII que, com seu trabalho e dedicação, desempenham um papel crucial nas engrenagens do funcionamento do setor público, contribuindo significativamente para o bem-estar coletivo e o fortalecimento do Sistema Único de Saúde.”

*Departamento Regional de Saúde de
São João da Boa Vista - DRS XIV*



*Departamento Regional de Saúde de
São José do Rio Preto - DRS XV*



Departamento Regional de Saúde DRS XVII - Taubaté



“Um dia já fomos Escritório Regional de Saúde (ERSA), já fomos também Direção Regional de Saúde (DIR) e hoje Departamento Regional de Saúde (DRS); se passaram algumas décadas. Já fomos muitos e hoje nem tanto, mas na essência fomos, somos e seremos sempre os guerreiros da Saúde Pública. Lutamos, evoluímos, brigamos, sempre com o mesmo objetivo, unidos para lutar por uma saúde melhor para todos. Somos os colaboradores do DRS-XVII-Taubaté. ”

Hospital Maternidade Interlagos - “Waldemar Seyssel Arrelia”



Hospital Estadual “Dr. Odilo Antunes de Siqueira” de Presidente Prudente



“Hospital Estadual “Dr. Odilo Antunes de Siqueira” de Presidente Prudente, desde 1992 atendendo com excelência ao binômio mãe e filho. Servidores públicos servindo com suas vidas ao milagre da concepção.”

*Hospital Estadual “Dr. Oswaldo Brandi Faria” de
Mirandópolis*



*Hospital Estadual Especializado em Reabilitação
"Dr. Francisco Ribeiro Arantes" em Itu*



"Em quase um século de cuidados com hansenianos, celebramos a união de dois espaços não somente físicos, mas acolhedores nos cuidados com nossos clientes especiais, sendo amparados por pessoas fenomenais".

Hospital Geral Jesus Teixeira da Costa - Guaianazes



“A Diretoria do Hospital Geral de Guaianazes agradece a todos os servidores pela contribuição diária de todos esses anos. A flexibilidade e adaptabilidade ajudam a superar os desafios, pois enfrentá-los é uma parte inevitável do caminho; Muitos se foram, mas sempre serão lembrados. Valorizamos a colaboração efetiva em equipe, a determinação e a capacidade de se ajustar às mudanças. Sem sacrifício e trabalho duro nada se consegue, e todos vocês são prova disso. O caminho pode ter sido difícil, às vezes até demais. Mas todos souberam manter a confiança uns nos outros e nunca desistiram ou afastaram o olhar da meta, dos objetivos pessoais e do verdadeiro papel de profissionais desta Instituição.

Nossa gratidão e reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à população interna e externa.”

Hospital Geral “Dr. Manoel Bifulco” em São Mateus



*“Agradecimentos à parceria desta equipe tão dedicada e competente, que em meio aos desafios e lutas, colaboram no cumprimento de objetivos e metas, não medindo esforços.
Parabéns, equipe RH, pelo sucesso na construção deste trabalho exitoso.”*

Hospital Geral de Taipas “Kátia de Souza Rodrigues”



Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha



"O Hospital Geral "Dr. Álvaro Simões de Souza" de Vila Nova Cachoeirinha agradece a toda equipe de servidores diretos e terceiros, que são verdadeiros heróis dedicando suas vidas ao cuidado e bem-estar de tantos. Sua coragem, compaixão e dedicação são o coração pulsante deste Hospital. Nossos mais sinceros agradecimentos por todo o esforço, pelas longas horas de trabalho, comprometimento, amor e solidariedade. Mesmo diante de tantos desafios, vocês demonstram que são capazes de superar qualquer diversidade e de cuidar do próximo com tamanha excelência."

*Hospital Geral “Doutor José Pangella” de Vila
Penteado*



*Hospital Geral “Prefeito Miguel Martin Gualda”
de Promissão*



Hospital “Guilherme Álvaro” - Santos



Hospital Infantil Candido Fontoura



Hospital “Nestor Goulart Reis” Americo Brasiliense



“A todos os funcionários do Hospital Nestor Goulart Reis, nossa imensa gratidão por fazerem parte da nossa história e ajudar a escrevê-la ao longo dos anos”.

Hospital Regional de Assis



Hospital Regional de Ferraz de Vasconcelos "Dr. Osiris Florindo Coelho"



*Hospital Regional de Osasco “Doutor Vivaldo
Martins Simões”*



Hospital Regional Sul



Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto



"Muito obrigado a todos os servidores e trabalhadores do HSTRP que fizeram e continuam fazendo história no cuidado em Saúde Mental. Memórias são laços importantíssimos para uma vida saudável, sejam nas amarras das arquiteturas sólidas de nossos prédios, seja no nosso mundo interior, partilhando nossas potencialidades. Parabéns a todos pelo belíssimo trabalho!"

Instituto Adolfo Lutz



"Uma Instituição somente se faz e se consolida pela participação de pessoas! Neste sentido, o corpo de servidores do Instituto Adolfo Lutz é a sua parte mais importante, é o alicerce para que os trabalhos sejam realizados com amor, carinho e dedicação. Sem esta base, nada seria possível. Cada um colabora com o que tem a oferecer e, a partir da junção dos diferentes saberes, construímos uma rede de conhecimentos e valores necessários para um desenvolvimento pessoal e institucional.

Agradecemos imensamente a toda equipe IAL por toda força e persistência para mantermos de pé uma Instituição tão renomada!"

Instituto Butantan



Instituto Clemente Ferreira



A todos funcionários: é sempre uma honra poder trabalhar com vocês e ver a evolução do nosso Instituto, ver o quanto crescemos e nos desenvolvemos junto com ele. Nosso muito obrigado!

"As pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo."

Epicuro

Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia



“Aos valorosos servidores públicos do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, dedicamos esta homenagem. Sua incansável dedicação em prol do bem comum é a base para o desenvolvimento e a prosperidade de nosso Estado. Com profissionalismo e ética, vocês contribuem diariamente para a construção de um futuro melhor para todos nós. Sua competência e abnegação são fundamentais para garantir a eficiência e a qualidade dos serviços públicos, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento do Estado de São Paulo.”

Instituto de Infectologia “Emílio Ribas”



Instituto de Saúde



Instituto Lauro de Souza Lima



"Aos valorosos trabalhadores do Instituto Lauro de Souza Lima, nossa profunda gratidão. Seu compromisso e empenho diário transformam vidas e trazem esperança.

Nos momentos mais desafiadores, é a dedicação de vocês que ilumina o caminho e proporciona esperança. Vocês não apenas tratam doenças; vocês restauram a confiança, promovem a saúde de forma integral e humanizada e são instrumentos para a inovação e saber. Que esta dedicatória sirva como um reconhecimento do valor inestimável do trabalho de cada um de vocês.

Obrigado por serem a força por trás de tantas histórias de superação e cura."

Instituto Pasteur



*Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia
"Jose Ermírio de Moraes"*



"Agradecemos a todos os servidores e colaboradores pela dedicação no atendimento aos nossos idosos. Vocês são essenciais para nosso sucesso. Cada um de vocês traz algo único e valioso para a nossa equipe."

*Unidade de Gestão Assistencial I - Hospital
Heliópolis*



Unidade de Gestão Assistencial II - Hospital Ipiranga



*Unidade de Gestão Assistencial III
Hospital Infantil Darcy Vargas*



“ O Hospital Infantil Darcy Vargas expressa a sua profunda gratidão pela dedicação e comprometimento de cada um dos nossos servidores e funcionários. O empenho, trabalho em equipe e comprometimento são a chave para o sucesso”

*Unidade de Gestão Assistencial IV - Hospital
Maternidade “Leonor Mendes de Barros”*



*Departamento Regional de Saúde de Aracatuba - DRS II
Departamento Regional de Saúde de Bauru - DRS VI
Departamento Regional de Saúde de Franca - DRS VIII
Departamento Regional de Saúde de Piracicaba - DRS X
Departamento Regional de Saúde de Sorocaba -XVI
(sem imagens ilustrativas)*

Memórias que não devem ser esquecidas

“Amor, Aprendizado e Amizade”

Tudo se iniciou em 1995, com minha transferência da Secretaria da Fazenda, onde atuei na Folha de Pagamento do Estado.

Fui recebida no Gabinete do Secretário para atuar no Sistema de Gratificações de Saúde (SGS). Tenho uma gratidão imensa pelas pessoas que me acolheram e pela oportunidade de aprendizado.

Com a reestruturação do SGS, fui transferida para a Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH). Em seguida, um desafio nesta Coordenadoria: atuar na Equipe do Prêmio de Incentivo, cujo papel era criar produtos que gerariam o processamento da folha de pagamento, em parceria com técnicos da Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo (Prodesp).

Com a criação da São Paulo Previdência (SPPREV) em 2007, iniciou-se a informatização dos processos de aposentadoria. Surge assim, mais uma equipe na minha vida profissional, a Equipe de Assistência aos Processos de Aposentadoria (EAPP), na qual atuávamos em parceria com os técnicos da referida Autarquia.

Mais tarde, tendo em vista a reorganização da CRH, fui para a Assistência do Departamento de Recursos Humanos e, posteriormente, para o Centro de Orientação e Normas (CON), exercendo parte das funções que exercia na extinta EAPP.

No CON, fiquei até minha aposentadoria, que se deu em agosto de 2019. Me sentia muito jovem, apesar dos amigos (meninos) me chamarem de

“Dona Elza”, ademais, eu era a mais velha da turma.

Tenho muitas lembranças boas das nossas reuniões, dos treinamentos e das oficinas de Recursos Humanos com as Unidades. Aqueles foram momentos de muito aprendizado e divertimento.

O trabalho em equipe foi muito gratificante. Todos, sem exceção, deixaram marcas positivas na minha vida, não só profissional. Sinto saudades de todos. Trouxe amigos para a vida.

Gratidão!

Elza Maria da Silva

CRATOD - Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas: um Centro, uma Referência

Um prédio de 1934, localizado na Rua Prates, no bairro do Bom Retiro, no centro da cidade de São Paulo, abrigou inicialmente a Caixa Previdenciária de Aposentadorias e Pensões dos funcionários da Companhia Railway. Posteriormente, foi cedido ao Governo do Estado de São Paulo e passou a funcionar como o Núcleo de Gestão Assistencial 10 - Bom Retiro e, em 2002, tornou-se o Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (CRATOD), um ano após ser sancionada a conhecida lei antimanicomial, a lei n.º 10.216 de 2001, que teve como marco a implantação dos serviços comunitários, redirecionando o modelo de assistência em Saúde Mental no Brasil.

Este serviço funcionou no mesmo endereço ao longo de 21 anos, atendendo, predominantemente, pessoas em situação de rua, usuárias de álcool e outras drogas que, em sua maioria, vivem ou circulam na cena de uso da conhecida “Cracolândia” paulista, localizada a poucos metros da instituição. O CRATOD foi responsável por formar muitos trabalhadores de Saúde em todo o Estado de São Paulo, especializando-os no atendimento a usuários de drogas, além de ter sido importante protagonista nas Políticas Públicas ligadas ao tema de drogas e tabagismo.

É importante destacar aqui, que muitos servidores dedicaram mais de 21 anos de trabalho naquele local, pois já trabalhavam no mesmo prédio desde a época da Caixa Previdenciária e permaneceram após sua extinção. Então, puderam ver muitas coisas acontecerem, muitos casos chegarem e partirem, tantos casos de pacientes que se recuperaram, constituíram família, conseguiram trabalho ou voltaram a estudar.

O CRATOD também foi local de realização de muitos sonhos de pessoas que, por muito tempo, viveram nas ruas e, ao se vincularem ao tratamento ofertado, puderam participar de atividades terapêuticas ligadas à ocupação da cidade.

Durante alguns anos, os usuários que realizavam acompanhamento no serviço, puderam participar de um campeonato esportivo anual chamado Copa da Inclusão, que acontecia no Serviço Social do Comércio de Itaquera (SESC Itaquera), ocasião em que muitos trabalhadores se mobilizavam no serviço para acompanhar os usuários. Assim, eles tinham a oportunidade de ser os atletas que representavam o CRATOD, pois se reconheciam como um time e deixavam, ao menos naquele momento, de ser os chamados “nóias” ou “zumbis”, como a sociedade e grande parte da mídia insiste em personificá-los. Ao final do campeonato, podíamos, às vezes, contemplá-los com viagens ao litoral paulista. Nestes momentos, eram recorrentes os relatos de alguns, de ser sua primeira vez na praia, de poderem sentir e admirar o mar.

É muito bom saber que este serviço de saúde existiu e pôde investir na criação de estratégias que possibilitaram ampliar a vida de pessoas tão marginalizadas e apartadas socialmente.

Infelizmente, o CRATOD teve suas atividades encerradas em março de 2023. Porém, durante sua existência, muito trabalho foi feito e muitas vidas foram valorizadas. No CRATOD, a Saúde Pública foi empregada em ações de cuidado, que resultaram em ações emancipatórias voltadas à efetiva reabilitação psicossocial.

Raquel Cleide da Mota Carvalho

Feliz Coincidência

No final dos anos 70, fui aprovado no concurso para trabalhar no Centro de Reabilitação de Casa Branca (Cocais). Já havia se passado algum tempo, quando recebi a visita de um Agente de Saúde anunciando a minha aprovação e a data da apresentação. No dia da posse, fui gentilmente recebido pelo Diretor, Dr. Paulo, que me indicou o setor no qual eu deveria trabalhar: o Núcleo de Terapia Comportamental (NTC). Pois bem, a partir de então, passei a fazer parte da equipe, exercendo a função de Atendente.

Logo fui indicado para compor o grupo de Laborterapia, em uma casa simples de quatro cômodos, onde se abrigavam, mais ou menos, uns doze pacientes. Ali eram praticadas as atividades diárias, como desenho, pintura, modelagem, confecção de tapetes e a pintura em brinquedos de madeira, que eram produzidos na marcenaria ao lado.

A princípio, por não estar familiarizado com os pacientes, sentia o ambiente um pouco tenso, pois desconhecia a reação de alguns que me olhavam com “cara de mau”, outros já nem tanto, mas que passavam a ideia de perigo, afinal, eu estava trabalhando em um Hospital Psiquiátrico, local onde habitavam os chamados “loucos”. Citando um trecho de um livro escrito por Khalil Gibran, “a loucura é o primeiro passo para a abnegação. Sê louco e dize-nos o que há por trás do véu do juízo. A finalidade da vida é aproximar-nos desses segredos, e a loucura é o único meio.” Entendi, então, que não se deve cuidar da loucura, mas sim da doença.

Certa vez, aconteceu um caso muito interessante: todos os dias, ao atravessar a pequena praça que dava acesso ao Ateliê, era de praxe encontrar ali o paciente Fugêncio, que com o radinho embaixo do braço, balbuciava

algumas palavras que não dava para entender por causa do volume do rádio. Eu, por minha vez, confesso que a princípio fiquei indiferente, achando que era algo sem importância ou uma espécie de mudança de comportamento ou coisa parecida. Mas, na verdade, era Deus me dando a oportunidade de participar daquele acontecimento.

Em uma ocasião, parei para ouvi-lo e, então, ele disse que tinha escutado falar seu nome no pequeno rádio. Perguntei-lhe em que rádio estava sintonizado. Ele disse o nome da rádio e que era do Mato Grosso. Eu ponderei e perguntei: “Como assim?”. Ele respondeu: “Eu anotei o endereço no papel” e, tirando do bolso o tal papel, me entregou, dizendo que eu poderia ficar com ele.

Imediatamente, eu voltei para a unidade e, após explicar o fato, entreguei aquela anotação ao encarregado. Isso se deu numa quinta-feira. Na sexta-feira, tive que faltar, mas na segunda-feira, ao retornar ao trabalho, tamanha foi minha surpresa quando o paciente Diogo veio ao meu encontro dizendo que o Fugêncio tinha recebido visitas e que eram da família, desde netos, filhos, enfim. Soube depois que foi um momento único, de muita emoção. Fiquei muito feliz e imaginando o instante do encontro. Não sei o que aconteceu, apenas que há muitos e muitos anos vinham à procura deste familiar e nunca desistiram. Por fim, um final feliz! Aí, fico pensando em quantos casos semelhantes, ou talvez mais interessantes, estão calados por aí?!

No tempo em que passei trabalhando no Cocais, gostava de conversar com os pacientes, ao ponto de entrar em suas vidas; por exemplo, descobri que dois pacientes eram vizinhos na Bahia, Jó Hortêncio e Zé do Norte. Ao conversar com ambos, me contaram esse fato: que a mãe de um costurava para a mãe do outro. Então, houve motivo de descontração e riso, sem

contar tantos outros.

Casos interessantes, mas que, às vezes, passam despercebidos. Deveria ter aproveitado para ouvir mais, ter dado mais atenção, porque ali havia pessoas com suas histórias, seus talentos, suas inteligências: poetas, benzedores, atores, músicos instrumentistas, padre, médico, advogados, repentistas, pintores... todos com suas habilidades embotadas residindo juntos ali.

João Amaro varria as folhas no jardim do Núcleo de Oficinas. Toda vez que passava em frente ao Ateliê, todo acanhado, ficava olhando admirado os demais que ali estavam fazendo os trabalhos de pintura. Muitas vezes, até o convidei para que entrasse, porém, sem sucesso. Mas, num belo dia, bem cedinho, ele deixou a vassoura que carregava e entrou. Daí para frente tornou-se um exímio frequentador. Fiquei surpreso com seu trabalho, percebi também que melhorava a cada dia. Tornou-se, então, um artista e chegou a ganhar o primeiro lugar na Exposição em Mococa, juntamente com Abraão.

Essas memórias revelam a importância da escuta, do acolhimento e do vínculo que se constrói no dia a dia com os pacientes. Muito se fala sobre essas coisas hoje em dia, mas, naquela época e naquele contexto num Hospital Psiquiátrico, esses conceitos estavam ainda emergindo. A Gestão de Pessoas, que se deu por meio de uma supervisão técnica externa, naquele momento foi crucial para conduzir a equipe para um novo modo de cuidar.

Ademir Martins

Impactos da Implantação do Aplicativo SOU. SP.GOV.BR para o Funcionário Público

No início do ano de 2024, por meio do Decreto nº 68.306, ficou determinado que a realização do Recadastramento Anual, para a atualização da base de dados cadastrais, passaria a ser realizado de forma digital para os servidores e empregados públicos civis e militares ativos da Administração Direta, Autarquias, inclusive as de regime especial e Fundações do Governo do Estado de São Paulo.

A partir da publicação desse Decreto, as Unidades se depararam com um novo contexto pois, até então, esse procedimento para os servidores da Saúde era realizado anualmente através de um site, mudando então para um aplicativo, o SOU.SP.GOV.BR, a ser baixado no telefone celular.

Na Unidade a qual pertencço, Hospital Geral de São Mateus, atuando como Enfermeira do Trabalho, nos encontramos em uma situação em que os funcionários, muitas vezes com uma idade mais avançada, apresentam dificuldades com as questões digitais, como manusear celulares e aplicativos, além da ansiedade e angústia diante dessa realidade em que o aplicativo do Governo Estadual passou a fazer parte de uma nova rotina, com as funcionalidades de recadastramento e de informações da vida funcional.

Em função do prazo determinado pelo Decreto, inicialmente, até 17 de março de 2024 (posteriormente foi prorrogado), decidimos trabalhar em equipe na Unidade, para auxiliar os funcionários que, por algum motivo, não estavam conseguindo realizar o cadastro, como criar a conta GOV.BR, nivelá-la para Prata ou Ouro e, dessa forma, consolidar o recadastramento.

Passamos por dificuldades durante o processo, mas os momentos de

integração e solidariedade superaram os desafios pois, a cada recadastramento que concluíamos, a alegria dos funcionários era visível, principalmente dos mais idosos, ao aparecer na tela do aplicativo: "Recadastramento Concluído 100%"

Gabriela de Cassia Malaspina Vinholi

Encontro de Almas

Santina, filha de Santo e Josephina, já nasceu com nome de pureza e inocência. Com uma infância difícil e em uma época mais difícil ainda, dentre os desígnios da vida, se perdeu da família.

Depois de seus irmãos partirem, Santina ficou. E com ela, a curiosidade de uma sobrinha que nunca a tinha visto, somente ouvido sobre ela. “Afinal, Santina, quem é você? Me dizem que você é uma italiana brava, mas que carrega consigo a maior bondade que existe nesse mundo. O que você faz às três da tarde? Me conte sobre ti! Conheci meu pai e conheci minha família, mas não te conheci.”

Quando o contato foi feito com a Gabriela, psicóloga responsável do Centro de Reabilitação de Casa Branca (CRCB), eu só tinha um nome completo; um nome e muita curiosidade. Eu não sabia nem sequer se Santina estava viva. Eu não tinha nada a perder, mas também não sabia que tinha tanto a ganhar! Depois de meses pensando que havia caído no esquecimento ou em dificuldades da busca - pois como se encontra uma pessoa sem dados? - sem saber por qual instituição começar ou para qual cidade ela foi, fui presenteada com a maior lembrança viva da minha família.

Gabriela, em seu pouco tempo diário, disponibilizou o suficiente para que, seja onde for que Santina estivesse, conseguisse ser localizada, mesmo tendo somente um nome. Sem saber, me trouxe a única pessoa que herda o sobrenome da minha ancestralidade, minha memória mais real. Ela não tinha nada a ganhar, não conhecia a história e não sabia do sentimento envolvido; mas sabia trabalhar com amor, sabia que, se eu tive a iniciativa da procura, é porque eu tinha um desejo profundo por trás e,

mesmo sem entender, ela deu seu melhor sem exigir maiores explicações.

Se me perguntarem sobre trabalhar por amor e quais os resultados disso, me lembrarei de Gabriela. Foi algo rotineiro, provavelmente banal, no dia a dia dela: somente dez minutos de conversa entre mim e ela, mas que impactaram nossa vida toda, a minha e a da Santina. Foi um reencontro de duas pessoas que nunca tinham se visto, um reencontro ancestral, um toque de alma.

Sem a Gabriela e seu serviço diário minucioso, eu nunca teria tido a chance de saber que o amor não é medido em palavras, e sim em olhares. Afinal, eu nunca soube o que a Santina fazia às três da tarde, ela nunca soube falar e, dessa forma, eu descobri que o amor é não verbal. É sorriso, é olhar profundo e sincero. Por isso, eu agradeço imensamente à Gabriela, pois ela demonstrou sua humanidade em meio ao habitual e, no mundo em que vivemos, precisamos dessa chama que ela tinha.

Graças à forma como ela me ajudou, hoje eu presto atenção aos detalhes, tanto do cotidiano quanto do meu serviço, e consigo ser mais minuciosa nesses detalhes pois, talvez, eles signifiquem algo importante na vida de alguém. Assim espero que, de espectador em espectador, isso seja significativo e proporcione aprendizado, assim todos seremos capazes de demonstrar sensibilidade às pequenas coisas, não só no âmbito profissional.

O que não faz sentido para você, pode ser uma mudança de vida para outra pessoa. Obrigada por me mostrar isso, Gabriela!

Rosangela Madureira

Menino André

Durante o passar dos dias, entre serviço, casa, família e afazeres, acabamos não percebendo a grandeza das pessoas que nos rodeiam.

Cada uma no seu universo particular, com suas perspectivas, opiniões e formas de agir, mas o André não passava despercebido na vida de ninguém. Toda e qualquer pessoa que já teve algum contato com ele, se encantou pela aura de alegria que trazia consigo. André não carregava tantas preocupações, sua preocupação era o amor. Uma energia tão suave e leve, que viver perto dele era tranquilo e prazeroso.

Viagens, simples viagens a trabalho, que deveriam ser exaustivas, eram mais leves quando ele estava. Às vezes, a alegria era dividir uma enorme panqueca no almoço.

Nós torcemos tanto para que o dia acabe logo, para que a semana passe rápido e contamos os dias para tirar férias, mas nos esquecemos de aproveitar a companhia das pessoas que fazem o nosso dia realmente “ser dia”. E você fazia o nosso dia ser dia!

Dentro de um ambiente de trabalho e com a responsabilidade que o serviço exigia, você era um amigo. Era uma pessoa ímpar, que conduzia sua equipe com todos os desafios diários na rotina do serviço. Mas essa rotina nem pesava, pois você fazia tudo com leveza.

Até que um dia, exatamente em 07 de fevereiro de 2024, fomos pegos de surpresa. A equipe de almoxarifado estava resolvendo situações do dia a dia, mas faltava algo, alguma coisa parecia não estar certa. Todavia, era quarta-feira.

André, naquele dia, não mostrou ao mundo sua energia tão singela, não entrou sorrindo e nem deu seu “bom dia” a quem estava acostumado. André, aquele dia, não dividiu uma enorme panqueca com ninguém e nem conseguiu tirar a preocupação das pessoas, por alguns minutos que fosse: ele não apareceu, não ligou, não deu notícia...

Por que, André? Quarta-feira é meio de semana, não é dia de partir! Mas você era tão bom, que Deus te quis por perto mais cedo.

Por aqui, você continua sendo luz e inspiração. Aqui, nossos dias continuarão sendo comuns, mas sem a sua companhia, eles não serão completos.

Ah, menino! Porquinho era seu apelido.

Nos enganou. Na terça-feira, à tarde, nos disse: “Até amanhã!”

Esperamos que onde você estiver, tenha superpanquecas!

Você será sempre uma lembrança boa nas nossas conversas.

Equipe Centro de Reabilitação de Casa Branca (CRCB)

Rosangela Madureira

Preso no Elevador

Três elevadores pareados servem o quinto andar da Secretaria de Estado da Saúde. Cada qual com seus comandos externos e a sinalização seguida da sonorização de subir e descer, com as respectivas setas indicativas. Basta um leve toque seguido da confirmação e seu destino será traçado para o andar desejado. As máquinas param com elegância e, com a educação artificial, aguardam a entrada e saída dos passageiros, que se acomodam no vasto espaço para um transporte seguro.

Tecnologia perfeita, admirável. Sem falhas, a não ser quando rompe o fornecimento da energia elétrica.

A inteligência artificial que comanda as máquinas é tamanha que, se o passageiro pressionar o botão de comando anunciando que outras pessoas farão uso do transporte, o sistema irá calcular se o elevador terá sobrecarga e, automaticamente, não fará a parada para recolher os usuários.

E foi assim, neste clima de absoluta segurança, que acionei o botão do térreo e fiquei aguardando o elevador que seria selecionado. O que carrega a letra “C” silenciosamente se apresentou e abriu a porta, mas sem qualquer sinalização sonora ou visual. Estranhei, mas com a tecnologia não se discute e sim, obedece. Entrei e a porta se fechou na sequência. O elevador, como se estivesse esgotado da sua lide diária, estancou de forma abrupta. Assustei-me e, na condição de único passageiro, procurei o controle interno e vislumbrei o sinal indicativo de telefone. “Menos mal”, pensei. Tecnologia embarcada junto comigo.

Mais do que depressa acionei o botão e, após algum tempo, uma voz timidamente atendeu a chamada.

“Estou preso”, disse eu, pausadamente.

“Onde?”, retrucou a mulher que atendeu o telefone.

“No elevador, ora”, insisti.

Ela emendou: “Então fica aí, não sai daí, viu?”, e assim, fez cair por terra toda minha esperança.

Confesso que a preocupação reacendeu acelerada, assim como o batimento cardíaco. Achava um absurdo aquela situação, que mais parecia com uma história kafkiana. Comecei a vasculhar ponto por ponto do elevador, para ver se encontrava alguma outra possibilidade de me livrar do claustro forçado. Nada encontrei.

Passei a blasfemar contra a inteligência artificial e, principalmente, contra os seus algoritmos considerados mais do que perfeitos. Pensei que eles desenvolviam raciocínios instantâneos que, como em um passe de mágica, solucionassem o problema que não era humano, mas sim da máquina, que foi criada com vieses cognitivos especializados para, em poucos segundos, fazer a leitura do quadro e resolver o problema, que o homem demandaria várias horas.

Eu me considerava limitado e impotente para conseguir minha liberdade. Ainda mais que já passava das 19 horas. Tentei entrar em contato com o mundo exterior, mas sem sinal no celular, porque no interior da cabine predomina somente a inteligência artificial, senhora absoluta do espaço.

Voltei a periciar o interior do elevador e cheguei a pensar que algum fio perdeu a conexão, conclusão que me incentivou a desferir vários pontapés na parte inferior, mas sem qualquer resultado positivo, a não ser o som abafado.

O espaço ficava cada vez mais reduzido, mesmo para um só passageiro, e senti que a sensação de desânimo tomou conta de mim naquele retângulo claustrofóbico. E comecei a entender o porquê de muita gente não gostar e ter medo de elevador.

Quinze minutos já haviam se passado e nada de solução, a não ser minhas críticas, que fazia à empresa responsável.

Num repente, para meu espanto, a porta se abriu e entrou uma passageira. Na ânsia de conversar com alguém, relatei minha aventura. Ela achou muito estranho porque o elevador estava parado. Foi quando percebi que ainda estava no quinto andar e de lá não saí.

Concluí que ocorreu uma colidência entre a inteligência humana e a artificial.

Eudes Quintino de Oliveira Junior

Tomar Banho de Sol

Os ciclos da vida têm um fim. Ou seja, eu preciso entender como natural o encerramento, na minha vida, de um projeto profissional robusto ao qual me dediquei nos últimos 11 anos. Um trabalho de muitas horas e de muita emoção e que, no meu mundo, não existirá mais. Talvez isso seja tão natural quanto a chuva torrencial após um dia de calor intenso. Então, eu simplesmente devo sair às ruas para me refrescar do ardido sol que me abençoou, mas que também me deixou profundas marcas.

Lembranças nos enganam. Fatos importantes escapam. Não me lembro de quando foi a primeira vez em que entrei na casa amarela que seria minha morada na última década. Nem de quando começamos a tomar café na copa às sextas-feiras de manhã em que, religiosamente, levamos pão francês, manteiga e queijo branco. O nosso café com bobagem, que fica mais saboroso com o bolo quentinho de milho. E fica completo se temos o pé de frango feito na hora! Bem fresquinho! Eu gosto de pensar que a copa é meu local predileto do trabalho. Ali, podemos ser um pouco de nós mesmos e acho que também foi lá que comecei a me aproximar de pessoas que viraram grandes amigas.

Ou ainda, sequer me lembro de quando foi que eu percebi que a primeira sala de atendimento, que fica à direita, é a minha predileta. Ninguém entende meu apreço cotidiano de ir para o consultório que tem o computador mais lento. Mas também é o que tem a maior janela onde bate sol nas manhãs. Mesmo nos dias de chuva, aquele local é mais iluminado e, para mim, a luz natural costuma proporcionar um acolhimento maior.

Mas eu me lembro bem de uma das primeiras histórias com a qual me deparei quando comecei a trabalhar lá e que foi marcante para mim: a de uma senhora da República Tcheca, que morava aqui no litoral de São Paulo, e que tinha um câncer avançado e incurável. No nosso primeiro contato, ela me narrou o motivo de ela ter vindo para o Brasil. Era nítido,

pelo seu sotaque arrastado e pela falta de fluidez nas palavras, que ela tinha recém-aprendido o português. Naquele momento, eu percebi que as mulheres são vulneráveis em qualquer lugar do mundo e que uma mãe sempre pode ser mais do que corajosa. Krystyna, com cerca de 60 anos, morava com a filha estrangeira e os netos brasileiros numa zona rural do litoral norte de São Paulo.

- Juliana, me diga uma coisa, quanto tempo eu tenho de vida?

Talvez essa tenha sido uma de suas primeiras perguntas. Elas saíram apressadamente da sua boca. Com uma articulação ainda exitosa, devido à fronteira da língua, mas com uma velocidade que evidenciava que ou ela perguntava de uma vez ou perderia a coragem. Como se cuspsse de uma vez todo o medo que lhe assombrava.

Habitualmente, ao receber essas perguntas, nós, profissionais de cuidados paliativos, as acolhemos. Tentamos entender se a pessoa quer mesmo saber do tempo, sobre o qual, em geral, não temos precisão a ser estimada. Ou ainda, se essa pergunta significa algo mais profundo. Mas, no caso dela, me confessou que precisava dessa informação para se organizar. Em especial, porque nunca mais tinha voltado à sua cidade natal, Praga, onde tinha deixado sua mãe e um imóvel no seu nome. Entendendo suas preocupações, estabelecemos uma intimidade autêntica, pois conversar sobre finitude com alguém realmente doente e que pretende definir suas diretrizes de vontade, é um processo que, naturalmente, cria um laço.

Esse cordão se enovelou por cerca de 24 meses, nos quais construímos uma relação de amizade e cuidado. Dela para comigo. De Krystyna para com o resto da equipe multiprofissional, incluindo os médicos residentes em formação que, com ela, aprenderam mais do que tratar dor ou enjoo. Nos seus últimos dias de vida, eu me entristeci demais. Tinha dificuldade de ser a profissional que sempre dizia a verdade que ela precisava ouvir. Krystyna percebeu minha mudança de comportamento e comentou com o médico residente:

- Daniel, vou lhe perguntar uma coisa porque acho que a Juliana não tem mais condições de me responder verdadeiramente. A partida está próxima, né?

Essa e tantas outras histórias fizeram parte dos últimos 11 anos. E é isso que fez o amor nascer como um bebê. E crescer como uma criança espichando. As mudanças foram sutis como o corpo de um adolescente, cuja voz desafina antes de engrossar. De repente, adulto. De repente, um serviço com mais de 20 funcionários, que atende centenas de pessoas por dia, milhares por mês e que se tornou uma grande referência em qualidade na cidade, graças ao amor das pessoas que o construíram, todos os dias, tijolinho por tijolinho.

Agradeço a cada companheiro e companheira de trabalho pela troca. Agradeço ao público atendido pela confiança. Vamos agora florescer em outros jardins. Que nunca me falte uma janela com sol para ajudar as minhas sementes.

Juliana dos Santos Tavares

